

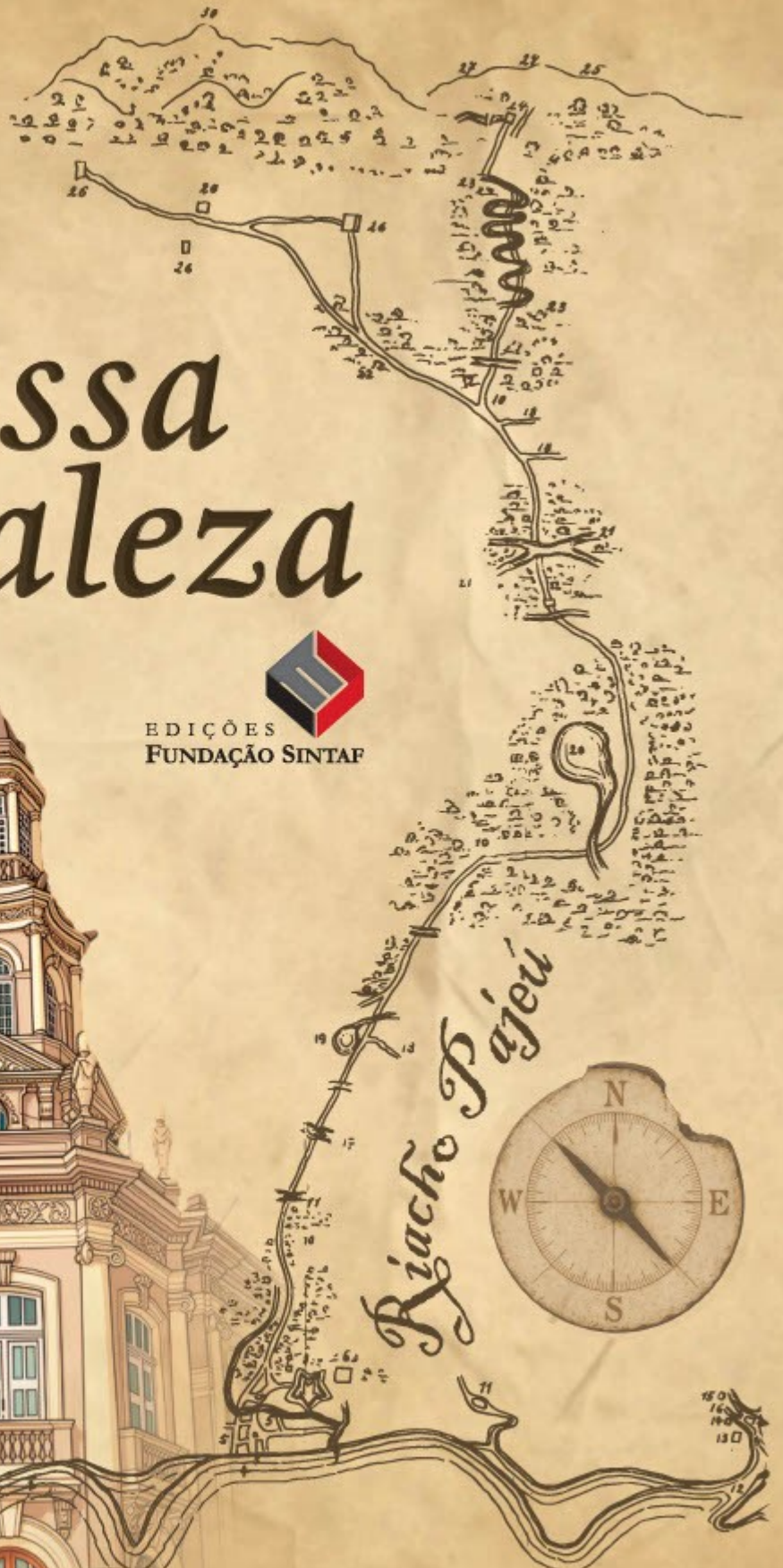
Organização: Fundação Sintaf

À nossa Fortaleza

À nossa Fortaleza



EDIÇÕES
FUNDAÇÃO SINTAF



À NOSSA FORTALEZA

À NOSSA FORTALEZA

Homenagem

do Sindicato dos Fazendários do Ceará (SINTAF)
e da Fundação SINTAF aos 300 anos de Fortaleza

À NOSSA FORTALEZA

© Edições Fundação Sintaf, 2026

© Autoras e Autores [Textos]

© Pintoras e Pintores [Ilustrações]

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Mailson Furtado

DIAGRAMAÇÃO

Dércio Braúna

CAPA

Edições Fundação Sintaf

Marcus Paulo Viana Saraiva

IMAGENS

[Ilustrações] Vide p. 187 relação de artistas e suas respectivas obras.

[Outras imagens] Acervo Digital de Fortaleza [<https://acervo.fortaleza.ce.gov.br/>]
e Freepik.com (com intervenções).

IMPRESSÃO E ACABAMENTO

Gráfica LCR

Rua Israel Bezerra 633 – Dionísio Torres

Fortaleza-CE – CEP 60135-460

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

À Nossa Fortaleza. -- 1. ed. -- Fortaleza, CE : Fundação Sintaf, 2026.

ISBN 978-85-66674-11-8

1. Coletânea - Miscelânea 2. Cultura brasileira

3. Fortaleza (CE) - Descrição 4. Fortaleza (CE) - História.

26-344104.0

CDD-981.31

Índices para catálogo sistemático:

1. Fortaleza : Ceará : História 981.31

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

FUNDAÇÃO SINTAF

Rua Padre Mororó, 952, Centro

Fortaleza – Ceará – Brasil

CEP 60015-220



DIRETORIA COLEGIADA (2024-2027)

MEMBROS EFETIVOS

Carlos Brasil Gouveia (Diretor de Organização)

José Oliveira dos Santos (Diretor Administrativo e Financeiro)

Remo Cesar de Oliveira Moura (Diretor de Relações Institucionais e Formação Sindical)

Stélio Girão Abreu (Diretor de Aposentados)

Francisco Ivanildo Almeida de França (Diretor Jurídico e Econômico-Tributário)

José Nilson Fernandes Filho (Diretor de Comunicação, Cidadania e Cultura)

MEMBROS ADJUNTOS

André Moreira Araújo de Santana (Diretor Adjunto de Comunicação, Cidadania e Cultura)

José de Sousa Pinheiro (Diretor Adjunto de Relações Institucionais e Formação Sindical)

Roselena Moreira da Silva Melo (Diretora Adjunta de Aposentados)

Ana Kétilla do Amaral Cavalcante Lopes (Diretora Adjunta Jurídica e Econômico-Tributária)

COORDENAÇÕES REGIONAIS

José Jaime Vale (membro efetivo) / Coord. Regional do Apodi

Raimundo Dias Loyola Filho (membro efetivo) / Coord. Regional da Zona Norte

Célia Maria de Oliveira Elói (membro efetivo) / Coord. Regional do Cariri

Fco Linete Cavalcante Lima (membro adjunto) / Coord. Regional do Apodi

Walden Angelim Arcanjo (membro adjunto) / Coord. Regional da Zona Norte

Larissa Clara Stefenoni Harada (membro adjunto) / Coord. Regional do Cariri



DIRETORIA EXECUTIVA (2024-2027)

Liduíno Lopes de Brito (Diretor Geral)

Lauro Sodré Gomes Neto (Diretor Administrativo-Financeiro)

Antonio Ferreira de Miranda (Diretor Técnico-Científico)

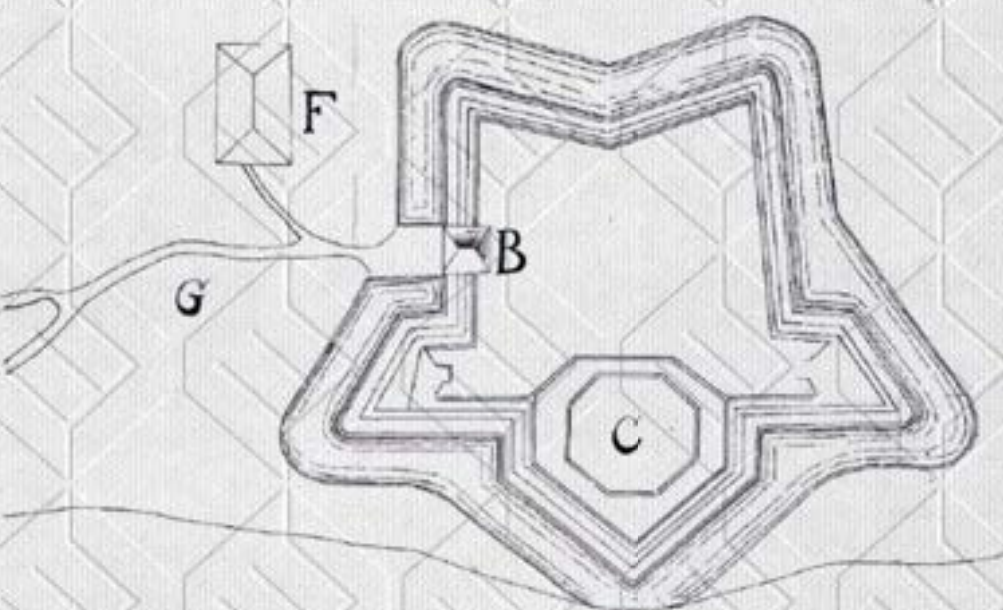
Luiz Carlos Diógenes de Oliveira (Diretor de Cidadania, Inclusão Social e Cultura)

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: <i>Um tributo à Fortaleza</i> , Carlos Brasil Gouveia	11
PREFÁCIO: <i>À nossa Fortaleza</i> , Liduíno Lopes de Brito	13
Ana Márcia Diógenes	19
<i>Esperançar Fortaleza</i>	
Evandro Leitão	22
<i>Fortaleza, minha casa</i>	
Renato Pessoa	25
<i>Eu Fortaleza de mim</i>	
Artur Bruno	27
<i>Fortaleza 300 anos: formação, crescimento e desafios de uma cidade...</i>	
Chico Araújo	30
<i>Fortaleza: “recortes” de uma cidade onde nasci e onde sou</i>	
Acrísio Sena.....	32
<i>Fortaleza em mim</i>	
Elias de França	33
<i>Uns “dedinhos de prosa” em glória da cidade-forte</i>	
Wildys Oliveira	38
<i>Fortaleza tricentenária (em homenagem à cidade do sol)</i>	
Kleber Silveira	43
<i>Fortaleza – a capital dos cearenses completa 300 anos</i>	
Antonio Miranda	46
<i>Adotado pela brisa</i>	
Mirelle Costa	48
<i>Fortaleza é mulher</i>	
Cícero Cavalcante	51
<i>Fortaleza no divã de leste a oeste</i>	
Alan Mendonça	56
<i>Casa de lápis de cor</i>	
Mailson Furtado	61
<i>[aqui a terra da luz se norteia]</i>	
Nazário Viana	64
<i>Dando nome aos bodes</i>	

Raymundo Netto	66
<i>Fortaleza em gramas de plástico</i>	
Brennand Bandeira	68
<i>Das coisas insuspeitas</i>	
Argentina Castro	70
<i>Minha favela é uma fortaleza</i>	
Bruno Paulino	74
<i>Iracema punk</i>	
Cicinato Ferreira	77
<i>Fortaleza e a fortaleza do tempo</i>	
Emanuela Ribeiro	79
<i>Geografia de afetos</i>	
Kelsen Bravos	81
<i>As lições do sol-posto em Fortaleza</i>	
Márcia Ximenes	83
<i>[Fortaleza, Fortaleza]</i>	
Idilvan Alencar	86
<i>Fortaleza, parte da minha história</i>	
Patrícia Cacau	88
<i>Fortaleza</i>	
De Assis Diniz	90
<i>A Fortaleza que acolhe a luta do povo</i>	
Falcão	92
<i>Minha história com Fortaleza...</i>	
Grecianny Carvalho Cordeiro	95
<i>Fortaleza 300 anos</i>	
Joelina Amélia	97
<i>Fortaleza: o sol que nos guia e a memória que nos chama</i>	
Carlinhos Crisóstomo & Sebastião de Paula	100
<i>Fortaleza tricentenária</i>	
Aurelina Faria	104
<i>Memórias afetivas da fortaleza dos anos 70</i>	
Tarcísio Matos	108
<i>“Poeta dos cachorros” — alma a serviço da fortaleza 300</i>	
Fabrízio Gomes	112
<i>Minha Fortaleza</i>	

Paulo Fraga-Queiroz	114
<i>Sempre será bárbara a terra que a barbárie não consegue conquistar</i>	
<i>Praieira é a cidade que me lava o coração</i>	
Klévisson Viana	118
<i>Ioiô – uma entrevista com o bode mais querido do Ceará</i>	
Baticum Proletário	132
<i>Sou periferia – sou Fortaleza</i>	
Luiz Carlos Diógenes	136
<i>De Fortaleza a Azelatrof, utopia do Pajeú</i>	
Isabel Pires	138
<i>Riacho Pajeú: crônica de um rio soterrado</i>	
Rosa Morena	142
<i>Cartografia afetiva</i>	
Iara Palácio	143
<i>Fortaleza é encanto</i>	
Arminda Serpa	144
<i>Praça do Ferreira (uma paisagem de sol)</i>	
Gláucia Lima	148
<i>Fortaleza dos sonhos</i>	
Alexandre Cialdini	151
<i>Fortaleza: a capital que abraçou os cearenses</i>	
Dulce Ane Lucena	153
<i>Milk-shake, banana-split ou sunday? Eis a questão</i>	
Nilson Fernandes	156
<i>Sabiaguaba – a natureza do sabiá resistente, farol de Fortaleza</i>	
Zélia Sales	158
<i>Trezentas jangadas de velas</i>	
Lisiane Forte	160
<i>Azedume</i>	
Dércio Braúna	164
<i>Sob a bruteza de teu nome</i>	
AUTORAS E AUTORES	169
PINTORAS E PINTORES	179
ILUSTRAÇÕES DA OBRA	187
ÍNDICE DE TRABALHOS (ORDEM ALFABÉTICA)	189



Um tributo à Fortaleza

APRESENTAÇÃO

No ano em que celebramos os 300 anos de Fortaleza, a Fundação Sintaf, com o apoio do Sindicato dos Fazendários do Ceará (Sintaf), apresenta a obra *À Nossa Fortaleza* como um gesto de reverência e reconhecimento à capital cearense.

Cidade marcada pela diversidade cultural e artística, Fortaleza construiu sua identidade a partir do talento, da riqueza e da pluralidade de seu povo, que, ao longo dos séculos, transformou vivências em expressão e memória.

A publicação chega em momento oportuno, reunindo artistas de múltiplas linguagens – crônica, poesia, gravura, cordel e canção – para traduzir, sob diferentes olhares, as experiências e afetos que os ligam à cidade. As páginas que se seguem entrelaçam lembranças pessoais e reflexões críticas, compondo um retrato sensível e, ao mesmo tempo, consciente de Fortaleza: do que ela nos ofereceu, do que se perdeu no percurso e do que ainda pode (e deve) ser resgatado.

Conhecida como Terra da Luz, a capital cearense revelou ao país personalidades que iluminaram as artes e o pensamento brasileiro. Com esta obra, buscamos ampliar esse legado, fazendo ecoar as vozes contemporâneas que refletem sobre a cidade e despertam, nos fortalezenses, não apenas o sentimento de pertença, mas também a responsabilidade coletiva de cuidar e projetar o futuro comum.

Assim como eu, muitos filhos de Fortaleza têm suas raízes fincadas no interior do Estado. Somos descendentes daqueles que aqui chegaram movidos pelo desejo de construir uma nova história. Por essa vocação, Fortaleza deve afirmar-se como cidade acolhedora, livre de qualquer forma de discriminação. Para honrar plenamente o título de Terra da Luz, precisa enfrentar com determinação os desafios da pobreza e da desigualdade social – afinal, o sol nasce para todos.

Das areias da Praia do Futuro ao pôr do sol na Barra do Ceará, das histórias preservadas no Theatro José de Alencar à efervescência cultural do Centro Dragão do Mar de Arte e Cultura, passando pela imponência da Catedral Metropolitana e pela brisa serena da Praia de Iracema, Fortaleza revela-se como um mosaico de paisagens, memórias e afetos que celebramos com orgulho, e que esta obra procura eternizar.

CARLOS BRASIL GOUVEIA

Diretor de Organização do Sindicato dos Fazendários do Ceará (Sintaf)



À nossa Fortaleza

PREFÁCIO

Como nascem as cidades?

Pelo desejo dos Deuses, através das lendas e mitos.

A primeira grande cidade do Novo Mundo – Tenochtitlán – foi criada por determinação do Deus do Sol, da Guerra e do Sacrifício cujo nome Huitzlopochtli significa “Beija-flor do Sul”: os astecas deveriam deixar o lugar onde viviam em harmonia com a natureza e se estabelecer onde eles encontrassem uma águia devorando uma serpente. Obedientes à vontade de seu Deus, eles vagaram por anos, cruzando desertos inclementes e montanhas imponentes até que no meio do Lago Texcoco, em uma pequena ilha conhecida pelo nome de México, eles avistaram uma águia, majestosa e feroz, empoleirada no topo de um cacto, subjugando com o bico e suas potentes garras uma serpente. Estava realizada a profecia: a imagem da águia devorando uma serpente simboliza a vitória do sol sobre seus inimigos; o triunfo dos guerreiros astecas sobre os antigos povos. Nascia, assim, um império militarista e comercialmente ativo, notável por sua agricultura avançada (chinampas), religião politeísta com sacrifícios humanos e hierarquia social rígida. A capital desse império, Tenochtitlán, foi fundada em 1325 e hoje corresponde à Cidade do México.

As cidades nascem também, conforme ensinamentos da História Universal das necessidades dos homens, através da utilização das riquezas da Mãe Terra – Pacha Mama – e em especial, dos mananciais dos rios: - do Tâmisia, nasce Oxford e Londres; Paris é banhado pelo Sena; do Danúbio, a cidade de Viena; do Amazonas, a cidade verde de Manaus. Enfim, do Tejo, nasce Lisboa.

Parafraseando Alberto Caeiro ora eu diria que o Tejo é mais belo que o ‘riacho’ que corre pela minha aldeia, mas o Tejo não é mais belo que o ‘riacho’ que corre pela minha aldeia. Porque o Tejo não é o ‘riacho’ que corre pela minha aldeia: o riacho que corre pela minha aldeia é o **Pajeú**.

Hoje, em 2026, minha aldeia está completando 300 anos.

A Cidade do México em 2025 completou 700 anos. Esta grande cidade foi fundada sobre a água rodeada por uma extensa área lacustre. Nesse tempo, a água potável provinha de vários rios, lagos e mananciais, como os de Chapultepec, Santa Fé, o Deserto dos Leões e Xochimilco.... Hoje a maioria de seus rios está soterrada ou canalizada. Como parte dessas festividades os mexicanos estão promovendo o resgate dos rios “negados” da Cidade do México, como em outras cidades no mundo...

Urge tomarmos a mesma medida em relação ao nosso Pajeú. Vamos revitalizar o Riacho que nos legou a nossa fortaleza!

Aniversário de 300 anos só ocorre uma vez, e isto pede uma revisitação emotiva e conscienciosa. A História não se conserva só na lembrança do frio fato congelado, mas também pela chama acesa das reinterpretações.

A Fundação Sintaf pensou em prestigiar esta efeméride com uma obra de arte para a história. Além da arte literária que aí se apresenta, com mais volume, segue também imagens de gravuras e quadros feitos por artistas fortalezenses e ainda duas músicas que podem ser ouvidas a partir da captura de um QR Code que a elas remetem. Desta forma, poemas, crônicas, cordel, gravuras, pinturas e músicas formam a miscelânea de trabalhos artísticos inéditos. O conjunto da obra orientou-se pelo apelo exclusivo de homenagear nossa Fortaleza tricentenária em 13 de abril de 2026, com o olhar subjetivo e sentimento singular de cada autoria.

Não é somente um livro, o que se quer é um presente à nossa Fortaleza - cidade que amamos, resolutamente, a despeito de certos ódios que nos acomete no curso de um modelo civilizatório segregacionista. O desenvolvimento será sempre social e ecológico. Atalha e retifica a rota falaciosa do estrito crescimento econômico. Fortaleza é bela, contudo! Se um dia foi destino final dos sertões adustos, o sonho do mar sem fim permanece sem dar as costas para o interior, sempre acolhendo-o. Por origem ou adoção, somos fortalezenses, de coração, autoras e autores desta obra.

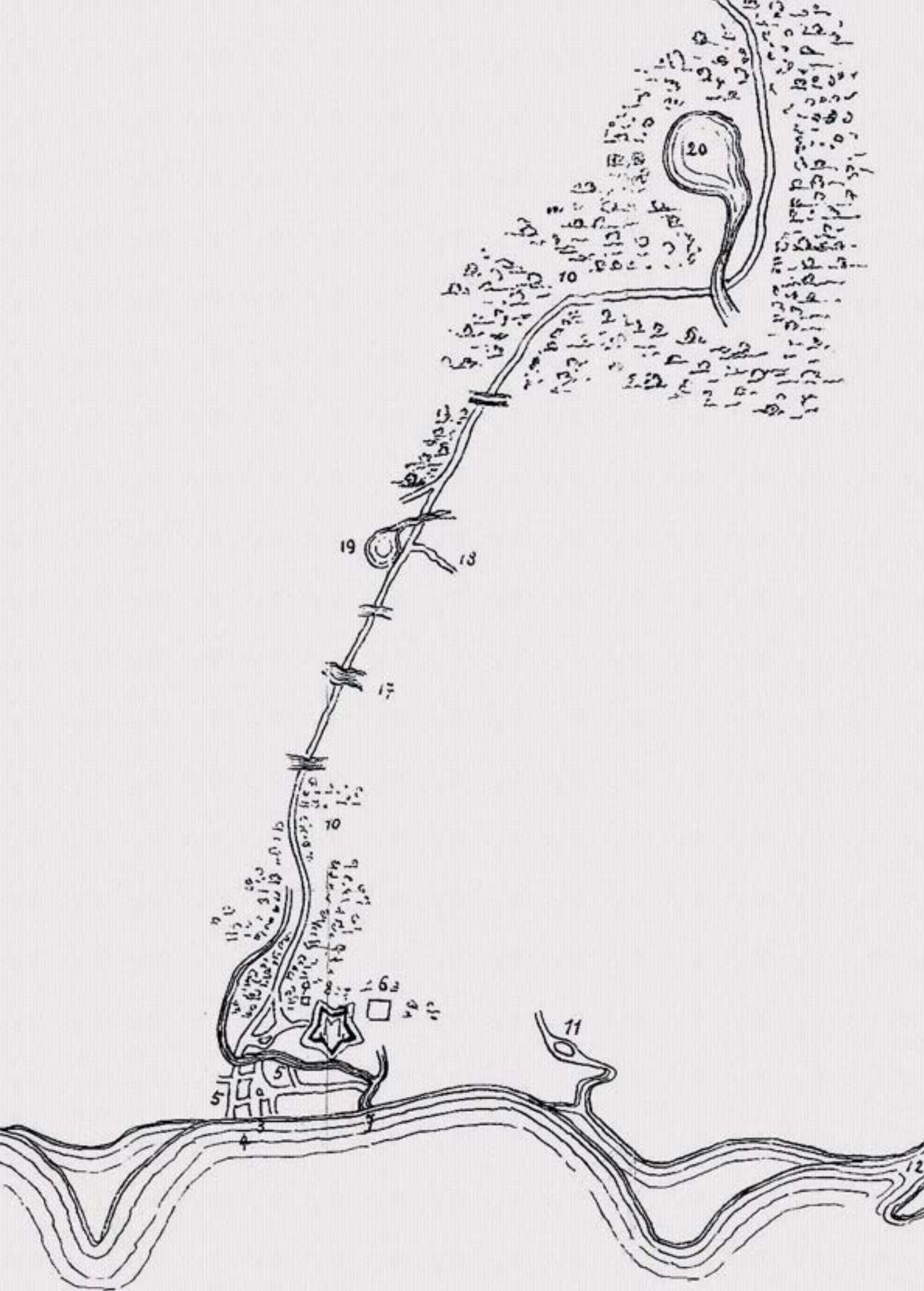
Explique-se que o ódio, de que também se alimenta a obra de arte, uma ou outra com mais contundência, nada mais é que a crítica necessária para que o zelo e o cuidar da nossa cidade não fiquem adormecidos na consciência cidadã daqueles que muito a amam. Assim, envolve-se este presente com o doce e o amargo na mesma obra de amor.

Minha aldeia é **Fortaleza** e quando eu a conheci ela era ainda **Aldeota**!

Cidade provinciana e pacata até pouco tempo atrás, a ponto de restar na memória, de quem tem um pouco mais de meio século de vida, se não uma Fortaleza criança, mas alcançou-a adolescente, em crescimento rápido, como se estivesse atrasada para pegar o bonde da história. Fortaleza aqui será apresentada para todo o tempo, por ocasião de seus 300 anos, pela palavra escrita, pelas imagens, pelos sons, mas, sobretudo pelo sentimento de amor, gratidão e orgulho de sentir e pertencer ao ser fortalezense que reside em todos nós.

A Fundação Sintaf não deseja apenas o prazer de uma leitura, da inteligência extasiante perante à arte, desejamos, antes, a fruição de uma paisagem, um passeio devaneado entre corpo e alma da cidade. A todas e todos, uma viagem de deleites e atenções à nossa Fortaleza.

LIDUÍNO LOPES DE BRITO
Diretor Geral da Fundação Sintaf





300 ANOS

FORT LAUDERDALE





MARCOS B. 2025

Ana Márcia Diógenes



ESPERANÇAR FORTALEZA

Existe em mim uma Fortaleza-criança
que adorava vestir amarelo
caminhar sob os benjamins
desafiar as lacerdinhas

Existe em uma Fortaleza-adolescente
que sentava nos muros baixos
conversava na cadeira da calçada
rastreado o infinito das tertúlias

Existe em mim uma Fortaleza-jovem
atravessada pelo ônibus Circular
em caminhos de estudo e trabalho
diário de gente e suas histórias

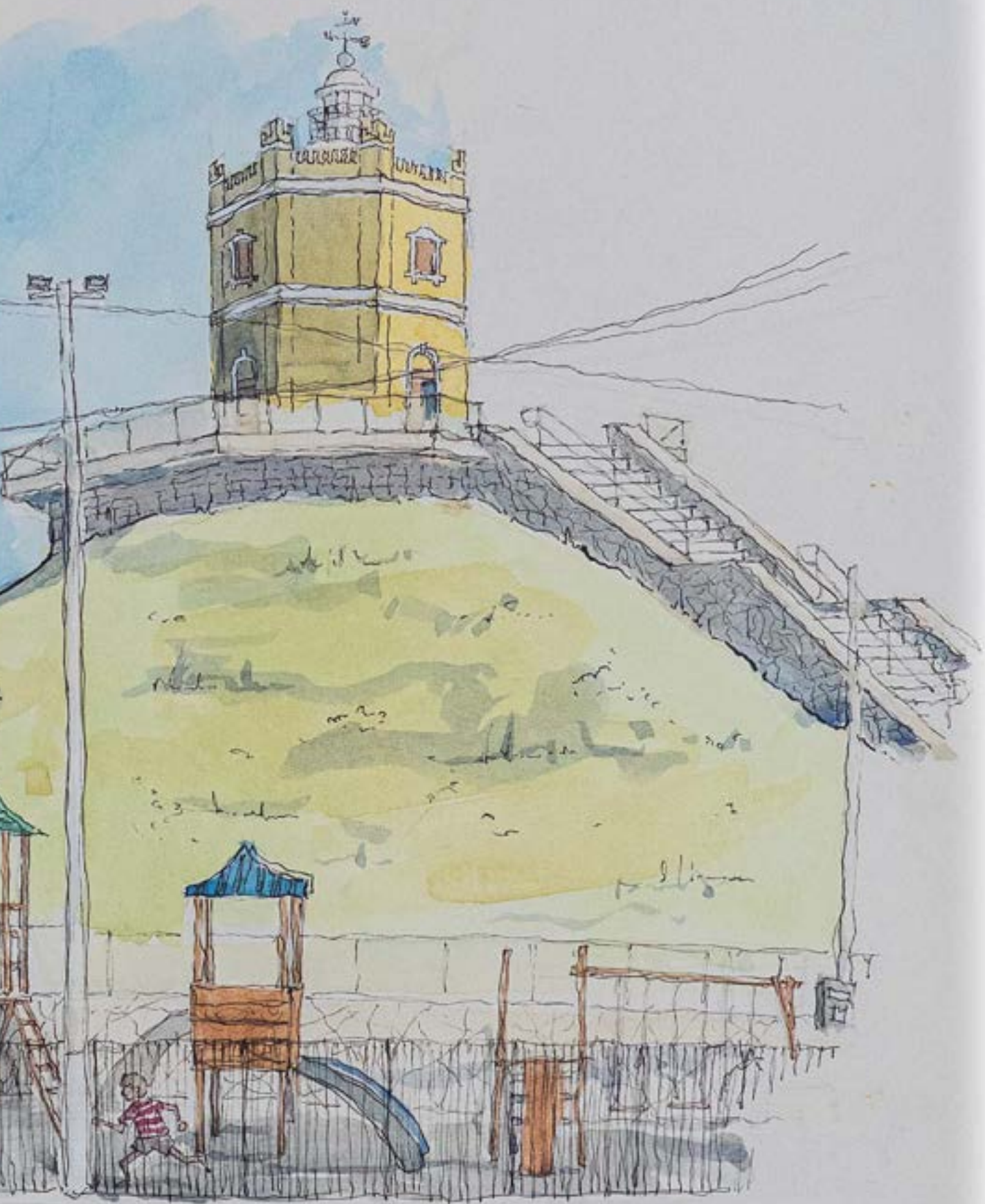
Existe em mim uma Fortaleza-mulher
que cresceu sem se dar conta
que peleja diante do rosário de desigualdades
desfiado nos tropeços das invisibilidades

Pulsam em mim todas essas Fortalezas
passado e presente em três séculos de realidades,
e nesta união “na alegria e na tristeza”
jogo meu buquê no futuro para que outros se enamorem

*[é neste lugar em que maravilho o viver
e ajo esperando no próprio presente]*



João Lustosa 26.



Evandro Leitão



FORTALEZA, MINHA CASA

Fortaleza completa 300 anos. Para muitos, uma data histórica. Para mim, uma celebração íntima, quase familiar. Porque Fortaleza não é apenas a cidade onde nasci; é a cidade que me formou, que moldou meus valores, minha fé, minha vocação para o serviço público e meu amor pelas pessoas.

Foi aqui que dei meus primeiros passos, que estudei, brinquei, sonhei. No Colégio Santo Inácio, aprendi mais do que matemática e português. Aprendi disciplina, solidariedade e o sentido profundo do catolicismo, que até hoje orienta minha vida. Aprendi também que curiosidade demais rende castigo: não foram poucas as vezes em que, em minhas traquinagens, invadi a área dos estudantes mais velhos e acabei sendo retirado pelos padres, com direito a puxão de orelha e uma lição que ficava para além do momento.

Fortaleza também mora nas lembranças simples. Nos passeios com meus pais à Cidade da Criança, no Centro, espaço que carrego com carinho na memória e que tive a felicidade de recuperar completamente agora como prefeito. Mora no gosto do pastel com caldo de cana da tradicional Leão do Sul, na Praça do Ferreira, outro símbolo afetivo da cidade que tivemos o cuidado de reformar no meu primeiro ano de gestão. Governar, aprendi cedo, também é preservar memórias.

Na Rua Padre Valdevino, onde cresci, a infância era feita de bola, irmãos e vizinhos. Os portões das casas viravam traves, o asfalto era campo e o grito de gol ecoava como anúncio de felicidade. Dali nasceu minha paixão pelo esporte. Já na adolescência, tive a oportunidade de jogar futebol de salão pela AABB, disputar torneios nacionais e entender que esporte é disciplina, trabalho coletivo e respeito — valores que trago para toda a vida.

A juventude trouxe outros rituais: as sextas-feiras na Feirinha da Praça Portugal, os domingos na Volta da Jurema, a cidade pulsando encontros, amizades e sonhos. Fortaleza sempre foi generosa comigo. Aqui fiz amigos para a vida inteira e encontrei oportunidades que mudaram meu destino.

Em 1994, fui aprovado no concurso da Secretaria da Fazenda e tomei posse como auditor-adjunto. Foi um orgulho imenso servir ao Estado e integrar a categoria dos fazendários, que também celebro contribuindo para este livro. Ainda como servidor, tive a chance de desenvolver um projeto social voltado ao futebol com jovens do bairro Vila Manoel Sátiro. Ali compreendi, de forma definitiva, que política pública bem feita transforma vidas.

Fortaleza me levou além. Fui dirigente esportivo e, em 2008, presidente do Ceará Sporting Club. Enfrentamos desafios enormes, organizamos a casa, profissionalizamos a gestão e, em 2009, conquistamos o acesso à Série A do Campeonato Brasileiro. Aquele momento projetou nacionalmente um jeito sério e responsável de administrar, que nunca mais abandonei.

Depois vieram outras missões: secretário do Trabalho e Desenvolvimento Social, deputado estadual, presidente da Assembleia Legislativa do Ceará. Cada etapa foi um aprendizado, sempre com Fortaleza como referência e destino.

Hoje, como prefeito da cidade que me viu nascer, casar, constituir família, criar três filhos e celebrar dois netos, sinto que fecho um ciclo que, na verdade, é um recomeço. Entendo minha eleição como uma missão confiada por Deus, por meio da fé e da confiança do povo fortalezense na minha história e no meu trabalho.

Fortaleza é amor, é orgulho, é gratidão. Aos 300 anos, reafirmo meu compromisso de cuidar dessa cidade como se cuida da própria casa: com zelo, responsabilidade e coração aberto. Porque tudo o que sou, eu devo a ela.

Renato Pessoa



EU FORTALEZA DE MIM

Todo homem — disse Ângelo Lobo — tem a cidade que merece.

Os gregos sabiam, e concordaram esta invenção: o homem é a sua cidade.

Não há Sócrates sem Atenas; Heráclito sem Éfeso; Aristóteles sem Estagira. Impossível Balzac sem Paris. Inimaginável Gabriel García Márquez sem sua idílica Aracataca. É ilegível Drummond sem Itabira.

Mas não é o filósofo ou o poeta que inventam a cidade.

É a cidade que inventa o homem.

Sou inventado por Fortaleza.

A minha alma cálida, de uma melancolia de fim de tarde, é certamente um vitral das sensações das minhas vivências fortalezenses. Trago também uma alegria mórbida, um riso sempre aceso à tragicidade confluyente da vida --- Fortaleza ri assim também. Ri bonito, mas de uma beleza dolorida. Na mocidade minha, escrevi esta fantasia: eu queria o meu poema como um crepúsculo fortalezense. E assentei: um dia, vou escrever um livro de poemas sobre Fortaleza.

Confesso, tenho obsessão por esta dama solar. Não se trata de bairrismo. Trata-se de enraizamento. Não temo ofertar esta dramaticidade barroca de consentir que nada sou senão um vitral pálido das ruas, avenidas, bares, guetos, esquinas, pessoas, mormaços e brisas desta que alcunho de Rainha do Lume.

Impossível explicar a minha paixão pela Filosofia sem ambientar a avenida Luciano Carneiro e o Bairro de Fátima. Impossível rotular a minha devoção consumista pelos livros sem a geografia caótica dos sebos da Avenida 13 de Maio e da Praça dos Leões. Impossível dedilhar o meu idilismo boêmio sem os relevos assimétricos do Polo de Lazer do Conjunto Ceará ou da Avenida C, sem as esquinas anárquicas do Bairro Benfica, e mesmo sem os restaurantes higienizados do corredor gastronômico da Varjota.

Foi no Centro Cultural Dragão do Mar que, pela primeira vez, diante de uma exposição de artes plásticas, eu decidi experimentar a pintura e estudar História da

Arte. Os primeiros livros que habitaram a minha casa vieram do rico acervo da Biblioteca Pública Estadual do Ceará. Foi no Teatro José de Alencar que eu conheci Brecht. Foi lá também que eu me apaixonei pela poesia cantada.

Estudei Filosofia política e fui militante socialista, mas foram as ruas do Bom Jardim, da Barra do Ceará, do Jangurussu, do Genibaú, do João XXIII, que me fizeram compreender Hegel, Marx, Bakunin, Benjamin, Foucault ou o materialismo histórico e dialético.

Na perene luta entre o copo meio cheio e meio vazio, sou um realista esperançoso. Guardo no espírito uma resiliência crítica, trago na retina alguma paisagem obstinada do futuro igualitário e coletivo. Nunca me furto à luta e tenho predileção pelo riso iconoclasta.

Sou, como podem ver, um vivente típico das terras ambivalentes dessa suprema dama solar.

Sou, como podem ver, uma invenção de Fortaleza.



FORTALEZA 300 ANOS: FORMAÇÃO, CRESCIMENTO E DESAFIOS DE UMA CIDADE EM PERMANENTE TRANSFORMAÇÃO

Em 2026, Fortaleza completa 300 anos como uma cidade construída pelo trabalho, pelo esforço e pelo afeto de sucessivas gerações. No dia 13 de abril celebra-se o aniversário da capital dos cearenses, data que marca a elevação do antigo povoado à condição de vila em 1726. Seu núcleo original, porém, é mais antigo, remontando ao século XVII, quando a capitania do Siará Grande ocupava posição secundária nos interesses de Portugal, em razão da escassez de atrativos econômicos, da resistência indígena e das dificuldades naturais impostas pelo clima e pela geografia.

No início do século XVII ocorreram as primeiras tentativas portuguesas de ocupação do litoral cearense, com o objetivo de erguer um forte em ponto estratégico da costa, capaz de defender o território e facilitar a comunicação com o norte do Brasil. As investidas de Pero Coelho, de religiosos jesuítas e de Martim Soares Moreno resultaram na construção de fortificações na Barra do (rio) Ceará, mas não garantiram uma colonização duradoura. O domínio português foi interrompido por incursões holandesas, primeiro entre 1637 e 1644 e depois a partir de 1649, quando Matias Beck construiu o forte de Schoonemborch às margens do riacho Pajeú. Com a expulsão definitiva dos holandeses em 1654, o forte foi rebatizado como Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, em torno do qual se formaria o embrião da capital. Atualmente, os historiadores relativizam a ideia de uma “fundação” precisa, entendendo a cidade como resultado de um longo processo histórico, e não de um ato isolado e heroico.

Durante muito tempo, Fortaleza teve pouca relevância econômica e política, permanecendo como um pequeno povoado litorâneo. A economia cearense baseava-se na pecuária, que impulsionou a ocupação violenta dos sertões, com a derrota, o extermínio e o aldeamento de populações indígenas. Nesse contexto, surgiram vilas mais dinâmicas do que Fortaleza, como Aracati, Sobral e Icó. A criação oficial da vila do Ceará, autorizada em 1699, gerou disputas entre autoridades e grandes

proprietários, culminando com a fixação do pelourinho em Aquiraz, em 1713. Fortaleza só seria elevada à condição de vila em 1726 e, ainda assim, permaneceria por mais de um século como um núcleo modesto, distante dos centros econômicos do interior.

A mudança começou no final do século XVIII, quando o algodão passou a ocupar papel central na economia cearense, impulsionado pela demanda da Revolução Industrial inglesa. Esse dinamismo levou Portugal a separar o Ceará de Pernambuco em 1799, criando condições administrativas e econômicas para a afirmação de Fortaleza como capital da nova capitania. O crescimento, entretanto, foi lento, e relatos do início do século XIX ainda descreviam uma vila pequena e pouco expressiva. Em 1823, como reconhecimento pelo apoio à Independência do Brasil, Fortaleza foi elevada à categoria de cidade. Somente na segunda metade do século XIX consolidou-se como principal centro urbano do Ceará, beneficiada pelo comércio, pela centralização política do Império, pela construção de estradas e ferrovias e pelas intensas migrações provocadas pelas secas.

Nesse período, a cidade passou por um processo de embelezamento e modernização, típico da chamada *Belle Époque*. Surgiram bondes, iluminação pública, telégrafo, escolas, jornais e espaços de sociabilidade como o Passeio Público e a Praça do Ferreira. As elites buscavam referências europeias, enquanto a população popular reagia às tentativas de disciplinamento social por meio do humor, da sátira e da irreverência, sintetizadas na expressão “Ceará Moleque” e em figuras como o Bode Ioiô. Ao mesmo tempo, as desigualdades sociais se aprofundavam, com a expansão da periferia e o aumento das tensões urbanas.

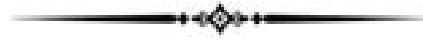
No início do século XX, Fortaleza continuou a se transformar. A República trouxe novos grupos políticos ao poder e, em 1912, uma grande revolta popular derrubou a oligarquia dominante. A cidade ganhou fábricas, luz elétrica, bondes modernos e automóveis, alterando o cotidiano urbano. Surgiram novos bairros e intensificou-se a segregação espacial, com áreas nobres a leste e bairros populares a oeste. A partir dos anos 1930, o crescimento desordenado, a ausência de planejamento eficaz e o abandono de planos urbanísticos agravaram problemas que ainda marcam a cidade, como favelização, especulação imobiliária e desigualdade social. A Segunda Guerra Mundial trouxe a presença norte-americana e reforçou a influência cultural dos Estados Unidos, substituindo gradualmente os referenciais europeus.

Na segunda metade do século XX, Fortaleza experimentou uma expansão acelerada, consolidando-se como metrópole e núcleo da Região Metropolitana criada em 1973. O crescimento populacional foi intenso, mas não acompanhado por políticas urbanas capazes de atender às demandas sociais. Durante a ditadura militar, a centralização política reduziu a autonomia municipal, agravando dificuldades administrativas. A redemocratização, nos anos 1980, ocorreu em meio a forte mobilização popular por melhores condições de vida, resultando na eleição de Maria Luiza

Fontenele, a primeira mulher eleita prefeita de uma capital no Brasil, comprometida com mudanças no padrão tradicional de gestão.

Nas décadas seguintes, Fortaleza afirmou-se como uma cidade múltipla e contraditória. O Centro histórico foi apropriado pelas camadas populares, enquanto a orla marítima passou a ser valorizada como espaço de lazer, turismo e moradia. A cidade expandiu-se em várias direções, com bairros de alto padrão convivendo com extensas áreas de pobreza e precariedade. Hoje, Fortaleza é um importante polo de serviços, turismo e comércio, com papel de destaque no cenário nacional, mas ainda enfrenta graves desafios sociais. Ao celebrar seu tricentenário, a capital cearense é chamada a refletir sobre seu passado e a planejar coletivamente o futuro, buscando construir uma cidade mais justa, organizada e acolhedora para todos os seus habitantes.

Chico Araújo



FORTALEZA: “RECORTES” DE UMA CIDADE ONDE NASCI E ONDE SOU

Cheguei a Fortaleza em 1960, nascendo na rua Padre Mororó, o lugar de onde também parti para o mundo e para a vida – e a vida no meio do mundo. Perto do Cemitério São João Batista e mais pertinho ainda do Clube Santa Cruz, meu lugar de aparição para o universo foi também caminho para escolas, além de se vestir de campo de futebol onde sempre se corria o risco de se arrancar o “tampo dos dedos”. Depois veio a manta negra no calçamento e os tênis nos pés evitavam queimaduras na hora dos rachas.

Nas ruas da minha meninice, Fortaleza era quieta. Transitava com meus pais e meus irmãos, partindo da 787 – casa 13 e seguindo, quase sempre, pela Guilherme Rocha, ultrapassando a Praça da Lagoinha e a Praça José de Alencar até chegarmos à Praça do Ferreira. Era Natal, a memória acusa, pois época em que a Praça do Ferreira se vestia de luzes e suas lojas renovam as vitrines com belos vestidos que aprazavam o olhar de minha mãe.

Rumo contrário, seguia do mesmo endereço, novamente pela Guilherme Rocha, para o Juvenal Galeno, colégio que olhava para a Praça do Liceu e ladeava com o Corpo de Bombeiros. O Juvenal Galeno acolheu minha mãe professora e seus filhos estudantes. Fortaleza, nesse tempo, era, para mim, esses percursos; apenas crescia um pouco quando íamos à Praia do Náutico dentro do ônibus Circular, ou quando visitávamos parentes na Parquelândia.

Mas o menino cresceu e largou-se a palmilhar o sagrado chão da cidade, indo a lugares que somente a boêmia noturna poderia sinalizar a quem já estivesse se encaminhando da adolescência para a juventude. Nas andanças, a cidade se desnudou e convidou, estabelecendo comigo uma relação entre a boêmia, a poesia e a música.

De repente, a tecitura de sentidos em uma cidade que se alargava cada vez mais. Na Guilherme Rocha, a geografia da urbe me pôs diante de Matteus Viana, músico e compositor que escutava da minha casa, quando ensaiava com irmãos, primos e

sobrinhos sambas e outras notas de MPB soando sedutoras. Cheguei a ele por meio de um seu irmão e vi nascer e se realizar uma parceria musical já de quarenta e sete anos, fortalecida em amizade fraterna e compadrio.

Aos poucos, eu jovem fui descobrindo o Bar do Lido, o Estoril, o Cais Bar, o Cirandinha. Fortaleza crescia para o meu olhar desconhecedor de muito de suas entranhas. No Estoril, vi de perto Luiz Melodia, Patativa do Assaré, Airton Monte. No Cais Bar, apresentações de jovens artistas músicos cearenses. No Cirandinha, gostava de receber as gotículas de mar, quando das marés quebrando bem próximo a sua mureta.

Fortaleza me legou a oportunidade de realizar meu primeiro show musical no Teatro Carlos Câmara, o conhecido Teatro da EMCETUR, cantando canções da minha parceria com Matteus Viana na companhia do Grupo Bauê. Fortaleza é o meu lugar, meu ponto de partida e de chegada – não me distancio muito dela; saio por curta temporada, mas a ela volto. Nela existo.

Do passado dela me vem a Galeria Antônio Bandeira no subsolo da Praça do Ferreira, exibindo obras de diversos artistas locais. É também desse passado que me voltam as peças de Zé Pinto, na Bezerra de Menezes, e filmes que vi no Cine São Luiz, no Cine Fortaleza, no Cine Diogo. Foi essa querida cidade que legou a sua população o Theatro José de Alencar, onde vi inúmeros shows e onde, por duas vezes, fui intérprete em seu palco principal, na mais recente, cantando junto com Apá Silvino a canção “Chão sagrado”, de Rodger Rogério e Belchior.

Na Fortaleza dos dias atuais vivo com minha família, de maneira tranquila, e convivo com músicos, parceiros e amigos do quilate de Marcos Sampaio, Dalwton Moura, Luciano Franco, Rogério Lima, Edinho Vilas Boas, Edmar Gonçalves, Gilmar Nunes, Matteus Viana, Apá Silvino, Marina Cavalcante, Cris Fiuza, Luís Lima Verde, João Pirambu, Jon Soares, Alan Mendonça, Kelsen Bravos, Rogério Franco, Tarcísio Matos entre mais um tanto de queridos e queridas que se somam e alegram a minha existência nessa cidade dinâmica e pulsante em suas contradições.

FORTALEZA EM MIM

Fortaleza chega aos 300 anos e, quando penso nessa história, penso também na minha. Não porque elas sejam iguais, mas porque caminharam juntas. Fortaleza sempre foi uma cidade viva, feita de encontros, de ideias e de gente que acredita na vida.

Aprendi cedo que entender Fortaleza era aprender a escutar. Escutar suas ruas, suas praças, suas escolas, seus movimentos culturais. A cidade sempre se expressou, e eu escolhi prestar atenção. Cresci acompanhando suas transformações, vendo bairros se fortalecerem, projetos nascerem e oportunidades serem criadas.

Ao longo da minha trajetória, escolhi caminhar com Fortaleza. Acreditei que política se constrói com presença, diálogo e compromisso. Fortaleza me ensinou que desenvolvimento não é apenas crescimento, é cuidado com as pessoas. Educação e cultura sempre foram caminhos claros para construir futuro.

Vi Fortaleza amadurecer, valorizar sua identidade e reconhecer sua diversidade. Uma cidade que entende que progresso se mede em oportunidades e que inclusão fortalece. Fortaleza nunca deixou de se reinventar, e isso sempre me inspirou a seguir contribuindo.

Fortaleza também me formou. Cada experiência reforçou a convicção de que cidade boa é aquela que escuta, acolhe e planeja com responsabilidade. Cuidar da cidade é cuidar de quem vive nela todos os dias.

Celebrar os 300 anos de Fortaleza é celebrar nossa capacidade de construir juntos. É olhar para a história com gratidão e para o futuro com esperança. Eu confio em Fortaleza, na sua força, na sua gente e na sua capacidade de continuar avançando sem perder suas raízes.

Fazer parte dessa história é uma honra. E sigo aqui, caminhando com Fortaleza, acreditando que os próximos anos serão de diálogo, construção coletiva e compromisso com quem faz essa cidade ser o que ela é.



UNS “DEDINHOS DE PROSA” EM GLÓRIA DA CIDADE-FORTE

És Fortaleza, bem sei, aceito e contemplo!

Mas o teu forte primeiro não te define. Nem o *Schoonenborch* dos holandeses que te queriam fundar e tomar, nem a Assunção dos invasores lusos... Soas mais forte na voz e versos de um filho teu poeta a cantar os “ganidos de morte” vindos das “brancas paredes” do Passeio Público, nos “sonhos tão loucos” de Bárbara, a prisioneira mulher primeira do tão Brasil, com seu “peito sangrante”, a invocar “fantasmas errantes”, convidando os pósteros às lutas dos amanhã.

O veio Pajeú de há 300 anos também não te define. Sucumbiu à sanha do concreto e foi relegado ao estreito dos canais e fossos subterrâneos. Quem te vê manancial, verde e vida te enxerga na exuberância do Cocó, das tantas lagoas (Messejana, Parangaba, Maraponga, Jacareí, Sapiranga, da Viúva, Maria Vieira, Mondubim...), do mar, também ainda verde, da orla emparedada pelos edifícios e multidões.

A maciez e expansão do algodão, trazido dos sertões e vendido caro aos ingleses, que te foi pulsão e progresso e te legou infraestrutura de alfândega, colégio, biblioteca pública, hospital..., já não te reluz brancura áurea nem conforto ou desafogo. Hodiernamente, és a metrópole da aglutinação, do amontoado de gente em teus 312 km², a maior do Norte e Nordeste, quarta do Brasil, e mais concentrada dentre todas, com tuas periferias gigantes e seu povo obstinado a pugnar a marca de força que trazes em teu nome. Sim, és grandiosa também em contrastes: novamente na voz do filho poeta, “nata do lixo” x “luxo da aldeia”, riquezas mil, um dos destinos turísticos mais desejados do país, casa de mãe em que sempre cabe mais um e milhares advindos dos rincões em busca de um lugar ao teu Sol, sertanejos como eu que encontraram um lugarzinho de estada ou morada no teu colo.

Da *Belle Époque* por que te tentaram impor a pompa e o requinte parisiense, ainda te restam os logradouros (Praça do Ferreira, Teatro José de Alencar, Rua Barão do Rio Branco...) e talvez esta tua alma festiva. Mas o que melhor te resta

em definição é a resistência ao mando arbitrário das elites, com sua “higienização social”, seus trajes elegantes e suas boas maneiras, quando o povo se fez sátira e riso, teimando em ocupar teus espaços centrais e povoar teus palcos e arenas com seu cearensês raiz, seu humor e graça. E teu riso foi se perpetrando e se perpetuando em todas as ruas, nas feiras e botecos, em nomes e personagens como Rossicléia (Valeria Vitoriano), Raimundinha (Paulo Diógenes), Adamastor Pitaco (Adaildo Alves Neres), Boneco Fuleragem (Augusto Bonequeiro), Zé Modesto (João Netto), Papudim (Bené Barbosa), Tom Cavalcante, Falcão, Lailinho Brega... Tão Fortaleza em ti, também, é a alegria, o sorrir, a diversão engraçada extraída das histórias de vidas pelejadas de nossa gente, do linguajar cearense, dos trejeitos de nosso povo, legado que faz de ti a capital brasileira do humor.

Uma das coisas que melhor te define é o pioneirismo e a primazia que costumavas ostentar. Foi em teu seio que se criou a primeira academia de letras do Brasil, a ACL (15 de agosto de 1894), três anos antes da ABL (na Fênix Caixeiral, esquina da Rua Floriano Peixoto com a São Paulo), por iniciativa de ilustres nomes como Barão de Studart, Thomaz Pompeu de Souza Brasil e Justiniano de Serpa.

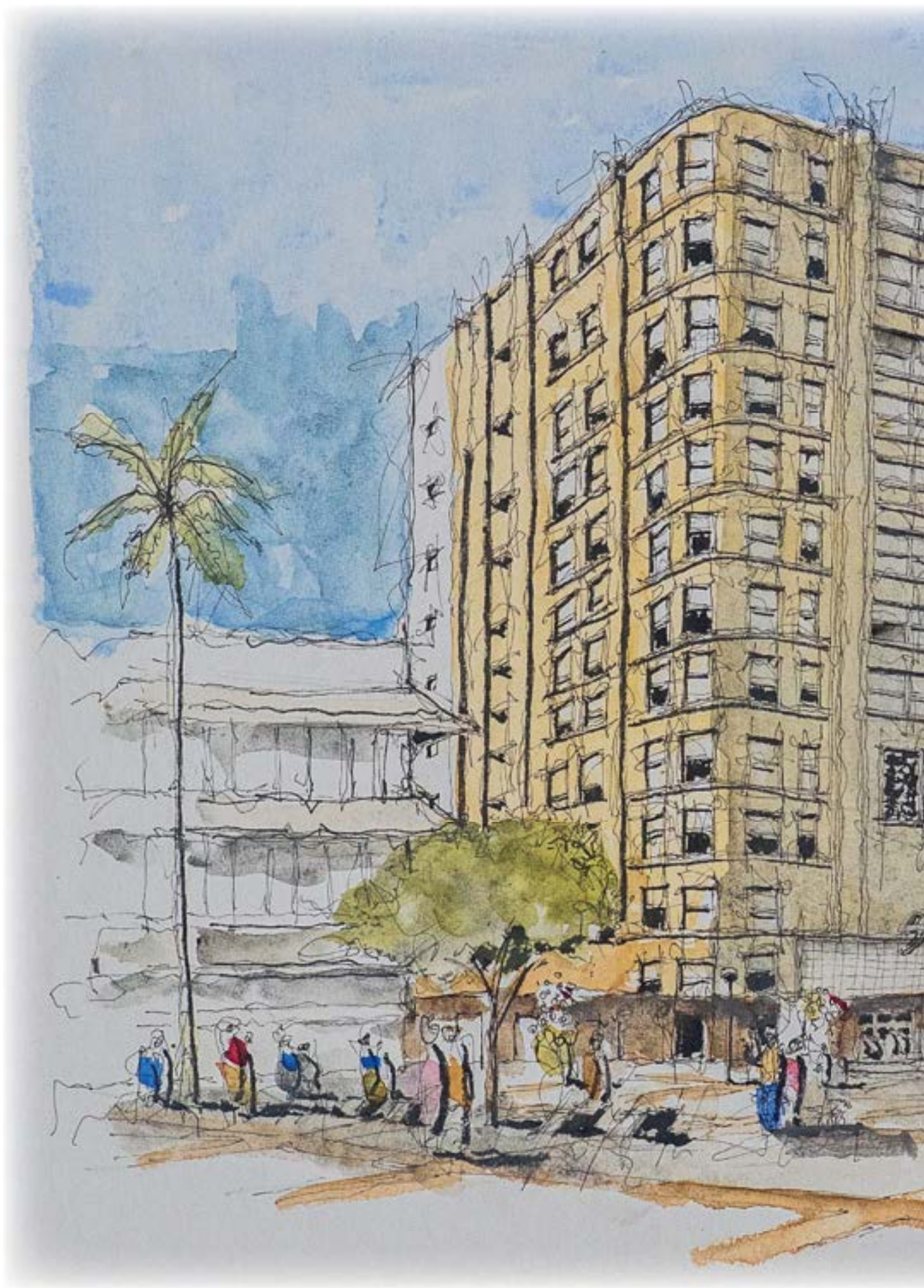
Dez anos antes (25 de março de 1884), na então sede do governo do Ceará, no Palácio da Luz, à Rua do Rosário n^o 01, que hoje sedia a ACL, era assinado por Sátiro Dias, então presidente cearense, o ato de reconhecimento que aboliu a escravatura, fazendo do Ceará a primeira província a decretar oficialmente o fim da escravidão em seu território, fato que precedeu a Lei Áurea nacional em quatro anos. E toda essa história empunha o emblema da força que trazes em teu nome, a dos abolicionistas, intelectuais, populares lutadores, jangadeiros de teu porto, que, liderados por Chico da Matilde – o Dragão do Mar, três anos antes já realizavam greve se recusando a transportar escravos para navios maiores de tráfico para o sul do país. Este feito te tornou a estrela da “Terra da Luz”, ainda hoje celebrado em data magna.

É tua, também, a primeira mulher eleita prefeita para governar uma capital do Brasil (Maria Luíza Fontenele). Rompendo com o milenar domínio patriarcal, foste a Fortaleza da primeira Maria no governo municipal, cujo nome foi amplamente entoado, segundo os versos de outro Poeta-Brasil, como sinônimo de MULHER, identidade de todas ELAS, como sendo dom, magia, som, cor, suor, que traz no corpo a marca do nome e do gênero, deflorando na capacidade de fazer história misturando a dor e a alegria.

Nestes teus 300 anos, os filhos teus de nascença e adotados te saudamos com todo o nosso sentir, afeto e gratidão. Que tenhas longa jornada e muitas novas sagas, mais 300 anos, mais 3.000, 30.000, 300.000 anos... Que continues sendo força potencial de pioneirismo, primazia e rebeldia na defesa da vida e do viver. Que por vida sempre entendas a dos teus indivíduos e de tuas massas, humanas ou não. Que a leveza de tuas folhas e flores toque mais fundo que o concreto e não permitas que

a degradação humana tome o lugar dos teus verdes. Que os teus prédios não avancem sobre tuas areias e águas dos teus 34 quilômetros de praias. Que o esplendor e a bonança do “luxo da aldeia” se replique e multiplique, chegando aos teus confins, às periferias, lavando a alma do teu povo de progresso e justiça social.

Parabéns, Cidade-Forte! Que sejas FORTALEZA sempre!





2026 Praça do Ferreira/ Fortaleza-CE

**FORTALEZA TRICENTENÁRIA
(EM HOMENAGEM À CIDADE DO SOL)**

I

Dois nascimentos têm — juram vozes velhas:
Um feito à pena, em versos primaveris;
Outro, soprado à força das centelhas
Do vento errante à beira da ribeira.
Nasceu do mapa e do rumor salgado,
Da vela tensa e do rochedo nu;
E, ainda hoje, ao mar perpetuamente atado,
Mostra-se jovem — embora em anos, cru.
Pois quem dirá que aos trezentos ostente
Esse ar de aurora, esse frescor febril?
Há no Mucuripe um sopro permanente
Que a faz menina, mesmo sendo anil.

II

Ergueu-se um forte, áspero, quadrangular,
De holandesa argamassa e ferro antigo;
Depois, Dragão do Mar — prisma solar
Onde o passado se reflete amigo.
Ali, quando o ocaso em cobre se derrama
Sobre o Passeio, em calmo resplendor,
Sussurram muros línguas em mescla estranha:
Tupi e batavo, lusitano ardor.
Camadas faz a História, como escudo:
Primeiro, o chão nativo e seu mistério;
Depois, o passo bélico, sisudo,
Que veio mais por ganho que por império.

III

Vieram poetas — vêm sempre primeiro
Quando a paisagem pede nome exato;
Disseram: “Aqui, a luz tem gosto inteiro,
E o mar não finda a terra: faz-lhe o trato.”
E assim se fez a urbe em contraponto:
Mar que principia, chão que se refaz;
Cidade em verso, suspensa no ponto
Onde o sertão dialoga com o cais.

IV

Eis os varões do verbo e da memória.
José de Alencar pisa essas calçadas;
Forja na pena a índole da História
E planta mitos nas veredas traçadas.
Raquel — severa, lúcida, profunda —
Leva ao Brasil a voz de sua grei,
Mas guarda em Messejana, íntima e funda,
O cheiro agreste que jamais negou à lei.
E Patativa, austero e soberano,
Traduz o vento em sílabas do chão:
Fala à cidade a língua do sertão,
Faz do sertão urbano coração.

V

Mas o poeta prefere o gesto humano,
O hábito breve, o rito corriqueiro:
Falar com o mar — confidente arcano,
Como se fosse amigo derradeiro.
Ir ao Benfica, onde o tempo se assenta
Entre pardais, cafés e livros velhos;
Reclamar do sol — mas defendê-lo atenta
Se um forasteiro ousa ferir-lhe os joelhos.
E reconhecer-se na praça, na fila,
No ônibus lento, na sombra comum:
“Somos poucos”, diz-se, “para esta vila
Que cresce ao sol, partilhemos o agora.”

VI

Passeio Público: cofre de lembranças
Que os velhos guardam como raro metal.
Praça do Ferreira: eixo das andanças,
Coração em pedra, pulso central.
Iracema — outrora boêmia, ora ferida,
Sempre a sala nobre a receber;
Renasce a praia, múltipla na vida,
Sem nunca o título de ser perder.
Pajeú — rio que nasce no São Francisco
E ousa bater no mar em meio ao chão;
Cocó — pulmão paciente e arisco,
Lição verde à humana ambição.

VII

E quando o sol, na Ponte dos Ingleses,
Desce em silêncio, grave e ritual,
Reúnem-se todos — pobres, hereges, burgueses —
Num espetáculo livre e universal.
Não cobra o mar ingresso nem cortesia;
Não falha o sol em sua pontualidade.
Repete-se o milagre, dia a dia,
Como lição suprema de igualdade.

VIII

Cresceu depressa? Talvez. Mas resistiu.
Cada edifício erguido tem seu eco:
Um botequim que o tempo não cindiu,
Uma fachada antiga em gesto seco.
Aqui, o tempo passa — não devora.
Deixa vestígios, prova material
De que viver é conciliar a hora
Que muda e a que persiste, ancestral.

IX

Aos trezentos anos, poderia, austera,
Fechar-se ao mundo em palavras sisudas;
Mas dança forró, vive, altaneira,
No Estoril, no Pinhões, na liberdade.
Acolhe todos — como sempre fez —

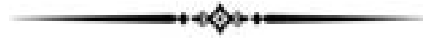
Gente que chega, sonho que se soma;
Erra, refaz-se, ousa outra vez,
Pois da contradição faz seu diploma.
Entre o coqueiro e o concreto erguido,
Entre o sertão e o sal do litoral,
Vive a cidade em pulso decidido:
Antiga e nova, humana e solar.

X

E assim seguimos — páginas viventes
Do livro que a cidade insiste em ser.
Não fecha ciclos: abre-os, reluzentes,
Com riso leve, pronto a renascer.
“Não repare a idade”, diz, marota,
“Veja o brilho que ainda sei guardar.”
E quem ousaria, em razão remota,
Negar a quem desfia o próprio mar?
Há trezentos anos, vence o tempo ingrato:
Fortaleza — poema em pedra e luz,
Que faz da história o seu exato trato
E ao sol do futuro ativa conduz.



Current
Municipal



FORTALEZA – A CAPITAL DOS CEARENSES COMPLETA 300 ANOS

Em 2026, festejamos o tricentenário de Fortaleza, a capital de todos os cearenses. Nesse contexto, somos chamados a celebrar a nossa história e, simultaneamente, a refletir criticamente sobre o nosso cotidiano e as aspirações para o futuro.

A fundação de Fortaleza é frequentemente narrada como o conflito entre portugueses e holandeses pelo território. No entanto, nossa essência, a base de nosso povo, origina-se dos indígenas que habitaram inicialmente a nossa capital. Foram eles que cuidaram de nossa terra e de nossos rios, riachos e lagoas. A miscigenação deu origem à cultura singular de Fortaleza, que se manifesta nas obras de José de Alencar e na vida de cada um de nós, distribuídos nos 121 bairros que formam a cidade (segundo o Instituto de Planejamento de Fortaleza).

Nossa cidade é a quarta mais populosa do Brasil, com aproximadamente 2,5 milhões de habitantes (segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2024). Com tanta gente, acumulam-se as contradições. Apesar da riqueza gerada, a população vivencia realidades distintas. O crescimento econômico é evidente: Fortaleza possui o maior Produto Interno Bruto (PIB) do Nordeste (segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2023). Contudo, essa prosperidade não é distribuída equitativamente. Bairros como Meireles, Aldeota e Cocó apresentam alta qualidade de vida e renda, enquanto outros, como Genibaú e Pirambu, enfrentam significativas dificuldades e carência de infraestrutura. Isto se reflete no baixo índice de qualidade de vida da maior parte da população.

Para reverter o presente quadro, dar primazia à educação e a uma saúde de qualidade como as principais políticas públicas representa a forma efetiva de melhorar a qualidade de vida e proporcionar bem-estar a quem mais tem carência. Essas políticas públicas constituem as ferramentas que efetivamente geram valor social e promovem a cidadania. Para tanto, a participação popular nas decisões estratégicas e o exercício da cidadania por meio do controle social dos gastos públicos são indispensáveis para a concretização de tal objetivo.

Aqui, peço licença para evidenciar minha relação pessoal e profissional com a capital. O interior do estado do Ceará serviu de nascedouro para boa parte da população fortalezense, ao longo desses três séculos. Fortaleza, pela sua economia dinâmica e pela diversidade do comércio, oferece oportunidades a todos os cearenses. E assim foi com meus pais, originários de Quixadá, no miolo do Sertão Central. A querida Terra dos Monólitos, onde está encravada a “Pedra da Galinha Choca”, destaca-se pelas belezas naturais e pela prática de esportes radicais, recebendo, anualmente, turistas de vários países. Literalmente, aos pés da “Pedra da Galinha Choca”, foi construído o açude Cedro, inaugurado em 1906 com o objetivo de fornecer água potável à cidade de Quixadá e mitigar as agruras das secas por meio do primeiro açude público do país. A construção do açude Cedro no início do século 20 atesta que a ação humana consciente, executada como política pública, transforma situações, melhora a vida e proporciona bem-estar aos cidadãos. Pois sou cria do querido Quixadá, de boas lembranças e recordações que carrego por toda a vida, quanto mais por ser casado com uma quixadaense, de cuja união nasceram três filhas, todas fortalezenses.

Fundamentado na importância do serviço público para a vida dos cearenses, vislumbrei fazer carreira na Secretaria da Fazenda do Estado, onde me encontro há quase 33 anos. Coerente com minhas escolhas, duas ações concretizei logo no início da carreira fazendária: filiar-me ao Sindicato dos Fazendários - Sintaf e associar-me à Cafaz - Caixa de Assistência dos Servidores Fazendários Estaduais. No Sintaf, aprendi que os trabalhadores, por dever de consciência, devem lutar pela melhoria contínua da qualidade de vida da população, uma vez que as políticas públicas são financiadas pelos recursos advindos da arrecadação de tributos, resultado último do trabalho diuturno de todos os fazendários. Além disso, ressalto que as conquistas da carreira são frutos de luta constante e exercício contínuo de cidadania.

À Cafaz, sou grato pela segurança em poder oferecer a meus familiares um dos melhores planos de saúde do país, cuja história está intimamente ligada à de Fortaleza. Para minha honra e com dignidade, atualmente exerço a presidência da Cafaz, cuja sede está instalada na Praça do Liceu do Ceará, escola pública que é referencial de qualidade há décadas.

Pelo relato acima, posso declarar que a participação do cidadão é fundamental para a consecução do processo de conscientização crítica e para a melhoria da qualidade de vida de nossa população. Sem o nosso engajamento, sem a determinação de cada indivíduo em buscar as informações com as quais poderá decidir seu futuro, as políticas públicas não alcançam seus objetivos só pelo desejo de algumas pessoas bem intencionadas. Nossa cidadania deve ser exercida cotidianamente, por meio de nossa atuação nas entidades que nos representam e por meio das quais exercemos nossos direitos em plenitude. A consciência que impulsiona cada fortalezense para

agir pelo bem comum garantirá que o futuro que desejamos para os próximos anos seja uma realidade para todos, e não apenas para alguns. Por tudo o que já vivenciamos, podemos acreditar em dias melhores, pois somos a base sobre a qual se constrói uma cidade mais justa e relevante.

Que Fortaleza, fundada às margens do Riacho Pajeú, banhada de sol o ano todo, refrescada pela brisa do Oceano Atlântico, continue sua história de luta constante para ser a capital de todos os cearenses, com suas mazelas e virtudes!

Viva Fortaleza, viva!



ADOTADO PELA BRISA

Desde o pisar no solo de Fortaleza, no antigo Aeroporto Pinto Martins – próximo a lagoa do Opaia, no bairro Vila União –, mais de quatro décadas se passaram, quando cheguei para morar na rua Padre Cícero, bairro Parque Araxá. A cidade que me recebeu, tinha cara de província, mas já olhava o futuro com passos no caminho da modernidade, no final da década de 1970; a acanhada visita ao pomposo *Center Um*, primeiro *shopping* da cidade, localizado em área nobre no bairro Aldeota, ilustra essa percepção.

Apesar de ter chegado de avião, na época um transporte para poucos, a situação era de sobrevivência, no tempero da responsabilidade de adulto com ansiedade da juventude. No segundo dia na cidade, consegui emprego no escritório de uma fábrica de sabão, no bairro Antônio Bezerra; o segundo grau completo, a experiência – com carteira de trabalho assinada desde os quinze anos – e a energia dos vinte dois anos ajudaram nessa empreitada.

O encontro com o mar a olho nu – marcante – da Praça dos Mártires (praça do passeio público), mesmo distante sem poder tocar com as mãos ou pés nas águas esverdeadas tremulante, dava para sentir a batida do coração tocado pela emoção. No outro dia, ávido, senti o impacto das ondas e o gosto da água do mar, diferente das águas dos igarapés e rios da cidade de Manaus, de onde havia chegado. Os prédios residenciais e comerciais, que não eram tão altos e pomposos como atualmente, demarcavam território na marca emblemática da posição social de status dos que moravam na beira-mar. Nas areias em frente ao Clube Náutico me banhei no verde do mar pela primeira vez, como um batismo de consagração à Fortaleza.

Nos anos 1980, nas tardes de sábado, jogava futebol no asfalto do centro da cidade, início da avenida Imperador, com os moradores da pensão do seu Chagas, onde residia; o jogo parava quando passava carro, no pouco tráfego dos finais de semana. A maioria dos jogadores, moradores da pensão, eram estudantes e trabalhadores, oriundos do interior do Estado, tentando melhorar de vida na capital. Às

vezes, preferíamos caminhar mais de três quilômetros até a praia da Leste-Oeste, para jogar na areia da praia e tomar banho de mar.

A convivência do dia a dia sedimentou a relação de amor com a cidade, que ao mesmo tempo que não para de crescer, lida com os problemas sociais causados pela desigualdade, próprio de todo aglomerado urbano, inerente ao sistema econômico injusto de distribuição de renda. No entanto, a vasta cultura resistente e abrangente de sua gente divertida – incorporada por mim –, degusta o sabor peculiar do sarra-bulho, panelada, buchada, paçoca, baião de dois; numa Fortaleza alegre e vibrante de sol reluzente, temperada com a brisa incessante que percorre lagoas e praias em mar aberto, num espetáculo constante da natureza.

À Fortaleza, transcrevo uma estrofe do poema *Adotado pela Brisa*, do livro *Exuberância* (2016), de minha autoria: *Não nasci do óvulo / maternal do teu ventre / e não preciso de ato / para ser fortalezense, / para mim, basta somente / que meus pés descalços / pisem nas areias da praia / e sejam molhados / nas águas salgadas / do teu imenso mar; / e meu rosto sinta / o sopro do vento / da tua suave brisa.*

FORTALEZA É MULHER

Quando eu nasci, na década de oitenta, Fortaleza já era grande, enorme para mim. Mamãe precisava segurar minha mão pequena e gorducha para eu não me perder na galeria Pedro Jorge ou na General Sampaio. O centro sempre foi solução. O lugar onde tudo tem jeito na vida, onde o quebrado se conserta e o “errado” pode ser só mais um na multidão que não mexe com ninguém. É onde tudo muda mesmo sem mudar. Principalmente as ruas Pedro Pereira e Pedro I, mas eu nunca sei qual é qual. Talvez o charme seja não ter certeza, justificativa para passear mais e encontrar o que nem estava procurando, mas que, agora, sabia que tinha ali pra vender.

— Mãe, quero ir na rua que não passa carro!

— Guilherme Rocha ou Liberato Barroso?

No Centro, eu podia. Ahnnn podia. Sair com sacolinhas na mão cheias de roupas que minha mãe conseguia comprar me fazia feliz. Xepão Magazine, Xepinha e uma ruma de outras lojas que eu não queria que minhas colegas me vissem entrar. Adolescente bolsista em colégio de rico, na Bellé Époque, sabe como é, né?

E quando chegaram as lojas com produtos que vinham de fora? Casa chinesa e Tokyo novidades sempre recebiam nossos pés apressados de quem precisa “só de uma lembrancinha” para presentear alguém.

O Centro também era família. Podíamos ir à praça da Sé visitar a vovó que trabalhava no Fórum Clóvis Beviláqua. Dentro do Dom Luiz (eterno 901), na volta pra casa, sempre escorria uma lágrima quando eu olhava o prédio de três andares.

— Vovó ficou ali, ó, trabalhando.

E eu ficava, a espera do domingo, dia certo para nos vermos. Quando o Varjota (903) parava, antes de dobrar a esquina, na hora do almoço, eu gritava.

— A vovó chegou!

— Como é que tu sabes que ela vem nesse?

— É ela sim, quer ver?

E tocava a campainha. Ela tinha um jeito próprio de bater a sineta.

Fortaleza tem olhos cheios de acolhimento, como os meus, quando a vovó chegava.

Quando criança, eu pensava que mainha tinha o mesmo nome da capital cearense.

— A Vera é uma Fortaleza.

Nome pequeno e um apelido comprido.

— Por que o povo fica chamando minha mãe pelo nome da cidade?

Entendi anos depois, já como escritora. Minha mãe ter ficado viúva tão jovem, com duas filhas para criar em uma cidade imensa, só mesmo sendo gigante, uma Fortaleza, com algumas muralhas erguidas para se proteger.

— Não segure o meu braço, não!

Mamãe disse a um homem em uma loja de tecidos, no Centro, quando a atendia com um sorriso mal-intencionado. Eu, miudinha à época, fiquei assustada, pois nunca a tinha visto levantar a voz a um desconhecido.

Minha Fortaleza fechava-se também ao receber um carinho genuíno das duas filhas que nunca ouviram um “Eu te Amo” dito em alto e bom som, mas que sempre souberam que aquela Fortaleza estava ali, não de braços abertos, mas de atitudes estendidas.

Se quando criança, minha Fortaleza era a da Varjota e do Centro, na fase adolescente, a minha capital ia até o Iguatemi. Íamos de ônibus e voltávamos de táxi, uma chiqueza que só podíamos nos permitir uma vez por mês. E era bom comer pão de batata no lado velho do shopping.

Fortaleza sempre aguçou todos os meus sentidos. Desde o Mistura Paulista, no Centro, até a pizza da Ditália, uma vez por outra. Também sou da época do Disk Pizza. Olfato e paladar em perfeita harmonia. Tinha o privilégio de poder ir à Beira Mar a pé só pra ver (e ouvir) o mar. Fortaleza é capital de muitos sons, desde o grito do vendedor da borracha de panela de pressão no centro até o forró que se mistura ao reggae, ao samba, rock e tantas manifestações artísticas. Às vezes, não basta só admirar a obra, é preciso tocar na arte, dedilhar a renascença orgulhosamente.

A minha cidade, de tão grande, foge das minhas vistas. Foi o jornalismo que me apresentou uma Fortaleza que eu não conhecia, a das ruelas, dos becos, das necessidades que gritam. A Fortaleza das urgências desnudou-se para mim sem nenhum constrangimento, aliás, eu que o tive, ao ver-me privilegiada em meio a tantas privações de fortalezenses que sentem na pele a textura da miséria e engolem a seco o sabor amargo da desigualdade.

O sol nasce mesmo pra todos?

E falando nele, eita sol quente, meu Deus! Só dá pra pegar com a mão dançando forró no sítio ou ouvindo dentro do Siqueira Papicu, que me levou pra faculdade

todos os dias, por quatro anos. Agora, dentro do carro, permito-me ser saudosa ao escutar o volume 3 do *Aviões do Forró* na mesma *playlist* que encontro Fagner e Waldonys.

Fortaleza é morada em mim há quarenta anos. Sou Mulher de fincar raízes quando chego. Dez anos no mesmo colégio, trinta anos na mesma casa. Mudar, porém, é preciso. A capital cearense muda a cada dia e eu mudei também, de casa, de bairro, de vida e de cabelo que o vento teima em bagunçar. Sinto orgulho de ser pulsante. Em movimento, estamos eu e a capital. Fortaleza é Mulher.



FORTALEZA NO DIVÃ DE LESTE A OESTE

Se Freud tivesse nascido no Ceará, quem sabe a psicanálise trabalharia com um outro complexo para além do Édipo: o complexo de Fortaleza. Esta mãe narcisista, solar, estonteante, que abraça seus filhos com o calor de meio-dia e, no instante seguinte, esquece de lhes dar de comer.

Estamos em 2026, e a “Loura Desposada do Sol” — como Alencar, num surto de idealização romântica, a batizou — completa três séculos de existência. É uma idade respeitável para uma cidade, embora, convenhamos, para os padrões europeus sejamos apenas adolescentes espinhentos e mal-humorados. Mas aqui estamos, sobreviventes da maresia que corrói o ferro e da opressão que corrói a esperança.

Fortaleza não cresceu; ela inchou. E aqui, peço licença para deitar esta cidade no divã. O diagnóstico clínico de sua urbanização, especialmente a partir da fatídica década de 1970, não é de desenvolvimento, é de edema. Um inchaço retendo de líquidos, lágrimas e suor mal pago. O sujeito “Fortaleza” sofre de uma clivagem do Eu, uma dissociação grave. De um lado, o Supereu rígido e brilhante da orla, os prédios espelhados que refletem um progresso que nunca chega à esquina de trás. Do outro, o Id pulsante, caótico e virulento das periferias, onde o desejo e a falta dançam forró agarradinhos.

Nas estatísticas globais, sempre aparecemos lá no topo do ranking da desigualdade. É o nosso sintoma mais persistente. O gringo lê os relatórios da ONU e não entende como não entramos em colapso. O que ele não sabe é que o fortalezense desenvolveu o mecanismo de defesa mais sofisticado da psique humana: a gaiatice. A nossa “cearensidade” é uma sublimação constante. Rimos da desgraça não porque somos sádicos, mas porque se levássemos a sério a nossa tragédia socioeconômica, teríamos que implodir a cidade e começar do zero. O humor é o nosso Rivotril na água encanada.

Mas suspendamos a frieza dos diagnósticos e entremos na análise daquilo que o inconsciente da cidade tentou recalcar. Eu, com meus 63 anos de carcaça curtida pelo sol, carrego o trauma e a glória de um tempo em que o tal desenvolvimento invadia nossas narinas com o cheiro acre do piche fumegante, enquanto tentávamos sublimar a dureza da vida com a doçura ingênua e gelada de um dindim de coco.

Sou filho de uma prole de sete irmãos, nascido numa Fortaleza que não existe mais nos mapas, apenas no inconsciente de quem pisou na lama do Moura Brasil. Minha infância não foi nos playgrounds acolhoados da Aldeota; foi em ruas que deixaram de existir como a Braga Torres e Santa Terezinha. Ali, a realidade não era metafórica. Era crua. Lembro-me, como se fosse uma cena primária freudiana, de cruzar os becos enlameados, descalço, saindo da favela em direção à “Praia do Peixe”, rumando para as bandas do que viria a ser a Praia de Iracema.

Foi no início da década de 1970, quando o “Milagre Econômico” da ditadura militar operava seus milagres seletivos. Multiplicava-se o cimento e subtraía-se a dignidade. Eu era um moleque franzino, vendendo dindim gelado para os operários que rasgavam o ventre da cidade para construir a Avenida Presidente Castelo Branco, a nossa velha Leste-Oeste.

Ah, a Leste-Oeste... Na topografia psíquica desta cidade, ela não é uma avenida. É uma cicatriz traumática. Eu vi, com meus olhos de menino que deveriam estar vendo desenhos animados, o choro das famílias vendo seus barracos serem desapropriados a preço de banana podre. Os coronéis de plantão higienizavam a orla, empurrando a pobreza para onde a vista não alcançava.

Hoje, quando passo por essa via, vejo a materialização da nossa neurose social. A Leste-Oeste liga dois mundos que se tocam, mas não se misturam, como água e azeite. De um lado, a Fortaleza dos ricos, fálica, ereta em seus arranha-céus que desafiam a gravidade e o bom senso. Do outro, a Fortaleza dos pobres, horizontal, labiríntica, vista a olho nu, sem filtros de Instagram. É o retorno do recalçado: a miséria que tentaram esconder continua lá, pulsando, viva, gritando.

No entanto, e aqui entra a ambivalência do amor (pois o ódio e o amor bebem na mesma fonte), não consigo odiar esta terra. Não se trata de uma fixação, ou dependência emocional patológica como sugere a psicanálise. Prefiro chamar de pertencimento.

Há uma beleza selvagem na diversidade desse povo. O fortalezense é um sobrevivente que aprendeu a fotossíntese: alimentamo-nos de luz. Nossa origem é esse amálgama doloroso e belo de indígenas, de negros escravizados que conquistaram sua alforria muito antes da Lei Áurea e do colonizador português que trouxe a cruz e a espada. Desse caldeirão, saiu gente de cabeça chata e alma redonda, gente que transforma tristeza em piada e fome em poesia.

Nasci e cresci nessa cidade, um sobrevivente que carrega na pele a topografia de suas dores e a luminosidade de suas glórias. Minhas mãos de criança conheceram o

peso do trabalho num batismo de suor sagrado para sustentar a família. Contudo, foi do alto da favela que herdei a maior das lembranças: ver o sol emergir do mar como uma promessa e se pôr na imensidão como uma prece. Portanto, ainda que tenhamos crescido sob a patologia do inchaço e do improvisado, existe uma ordem secreta e apaixonante nesse caos, um magnetismo vital que faz de Fortaleza não apenas um cenário de contradições, mas o altar inabalável da nossa resiliência.

Nas minhas andanças pelo mundo — e andei um bocado, talvez fugindo, talvez buscando — sempre repito a mesma pilhéria aos gringos. Quando me perguntam sobre algumas cidades famosas respondo sério que “É a segunda cidade mais bonita que já vi”. Eles, intrigados, sempre perguntam qual é a primeira. Eu abro um sorriso que vai da Barra do Ceará ao Mucuripe e digo: “A primeira é a minha Fortaleza bela”.

É um bairrismo delirante? É. É uma negação da realidade? Talvez. Mas é o amor. O amor, diria Lacan, é dar o que não se tem a quem não o quer. Fortaleza muitas vezes não nos dá o que precisamos, mas nós damos a ela tudo o que temos: nossa vida, nossa memória, nossa alegria teimosa.

Que nestes 300 anos, possamos olhar para o espelho do mar e reconhecer não apenas a nossa beleza, mas também as nossas feridas. Que a lembrança do menino vendendo dindim no canteiro de obras da Leste-Oeste sirva não para nos prender ao passado, mas para nos lembrar de que a cidade é feita de gente, de carne, osso e desejo.

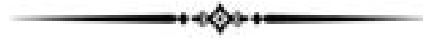
Se eu nascesse mil vezes, com todas as opções do mapa-múndi à disposição, eu escolheria, mil vezes, nascer novamente aqui. Porque Fortaleza não é apenas um lugar no espaço; é um estado de espírito, uma patologia deliciosa da qual eu não quero cura. Feliz 300 anos, minha velha, louca e amada cidade.





Sandra Amorim
2025

Alan Mendonça



CASA DE LÁPIS DE COR

Nasci em Fortaleza, na Torres Câmara com a José Lourenço.
Não sei para que lado ficava o quarto,
mas sei que quem me fez chorar pela primeira vez atendia pelo nome
de Oscar.

Sei também que pelas mãos desse mesmo homem, ali, três anos depois, nascia
o amor... mas só soube disso já quase velho.

Cresci no fim de uma rua perto de um dos fins da cidade
e tudo ainda era começo e flores de jambo nas calçadas.

Jovita, o nome da mulher que quis lutar contra mil homens e,
perdendo a guerra com um só, se deixou virar nome de rua onde,
de quanto em vez,
passava um carro e a bola canarinho pousava no meio-fio...
Isso antes, bem antes, dos engarrafamentos de fulgens para dentro do coração
de vias
interditadas.

Corria em rabo-de-arraia atrás de bola e bila, e eram tantas as ruas sem destino
algum:

Azevedo Bolão morreu no Campo da Pólvora; Padre Guerra morreu
dentro de um jornal; Tipógrafo Sales voou de arribação;
Lino da Encarnação morreu de coração menino, General Piragibe morreu
de coração cansado; e, na 21 de Abril, perdi um dente de leite.

Veza por outra, entrava pelos portões da universidade
e vagueava, cada vez mais longe, como a desenhar uma descoberta...

Um dia encontrei sinais da guerra e a primeira favela que descoloriu meus olhos para sempre.

Em frente à minha casa havia um segredo, depois fizeram um mirante, que tapou a vista e deixou a casa ainda mais quente.

Um dia me vestiram com uma fardinha e me levaram para a escola. Quando me vi só, entre tantos olhos estranhos, estranhei e chorei. Chorei o prenúncio da solidão da vida inteira. Queria, ainda hoje, saber o nome da ajudante da professorinha que me ergueu pelo braço e me sacudiu em frente ao seu rosto de demônio gritando que o cachorro gigante iria me morder se eu não parasse de chorar estranhando a falta de minha mãe porque eu iria ficar trancado na casa do cachorro gigante até eu parar de chorar estranhando a falta de minha mãe. Lembro que eu me agarrava, no descaminho, aos postes da Humberto Monte, aos braços de minha mãe, e, aos gritos ante a boca do cachorro, ao portão do Colégio Santa Isabel, na Bezerra de Menezes, porque tinha medo de lá. Tinha medo do cachorro gigante que mordida as crianças que choravam. Eu tinha três anos e pouco, nem quatro, e não sabia voltar para casa. De tanto medo, fiquei anos sem falar. Ainda choro e desencontro o caminho de casa. Sou quase sempre calado e ainda tenho medo de cachorro... quarenta e tantos anos depois...

Passei o resto daquele ano em casa e depois fui para o jardim do Parque das Crianças, no Centro.

Chorei no primeiro dia, mas a Tia Zaíde me acalentou e me levou até onde estava minha mãe, perto do lago, onde depois imaginava serem monstros terríveis adormecidos os sacos de lixo a boiarem nas águas.

De tardinha, atravessava com minha mãe a Praça Coração de Jesus e a Duque de Caxias em direção ao Colégio Cearense para encontrar meus irmãos e esperarmos meu pai vir do Banco do Brasil em frente à Igreja do Carmo, onde, por aqueles dias, uma prima casou com um primo, ambos desempregados, e foram morar na Cidade dos Funcionários, onde quase não havia casas, mas havia uma venda de malquinhas.

A Tia Zaíde me ensinou a escrever meus primeiros nomes.

Fui aprender meus sobrenomes no Cearense e fiquei por lá tentando entender meus sobrenomes até não ter mais jeito...

até ir para a Faculdade de Letras, na Luciano Carneiro, depois da 13 de Maio, e meu pai querer apagar meu nome.

O chão do pátio da frente do Cearense era cheio de jiriquitis...
Diziam que eram sementes do pau-brasil do livro escolar.
Pensava que, se plantasse, poderia nascer um novo país...
mas era apenas uma informação falsa.

Saía pela porta dos fundos do Colégio e ouvia os lamentos mortuários da Clarindo de Queiroz, desterrada rua em Cucuí pela Floriano Peixoto, dobrava à direita e escutava, na Jaime Benévolo, sussurros de golpe aos ouvidos da Marechal Deodoro, que subia na Cachorra Magra e proclamava a República.

Nos tempos de Marista, meu pai deixava seu carro (uma Brasília, que, tal qual a outra, não funcionava bem) ao lado do ginásio do colégio, onde fiz algum gol em todas as traves. Soube dia desses que o ginásio vai dar lugar a torres de apartamentos. Serão alegrias soterradas como foram as que ficaram embaixo de um tosco prédio que existe sobre a antiga AABB da Beira-Mar, onde também fiz algum gol em todas as traves e guardei as memórias mais felizes do menino triste. Também fiz algum gol nas traves do Clube dos Diários, do Náutico, do Ideal, do BNB Clube, do Círculo Militar, da AABEC, do Tiradentes, do Aécio de Borba, do Paulo Sarasate e nas quadras de muitos colégios e praças. Cada gol que fiz na vida me salvava um pouco da boca do cachorro gigante da ajudante da professorinha que me ergueu pelo braço e me sacudiu em frente ao seu rosto de demônio gritando que o cachorro gigante iria me morder se eu não parasse de chorar estranhando a vida e o medo dos dentes do Santa Isabel que ainda hoje vejo pendurados no portão quando passo pela Bezerra de Menezes.

A Brasília de meu pai, nos dias em que aceitava a rua e a ida à vida, percorria a Jovita, passava o trilho do Otávio Bonfim, entrava à esquerda perto do IBGE indo no rumo do Capistrano de Abreu para depois atravessar a Carapinima e entrar à esquerda na Avenida da Universidade até a Praça da Bandeira e à direita ir pela Meton de Alencar até o Ginásio Marista.

Até hoje, vez por outra, refaço esse caminho como uma ronda por dentro de mim.

Aos domingos, íamos para a Feira dos Pássaros na Lagoa da Parangaba. Algum espetinho de gato, algum passarinho de contrabando, cinco caldos de cana e uma alegria tola, mas sincera, perdida.

Às vezes, meu pai enchia a velha Brasília de bicicletas e velocípedes e íamos para alguma praça cujo nome se perdeu das conversas esquecidas. Um dia montei em um boi de concreto e fui feliz por um ou dois minutos.

Passei o resto da vida tentando saber onde ficava aquele boi de cimento... até descobrir que ele sempre esteve na praça do aeroporto velho a desconhecer os destinos dos aviões.

Havia também os domingos de Presidente Vargas... algumas almofadas para amenizar a arquibancada e algumas laranjas que mãe descascava, muitos palavrões e o Fortaleza a maltratar os corações, os estômagos e as bexigas de pais e filhos em meio a batalhas campais a cal com um Calouros do Ar, um América, um Ferrim...

Estava no Castelão com meu pai no dia em que a torcida do Fortaleza aplaudiu o time do Ferroviário campeão; no dia em que um torcedor jogou outro da arquibancada para a geral (ainda lembro do triste voo daquele homem); na noite das garrafadas em um clássico-rei (ainda lembro do papoco das garrafas no cimento e do sangue tricolor entre os dedos de meu pai a me proteger dos vidros). Depois disso, só voltei ao estádio um dia desses, com meu pai já sem paixão, mas ainda com o coração, o estômago e a bexiga maltratados. Entramos em um Castelão uniformizado, igual a qualquer um, de qualquer lugar... Até o formato das redes das traves são iguais a todos os estádios no baralho das copas, o que limita o desenho do gol nos papéis do menino triste. O Fortaleza jogava distante, no horizonte.

Um dia, meu pai me esqueceu no colégio e eu não sabia explicar para ninguém onde era minha casa.

Chorei ao pé do portão da avenida, com as mãos cheias de jiriquitis, até finalizar o ano.

No ano seguinte, convenci meu pai de que poderia ir sozinho até a agência, mas sempre tinha medo de ele não estar mais lá e ia choramingando jiriquitis até a Pedro Pereira, mas ele sempre estava, fazendo alguma graça, até o dia em que se aposentou de seu trabalho no Pasep.

Depois disso, o seu tempo desacompanhou o tempo do Cirandinha, do Bar do Lido, da Peixada do Elias. Desonerou o seu Canto do Pirão, salgou sua Caicó,

se perdeu da Estrada da Cofeco, de onde um dia voltou tão bêbado que me mostrou o primeiro medo da morte.

Não havia mais a casa do Alto da Balança que terminava no muro da Base Aérea, nem a casa onde vendiam galinhas em frente ao trilho do trem do Lagamar, nem tampouco sabia onde ficava a casa da Vila São José que se foi numa chuva nem que fim levou o fusca azul no São João do Tauape.

Foram ficando somente a rede na área branca e as antigas piadas, das quais ainda hoje rio.

Passsei sozinho a pedir emprestado os ares condicionados das lojas que não existem mais

até o ponto do ônibus que não existe mais
para a casa que não existe mais na cidade que não existe mais
pela vida que é outra.

Quando se fica por muito tempo no mesmo lugar, os olhos mutam e coisas já vistas são vistas pela primeira vez, como diz o poeta do Córrego da Areia.

Havia uma piscininha de pedras no mar perto de onde meu pai morou quando veio do interior fazer o clássico no Liceu, quando
o São Pedro ainda era novo e o Chico Doido era o goleiro do Praia de Iracema.
Quando revi o amor que nasceu das mãos do choro,
fui morar a uma quadra da Tigipió e vi a água menina
entre as pedras da velha Praia do Lido.

O tempo adoce a cidade, mas também lhe dá alguma chance:

pois que o São Raimundo ainda está lá a por primeiros choros aos sons do mundo;

o Pronto Baby, onde costurei a testa de um voo impreciso;
o Cura d'Ars, onde minha mãe se operou das veias e onde,
quase quarenta anos depois, deixei minha amora que virou estrela
e guiou a gênese do asfalto onde minha flora nasceu.

Nasci novamente dentro do reino de seu nome.

Antes, para depois do Iguatemi, indo pro rumo de fora, depois do mangue,
havia um segredo...

Moro hoje depois desse segredo, em um prédio
onde tem uma pracinha na frente, numa rua de calçamento e árvores
onde minhas filhas correm e cantam felizes,
uma de olhos e cabelos e a outra de imaginário,
e a mãe delas me diz que esta cidade ainda será
uma casa de lápis de cor
para o menino triste e cismado.

Mailson Furtado



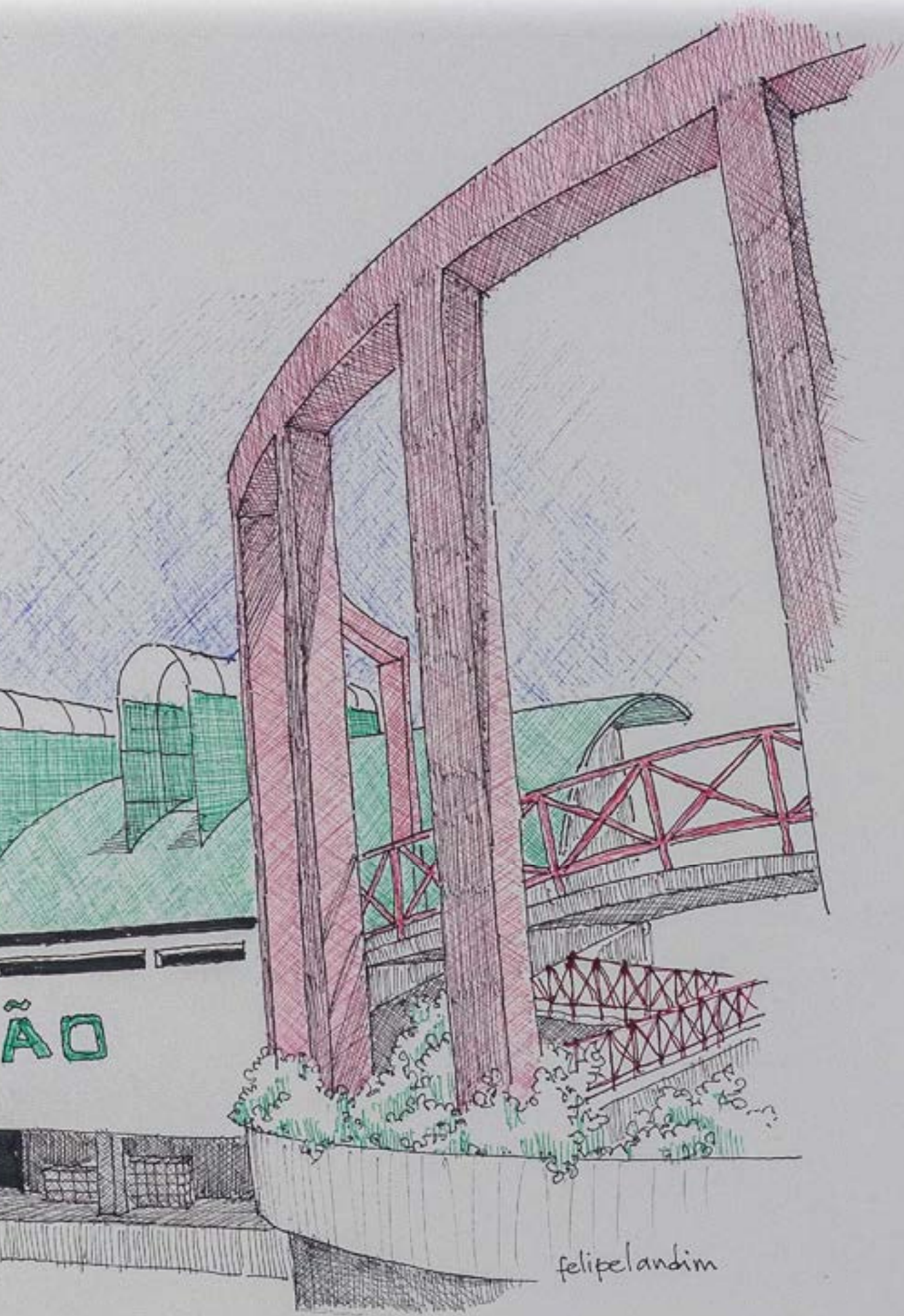
aqui a terra da luz se norteia
se mapeia
se encontra

fortaleza onde se inventa tanta vida
inventou parte do sertão
que lá não pode ficar

espatifa vistas
e bem querereres
junto aos verdes mares
e se encontra de fato
no concreto de suas ruas
na fortaleza sem muros
a convidar o mundo pra cá
descobrir



MERCADO SÃO SEBASTIÃO



ÃO

felipelandim

DANDO NOME AOS BODES

Aos vinte dias do mês de janeiro do ano de mil seiscentos e doze, o Capitão Moreno aporta sua embarcação próxima à foz de um rio desconhecido. Percorrendo as margens do referido rio, Capitão Moreno avista uma bela índia tupi banhando-se em suas águas. Aproximando-se dela, pergunta:

— *Qual é o nome deste pequeno caranguejo que abunda as margens do rio?*

Em seguida, a Índia responde:

— *“Siri Ará” (Caranguejo Branco, Caranguejo de Asas ou, ainda, o córrego onde ele abunda; traduzido para a língua portuguesa).*

Pronto, o Capitão já tinha um nome para atribuir àquela região. Muito tempo se passou, mas ainda hoje persiste uma grande polêmica em torno da origem do nome da capitania fundada pelo Capitão Moreno, que depois se chamaria “**Ceará**”.

Não muito longe dali, no ano de 1649, o militar da Marinha Holandesa, Capitão Beck, aporta com sua embarcação próximo às margens de um riacho de águas límpidas batizado pelos nativos como “**Pajeú**”, ou Riacho do Feiticeiro na língua portuguesa. O mesmo nome também foi dado a um rio que compõe a bacia do maior rio do Nordeste Brasileiro, o Rio São Francisco. Às margens do Riacho Pajeú, o Capitão Beck ergueu um forte denominado Schoonenborch, mas somente no dia 13 de abril de 1726, em alusão ao Forte Schoonenborch, foi fundada a vila chamada de “**Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção**”. Essa denominação serviu de base para nomear a cidade que crescia em seu entorno. Assim, nascia a Cidade de Fortaleza com sua santa padroeira: Nossa Senhora da Assunção.

No início do século vinte, Fortaleza já era uma cidade com ruas calçadas com paralelepípedos de granitos extraídos das serras cearenses. As ruas próximas ao forte foram arborizadas com árvores nativas e exóticas como a figueira Benjamin (*Ficus Benjaminia*) de origem asiática. Essas árvores produziam pequenos figos que quando

maduros atraíam e ainda atraem vários grupos de pequenos psitacídeos verdes que são chamados de “*Papacus*” (não me pergunte o motivo desse nome de batismo). Até hoje as pessoas admiram esses pequenos periquitos verdes agarrando e levando ao bico os figos maduros dos benjamins, enquanto fazem uma tremenda algazarra. Acontece que ao olhar para cima dos benjamins as pessoas também passam a conhecer um inseto que reside nessas árvores. Trata-se de uma praga comum de tripes conhecida como “*Lacerdinha*” (*Gynaikothrips uzeli*) que cai diretamente nos olhos das pessoas (parece que de propósito) e provoca uma grande e duradoura ardência.

Na década de 1920, surge a figura de um bode que ficou famoso e por ter sido candidato a vereador da cidade. Ele vivia circulando pelos bares onde era agraciado com doses de cachaça. Um verdadeiro “papudim” que recebeu o nome de “*Bode Ioiô*” por passar o dia inteiro “pra cima e pra baixo” nos bares da cidade. Após sua morte, foi embalsamado e encontra-se exposto no Museu do Ceará.

Nesses mesmos bares, quando um fofoqueiro comentava um fato (ou mentira) relevante com a intenção de elogiar ou denegrir uma ou várias pessoas, logo aparecia um curioso que exclamava:

— “*Dá nome aos bodes*”, pois quero saber quem são esses “*cabras*”.

Aqui em nossa Fortaleza
Tem muita estória pra contar
Mas pra liberar o espaço
Nossa prosa vou encerrar.



FORTALEZA EM GRAMAS DE PLÁSTICO

Surgida a partir de um forte holandês, sete anos depois tomado por forças portuguesas, acolheu o título “Fortaleza de Nossa Senhora de Assunção”, homenagem àquela que aponta o caminho para o reino dos céus. No entanto, seus canhões de bronze, a maioria, apontava para o interior e não para o mar, confirmando o caráter didático-repressivo de intimidar rebeliões, principalmente dos povos originários, residentes na “Aldeota”, e não satisfeitos com aquela invasão euro “peia”.

Mas essa ocupação seria impossível, não fosse a presença ali do riacho Pajeú. A cidade surgiu às suas margens. Acordava e dormia à beira de seu leito em plena orgia hídrica. Sem ele a abastecer os primeiros habitantes, dificilmente aquele povoado prosperaria. A turma não apenas retirava dele a água para suas necessidades, como também se divertia, sorridente nos dias calorosos, a brincar e a nadar em suas águas límpidas.

Porém, mesmo depois de elevada à vila, em 1726, Fortaleza continuava pobre e desinteressante, sem atividades econômicas que a destacasse, além de estar isolada dos principais centros populacionais do Ceará. Não se comparava as prósperas vilas de Sobral ou de Aracati, o que causou espanto ao recém-chegado Bernardo Manuel de Vasconcelos, ao ver, quase perdida naquele areal engolidor, a “muito velha e aruinada casa dos governadores”. Ora, não fosse a competência dos indígenas da região, Aquiraz seria a capital do Ceará, ou seja, Fortaleza recebeu essa de graça, sem o menor esforço.

Pensando bem, ela por muitos anos não se tornou relevante pelo que era, nem pelo que fazia, mas simplesmente “por estar no meio do caminho”, tornando-se entreposto comercial, principalmente enquanto comemorava a Guerra da Secessão, pois não fosse o conflito americano, nem constaria no mapa do mundo inglês.

Não produzia algodão, nem charque, nem couro, mas aproveitava o castigo das secas e explorava a mão de obra de flagelados recolhidos em insalubres campos

de concentração para aformosear a cidade, aprender francês, tocar piano, comprar *biscuits*, cumprir *footing* em praça pública. Por outro lado, a partir daqueles tempos, conheceríamos os nossos artistas, nossos poetas.

Pelas ruas descalçadas, sonhavam à luz esverdeada de combustores acesos a velas quando não eram noites de luar. Reuniam-se com outros artistas e cantores, em modinhas trastejadas ao pé de sacadas balaustradas de ferro na esperança do sorriso acolhedor de suas musas inalcançáveis. Sacolejavam em bondes puxados a burros, para desfiar poemas enamorados ou, simplesmente, ocupavam cafés e bares bebendo a Baco e à beleza misteriosa de moças por trás das gelosias das janelas.

Dos seus primeiros sobrados, desafiadores da engenharia da época, poucos restaram, pois Fortaleza, desde sempre, teve a tradição de não ter tradição. O fortalezense é antes de tudo um ingrato secular. Tem medo do passado. Ignora-o completamente. Não cultiva o sentimento de pertença. No quesito “não proteger seu patrimônio”, ele consegue fazer aos poucos o que é preciso uma guerra e um Trump para destruir, mas consegue! E atinge todas as categorias de patrimônio: material (arquitetura, artes, literatura, teatro, cinema etc.), imaterial (expressões artísticas, saberes da cultura popular e tradicional etc.) e natural – o último, com auxílio do poder público que, em pleno 2025, aprovou um plano diretor que ameaça áreas verdes protegidas, favorece a especulação imobiliária, a construção de “superprédios” e o risco a comunidades tradicionais e de baixa renda.

Sento-me à praça do Ferreira, o “coração da cidade”, em arritmias. Vejo ali em canteiros recém-inaugurados, acima da estranha grama de plástico, uma placa do distraído patrocinador a dizer: “Adote o Verde”. Como assim?

Lembro-me do riacho Pajeú, o símbolo da vida, da esperança e da continuidade daquele povoado há 300 anos. Hoje, ele não estrela mais aos raios de sol, pois está soterrado e canalizado, constrangido de seu povo a dar-lhe as costas, tendo apenas trechos dele visíveis em alguns pontos da cidade. Num deles, vi uma família em situação de rua. As crianças estavam dentro do canal, competindo com o lixo a boiar pelo caminho. Eles, em calções, se divertiam, embora menos sorridentes, em nossos dias calorosos, a brincar em suas águas desprestigiadas e turvas.

Ah, quisera eu ainda sonhar com uma Fortaleza diferente. Que soltem os fogos e as vaias!



DAS COISAS INSUSPEITAS

Erguida em 2004 na caótica bifurcação da Aguanambi com a BR-116, a praça-rotatória Manoel Dias Branco logrou certa eficiência sobre o ordenamento do trânsito local.

Não conheci qualquer imagem do personagem que nomeia o logradouro, mas pela silhueta da estátua que o representa é pouco provável que o escultor lhe tenha feito justiça. Plantada sobre o topo duma coluna tronco-piramidal, a figura atarracada acena para o trânsito com o braço direito sutilmente desproporcional. O reflexo solar que dele resvala pela lateral direita do tronco acentua sua deselegância prismática. O conjunto foi implantado no centro da praça, mais precisamente sobre o ponto de confluência dos riachos Aguanambi e Tauape. Irmanados pelo desprezo, ambos tributam suas águas lodosas para a sub-bacia do São João do Tauape onde avolumam-se no território mais conhecido por Lagamar; braço bojudado que deságua no Rio Cocó.

A inclusão de uma passarela metálica – ainda na inauguração de 2004 – buscou viabilizar o acesso seguro ao sítio, mas conhecendo a proverbial preguiça do brasileiro para escalar coisas do tipo diria que o passadiço continua virgem desde sua última demão de tinta. Implantado em 2016 o viaduto em curva, que hoje liga a avenida Aguanambi à BR, confere certa plasticidade à aridez tão própria dos não-lugares. O aspecto monumental do elevado acaba por oferecer uma espécie de teto à praça, um elemento de referência no complexo jogo da sintaxe urbana... O programa da recente intervenção incluiu o desvelamento do exato ponto onde, antes, os dois riachos se misturavam às ocultas.

Duas ou três vezes por semana pedalo pelo interior da praça e, com o olhar de dentro, identifico seus costumeiros personagens: A mulher que todas as tardes alimenta a bichanada faminta que de lá não arreda patas. O pescador que desce os *canyons* de concreto e lança sua armadilha na esperança de capturar o jantar do dia

ou, quem sabe, o tira-gosto da noite. As alvíssimas garças que escarafuncham caramujos nas águas obscuras... Em meio a esse cenário de belezas e premências, Raimundo, vigia desempregado e leitor inveterado, parece confortável no seu assento público. Cada vez que acesso a praça faço questão de quase tangenciá-lo para saber de suas preferências literárias. Percebo que ora concentra-se sobre matérias jornalísticas vencidas, ora detém-se sobre antigos semanários esportivos... Dia desses percebi que saboreava brochura relativamente volumosa. Fixei-o, passei, quase raspei... segui caminho. Depois tomei ânimo por saber o que lia; não antes de completar o circuito da rotatória para não parecer de todo acintoso. A princípio Raimundo percebeu minha aproximação como ameaça, mas logo a sensação de desconfiança cederia lugar ao aborrecimento.

Opa! Tudo bem?... Como vai o senhor?... Posso fazer uma pergunta?... Silêncio. O senhor parece gostar muito da leitura, né? A resposta veio-me após intermináveis três segundos. E não sei se concordando com a pergunta ou ironizando minha óbvia curiosidade, respondeu: *Pois é, moço, sou curioso.* Meio sem jeito me apresentei e fui, paulatinamente, claro, me informando sobre o que fazia, como se chamava e por fim que livro havia em mãos. Desejando colaborar, pedi-lhe o contato para eventual indicação de emprego.

É que perdi o celular, moço. A reação – mais uma vez desinteressada – praticamente selou qualquer possibilidade de desdobramento.

Lembrei-me que nosso condomínio houvera contratado porteiro aficionado pela leitura... A experiência revelou-se desastrosa. Sempre absorto em narrativas, a atenção do distraído funcionário bloqueava-se para todo tipo de solicitação condominial. Muito compreensível, afinal sabe-se lá em que multiverso poderia estar metido na exígua guarita enquanto os condôminos o importunavam!

Avesso a entrevistas, nosso Rubem Fonseca da rotatória encontrava-se diante de um sujeito obstinado por atrapalhar seu deliberado refúgio. Reconhecendo, pois que já havia ultrapassado todos os limites minimamente razoáveis de abordagem pus fim à agonia daquele inquérito desculpando-me pelo estorvo. Tão logo me despedi, retomei a perigosa travessia da BR 116 e segui o rumo de casa deixando-o na santa paz do anonimato.

PS – No volume que Raimundo folheava com visível interesse inscrevia-se na capa de discreta apresentação, o título: “Os Segredos da Maçonaria”.



MINHA FAVELA É UMA FORTALEZA

Há mais ou menos uns vinte e cinco anos, conheci, aqui em Fortaleza, no início dos anos dois mil, uma turma de turistas de São Paulo. Conversa vai, conversa vem, um deles soltou a seguinte pérola — *Eu achava que aqui era uma vila de pescadores* — Ignorância à parte, e à revelia dos noticiários de TV do sudeste com abrangência nacional, esses visitantes que sequer sabiam onde estavam pisando, não possuíam ainda, assim como nós, as tecnologias que hoje levam e trazem informações, imagens e textos em fração de segundos para o mundo todo, em tempo real. Até aí, é perdoável. No entanto, duvido muito que um cearense, por mais sem informação que pudesse ser, chegasse em “Sampa”, à época, achando que lá era, literalmente, uma selva de pedras. Às vezes, sou muito afeita à ironia com gente preconceituosa. Outras, sou tão direta e barulhenta quanto um raio. Nesse período, Fortaleza era a quinta cidade brasileira com mais habitantes.

Quem pode vir curtir as férias no Nordeste tem, no mínimo, bom poder de consumo, mas isso não está diretamente relacionado a ter conhecimento, e esse caso específico, demonstra bem essa disparidade. Mas, ignorante é sempre o outro, não é mesmo? Ainda mais quando esse outro é nordestino. Enquanto nos insultam, vamos nos desenvolvendo em vários aspectos. Uma rápida busca nos números e notícias é fácil descobrir. Mas, aqui para nós, que nascemos e moramos nesta cidade cujo nome é substantivo feminino cheio de beleza e força, nessa nossa urbe litorânea, há muitos contrastes. E não precisa ir muito longe, nas redondezas da região metropolitana, para vermos a grande favela que é Fortaleza. Dos quase dois milhões e meio de habitantes, mais de quinhentos mil moram em favelas. Segundo o IBGE (2022) há, aqui, mais de quinhentas favelas e comunidades urbanas. Somos, querido conterrâneo fortalezense, o terceiro município com o maior número de favelas do país e só perdemos para São Paulo e Rio de Janeiro, respectivamente.

Escrevo esse texto dentro da casa que nasci e me criei, localizada na favela do Papoco, no Pici. Há, aqui, pouco mais de onze mil habitantes, estamos entre as dez maiores favelas da cidade, de acordo com o portal de notícias G1, e ficamos atrás apenas do Pirambu, Pantanal e Planalto do Pici.

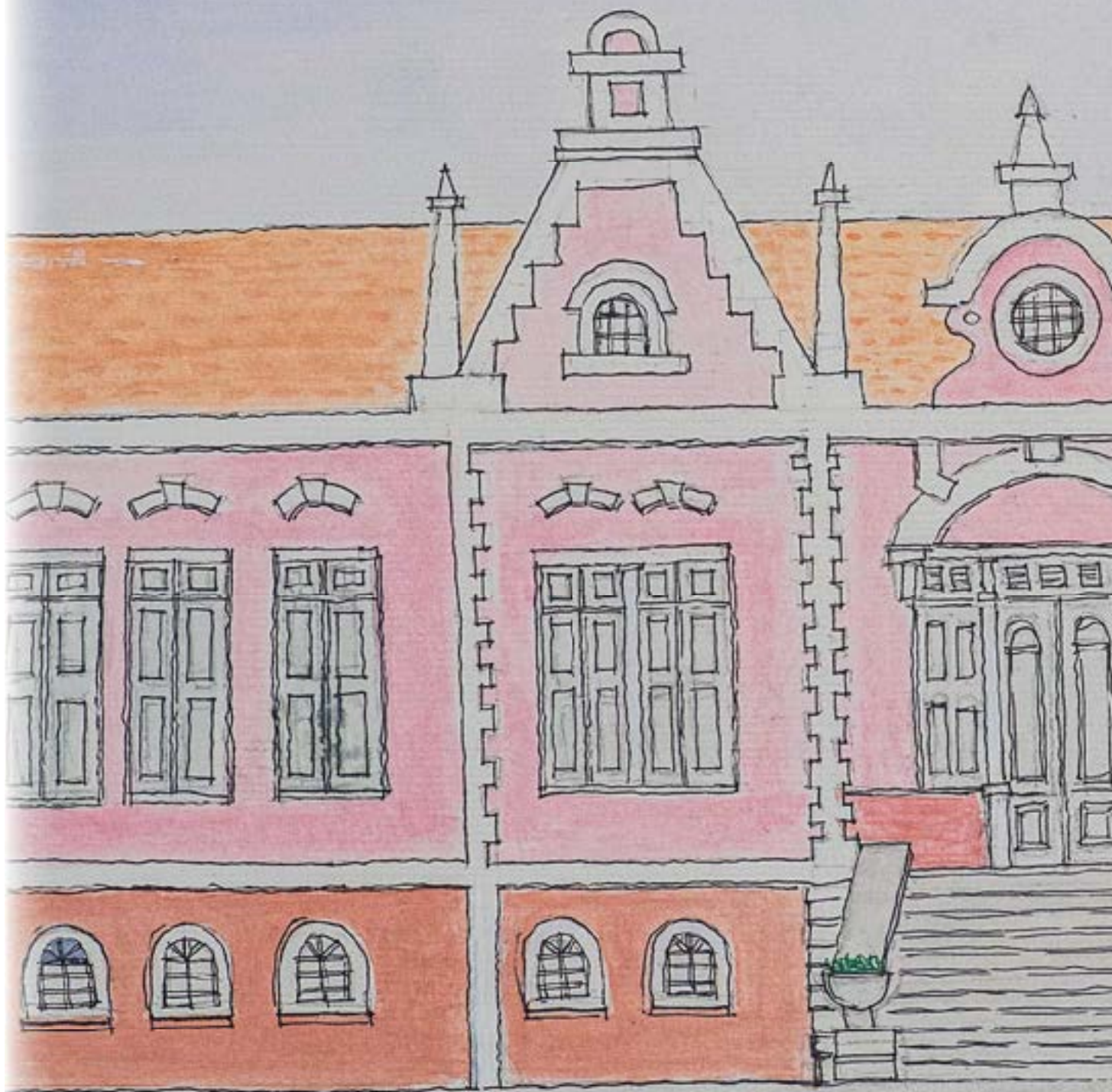
Seria muito poético, já que sou poeta, escrever uma crônica sobre a beleza estonteante do mais belo pôr do sol da cidade, o da Barra do Ceará; o deslizar do Rio Cocó cortando a Sabiaguaba; os corpos jovens e dourados se jogando ao mar de Iracema, nas proximidades da Ponte Metálica; a arquitetura neogótica da nossa Igreja da Sé com seus vitrais e torres pontiagudas que miram o céu do Centro; o fascínio bucólico do passeio público e, ainda, a mansidão das lagoas da Parangaba, Maraponga, Messejana, do campus do Pici da UFC, e tantas outras. Vejo beleza até nos pombos, aves insalubres, que voam e sobrevoam a nossa querida Praça do Ferreira e, claro, não poderia deixar de citar, o Teatro José de Alencar e seus jardins de Burler Marx. Aqui, há muitas belezas naturais e construídas pela mão do homem.

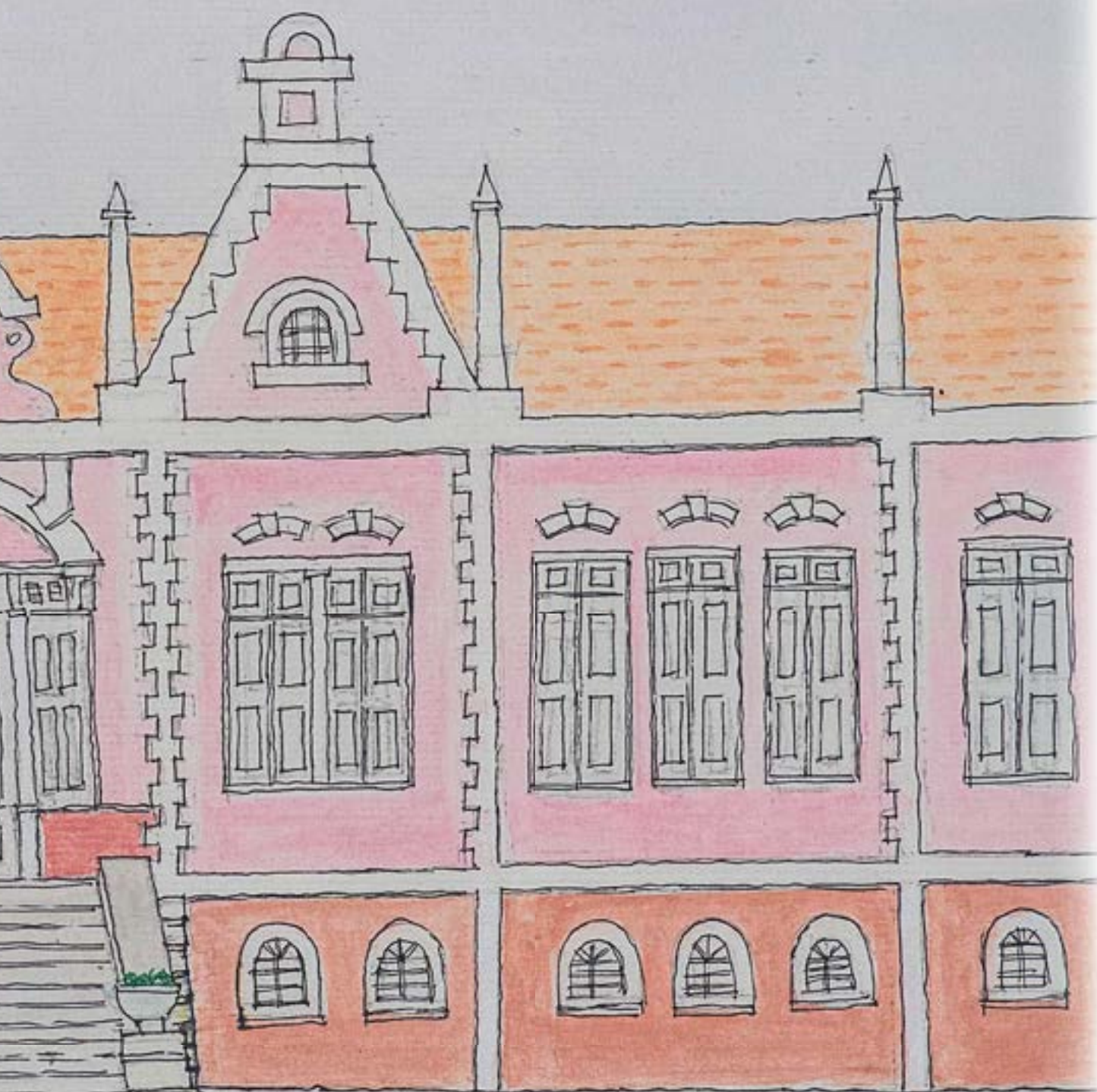
No entanto, não tenho dúvidas que parte dos escritores que compõem esse livro-homenagem pelos seus 300 anos, teceram belos textos sobre lugares de encher os olhos.

Mas Fortaleza, *cidade-forte* que prendeu o corpo de Bárbara, a republicana, nas dependências do Forte Nossa Senhora de Assunção, também deve fazer uma autocrítica, olhar para si mesma, refazer passos, construir beleza também para os humildes, os trabalhadores braçais, aqueles que a constroem, no tempo de hoje. Aqueles que saem da periferia rumo à área nobre para trabalhar, pagando uma passagem cara para se deslocar, em pé, em um ônibus quente e com mais de vinte anos de uso. Ou ainda, aqueles que pedalam 17 km para ir trabalhar e mais 17 km para voltar, exaustos, por avenidas sem ciclofaixas. Os sem privilégios, dentes, escolaridade, casa própria, cama, comida, iphone, ifood.

Fortaleza é feita, na base, por essas pessoas. São mãos e corpos pretos, mulheres que deixam seus filhos sozinhos ou mal acompanhados, para cuidar dos filhos e casas da classe média/branca e sem noção da realidade social que assola mais de quinhentas mil pessoas. Exaustas e sozinhas, essas mulheres vão, aos poucos, buscando o amor e proteção para os rebentos. Desprotegidos e sozinhos, meninos e meninas vão dando conta de si mesmos, acessando o que podem e o que não devem. Abandonam escolas, pois é preciso trabalhar. Afinal, boleto aqui na favela é igual bala “perdida”, tem endereço certo.

Sei não, mas sei lá... Entendo que preciso parabenizar Fortaleza, lugar que nasci, me criei e aprendi a ser o que sou. Minha *cidade-mar* que dá inveja àqueles que vivem soterrados por um cinza cor de concreto frio, mas minha bela *cidade-mulher*, vamos agilizar? Bora a vida do seu povo melhorar? Já está passando da hora da favela também ser um lugar bom e bonito de morar. Afinal, teu sol não é para todos, assim como teu céu azul e teu verde mar?





Zeze
ZEZE
2026

IRACEMA PUNK

Fortaleza pulsa,
não a das dunas dóceis,
mas a das avenidas elétricas
onde Iracema
troca o arco e a flecha
por tatuagens luminescentes,
moicano azul-mar
e um par de botas militar.
Ela desce a Monsenhor Tabosa
como quem invade
um território inimigo.
Cada vitrine é um espelho partido,
cada ônibus um animal metálico
arranhando o asfalto.
Na praia
ela acende um cigarro,
observa o mar
que continua imenso,
profecia de espumas antigas
por entre arranha-céus.
Iracema,
na alucinação de outro poeta,
já não guarda mais o segredo da jurema:
hackeou o sistema,
invadiu as redes,
quebrou algoritmos coloniais

e destituiu Martim,
com o mesmo gesto firme
que um dia
rompeu alianças tabajaras.

Iracema é punk,
Tem acrílicos lábios de mel
e olhos que brilham em LED.
A cidade inteira
parece segui-la
como se Fortaleza
tivesse descoberto,
na fúria luminosa dessa filha,
sua nova
e indomável
lenda.





FORTALEZA E A FORTALEZA DO TEMPO

Parece invenção, mas, garantem os estudiosos sérios, tudo aconteceu de verdade. Em plena praça do Ferreira, vaiaram o sol. Acontece que chuvas torrenciais tinham banhado a cidade por vários dias. Nada de sol. Nada de rotina comercial. Não havia condição de fazer qualquer transação, pois a chuva não ajudava. A praça se esvaziara e todos se confinavam em suas casas. Então o astro-rei, cearense, escaldante, típico destas plagas, deu o ar de sua graça e voltou, impávido e poderoso, a aquecer o ambiente da Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. Não ficou impune, levando uma tremenda vaia dos transeuntes.

Fortaleza, já nesse tempo (pois a história contada é de muito tempo atrás, coisa de quase um século), orgulhava-se de sua rotina conquistada. Rotina que se traduzia em progresso e avanço em todos os setores. O fortalezense já se sentia próximo do europeu civilizado, adotando os hábitos, as normas e, até mesmo, os gostos arquitetônicos e artísticos do Velho Continente. Cidade em expansão, com profusão de riquezas, queria ser uma “Paris dos trópicos”.

Há trezentos anos, quando se tornou vila por mercê do rei de Portugal, Fortaleza era um pequeno arruado. O Pajeú insurgia-se imponente, tendo nas suas margens um forte construído para assegurar a defesa de uns poucos colonos. O forte era acahado, mas recebeu, meio constrangido, o nome de fortaleza e o topônimo impregnou-se na terra, expandiu-se pelo futuro, gerou um termo inconfundível para as gerações que se espalharam por tais lugares cheios de vento e sol. A vila recolheu-se à insignificância, intimidada diante do fausto de Aracati e Icó. A desolação e o abandono ainda predominavam quase cem anos depois, quando virou cidade, a Fortaleza de Nova Bragança. Um famoso viajante inglês não escondia o espanto diante da visão de um pequeno conjunto de casas em meio ao areal. Se pudesse ressuscitar e viajar no tempo, surgindo num passe de mágica nos dias correntes, com certeza pensaria que teria chegado em outro planeta. Não veria mais o Pajeú, aterrado e escondido, como se tivesse cumprindo uma pena. Nem tampouco o areal, vencido paulatinamente pelas pedras, pelo concreto, pelo asfalto. É verdade que permaneceu o forte, mas, em nenhum aspecto peculiar, faz lembrar o lugar onde nascera a pequena urbe.

A Fortaleza provinciana era como uma criança que engatinhava. Suas vilas ganharam nomes inusitados que demonstravam tão somente a experiência e o sentimento de seu povo: rua da Alegria, rua do Fogo, rua Formosa, rua do Cajueiro. Beco do Cotovelo e Esquina do Pecado são topônimos destes tempos idos, quando a Praça do Ferreira ainda não vislumbrava a era das aglomerações e das passeatas que lhe dariam fama na posteridade.

O tempo é forte, é inexorável. O destino de Fortaleza representou dor, sofrimento, ruína e, até mesmo, destruição para uns, mas também glória e extrema felicidade para outros. Aos corpos cobertos de sangue dos mártires dos confederados juntaram-se, numa mistura macabra e angustiante, os dos retirantes sertanejos que fugiam das terríveis secas e eram empurrados feito gado nos currais do governo. Manchas da evolução, sujeira para colocar debaixo do tapete. A história, contudo, premiou os afortunados e empreendedores. Fortaleza alastrou-se, deixou a timidez de lado e chegou aos distantes quintais de Paupina e Arronches, outrora exuberantes aldeias indígenas, concedendo a elas novas posições e também os novos nomes de Messejana e Parangaba. Para todas as direções, o poder e a riqueza dominaram os ermos e mudaram completamente as paisagens e os ritmos da vida.

Cavalos e carruagens, bem como animais de criação, foram retirados de suas ruas quando os códigos de posturas deixaram de ser leis para “inglês ver”. A cidade que se modernizava não toleraria resquícios de barbárie e atraso. Surgiram os bondes, os coletivos, os automóveis. Ruas largas e avenidas também. Os fortalezenses passaram a conviver com o trânsito infernal e incontrolável. Deixaram de curtir a sesta depois do almoço e passaram a ter uma vida agitada, onde tempo é dinheiro. Mas há quem diga que o balanço foi positivo.

O tempo deixou como herança figuras inquietantes e Fortaleza não poderia ser compreendida se faltasse uma delas. Os arranha-céus da Beira Mar, as favelas do Lagamar, os ambulantes e pedintes da Praça do Ferreira, os monumentais projetos arquitetônicos da Aldeota e Meireles, as areias do Titanzinho, as barracas da Praia do Futuro, os grandes centros comerciais apelidados de “shopping centers”, as margens poluídas do Cocó, tudo é Fortaleza. Todos fazem parte da vida de uma cidade esdrúxula e espetacular em todos os sentidos. A cidade avançou de forma desordenada, arrebanhando multidões com todo o rol de sonhos, carências e problemas que elas traziam. Fortaleza, centro do poder e do avanço, é também o lugar no Ceará onde há mais pobres, mais criminalidade, mais poluição. Porém, tem também mais ricos, mais poder, mais importância.

Para o bem e para o mal, Fortaleza é o que é. Seu nome é o que consegue dar a interpretação exata de sua história. A fortaleza de seus moradores foi, sem dúvida, o fator que possibilitou a evolução que ela alcançou, que construiu coisas belas e fantásticas e que transformou uma pequena e acanhada cidade numa metrópole brasileira. Fortaleza é forte como o tempo.



GEOGRAFIA DE AFETOS

Pensei em escrever uma carta de amor para Fortaleza. Mas as palavras me escapam — como o vento teimoso da Praia de Iracema no fim da tarde. Não sei escrever sobre essa cidade sem sentir seu asfalto quente sob meus pés, sem tropeçar nos paralelepípedos ou mesmo cair em buracos inesperados das minhas lembranças.

Eu, que cresci no Montese, entre seus comércios e calçadas desniveladas, tinha ali o centro do meu mundo. E ele tinha rua com nome de batalha, barulho de rádio ligado alto e cheiro de espetinho na esquina.

Minha Fortaleza crescia devagar: passava pelo Jardim América, pela Vila União, alcançava o Damas — e, com sorte, chegava ao Centro uma vez por mês, para andar pela Mesbla e subir as escadas rolantes da Lobrás.

Qualquer coisa além disso parecia longe demais. Talvez uma visita anual ao Cocó para ver o Papai Noel no Iguatemi. E só.

Talvez por isso fosse fácil enjoar com o sacolejo do ônibus para visitar a família no Henrique Jorge e difícil caminhar toda a calçada do 23 BC para chegar na casa da minha avó no bairro de Fátima. Meu mundo era pequeno, mas era meu. Reconhecia os prédios, os rostos, os sons. Eram eles que me davam chão.

A primeira vez que desci no Benfica foi num meio de semestre. A avenida da Universidade parecia mais larga que qualquer rua que eu conhecia. As árvores antigas tinham raízes que pareciam querer sair do chão para ver os muros pichados de protesto e poesia. O Benfica me apresentou ao mundo. E ao mundo dentro do mundo. Foi ali, entre xerox e “cai duros”, que percebi que Fortaleza não era uma só. Era muitas.

O Montese tinha donos certos: o da farmácia, da padaria, do mercadinho. Já o Benfica parecia de todos e de ninguém. Os sebos eram bibliotecas sem donos. Os bares transbordavam para a calçada.

E eu, que antes achava que conhecia minha cidade, descobri que não conhecia nada.

Foi por essa época que comecei a perceber que amor demais também cansa. Amo Fortaleza, mas sei que amá-la é também engolir a seco muita coisa. É pertencer e ser estrangeira. É descobrir que meu território não é tão meu assim. É topar com fronteiras invisíveis, ruas que não são para você, códigos que você não entende. São territórios atravessados.

Hoje vivo no Cambeba, a poucos passos da Casa José de Alencar. Engraçado: a menina que cresceu achando o Cocó distante demais acabou morando ao lado do homem que inventou Iracema. A mesma Iracema cujo vento me roubou as palavras no começo dessa carta que não é bem uma carta.

Mas Fortaleza sempre soube o que estava fazendo comigo. Me plantou no Montese para me dar raiz. Me levou ao Benfica para me dar mundo. Me trouxe ao Cambeba para me ensinar que a gente nunca termina de conhecer essa cidade — ela se reinventa a cada esquina, a cada mudança.

As palavras ainda me escapam, como aquele vento teimoso. Mas hoje deixo. Porque amor por Fortaleza não precisa ser uma carta perfeita. Pode ser torto como beijo de adolescente, pode ser atravessado como território, pode ser vento que leva e traz. Pode ser simplesmente isso:

Ficar.

E florescer onde ela plantou a gente.



AS LIÇÕES DO SOL-POSTO EM FORTALEZA

Caminho equilibrista sobre o fino muro que separa o apolíneo — império da razão — do dionisíaco — anarquia dos impérios. Antes, a mais leve das brisas me fazia flunar dionisíaco. Ô beleza! Era o mais feliz ali, no lado esquerdo do peito. Hoje, já um sessentão, a razão me predomina. Mas quando a rotina de trabalho se torna implacável e me esgota, me bate uma saudade de mim, esse sentimento revelador de que o presente não está muito bom. Aí o menino inquieto, o poeta ávido de vida, se arvora dentro de mim, feito um saci a pular dentro do coração, reclamando espaço. Então meu sátiro mais apaixonado se agiganta e me ordena cumprir um ritual boêmio.

Numa frágil tentativa de me conter, olho o relógio. Sempre é por volta das 16 horas. Ainda há sol lá fora e calor e brisa marinha (e mulheres que passeiam sobre os calçadões com seus sorrisos e roupas coloridos). Ainda há tempo... pronto já caí do fio do muro. Saio da sala como quem sai do claustro. Meço as possibilidades e vou à beira-mar. Quero ver o pôr do sol. Preciso vê-lo e recuperar meu equilíbrio nesse ritual que a natureza nos oferece. É a mais pura celebração da natureza. Impossível não se tornar melhor ao reverenciá-lo.

Para este rito, Fortaleza dispõe de alguns altares. O mais conhecido é o da ponte — construída por ingleses para o comércio; mas os cearenses a batizamos La Femme Bateau. Sim, a ponte de esmeraldina inspiração é uma catedral para a homilia do sol-posto. Quer saber? É para lá que eu vou!

Caminho sobre ela, a brisa traz o cheiro e o gosto salitrado da maresia aspergida pelo quebrar das ondas dos verdes mares bravios nas longarinas da velha e reformada ponte. Alcanço o lugar mais ermo, estou pronto para as lições de renovação do silente sermão do Sol.

De início, ele é cáustico, metálico. Inclemente, inquieta, multiplicando o desconforto, o estresse de quem o está a observar. Olhá-lo de frente, afrontá-lo assim, não há quem possa. Seria um ato irracional insistir nisso. Quem fizer essa irracionalidade findará com cegueira também física. Eis a primeira lição: a da resignação. Sugere: olha para ti mesmo, fecha os olhos e medita.

Mas o que se inicia pungente, vai amenizando. Sai do metálico incandescente para os matizes de vermelho, roxo e cinza-chumbo. Aos poucos, devolve ao ser a possibilidade de olhar. Até chegar o momento de iluminação sem a presença do Sol, que já mergulhou na linha do horizonte; mas sua luz, agora amena, permanece e proporciona a cada um ver o entorno de si. Sim, só para que as pessoas possam sentir que não estão sós e quanta beleza há no coletivo.

Eis a segunda lição: a da contemplação. Não estás só, olha tranquilo para as pessoas e as coisas, dá-lhes a tua atenção. Conduz ao mantra: Ama o próximo como a ti mesmo.

Por fim, o que é penumbra vai ficando escuro. Essa inversão de luz devolve por completo o ser a si mesmo. Mas o agora de novo ensimesmado livrou-se da tensão com que chegara e já tem guardado no espírito o espetáculo do pôr do sol. Nunca mais esse rito o deixará, pois aprendeu com a natureza um mistério da paz. É a terceira lição: a da transcendência. Reverbera: a paz está em ti, és a minha imagem e semelhança.

Cumprida a homilia do Sol-posto. O equilíbrio deveria estar de volta, pois essa paz é propícia a que a situação apolínea se instaure. Pelo menos, no meu caso seria, se eu fosse direto para casa ou de volta ao trabalho, e, sobretudo, se não houvesse o leste.

Mas sempre teimo em olhar para o leste e ver a lua se refletir nas águas já escuras da tarde-noite, onde brincam golfinhos... e, quando faço isso, o portal da boemia se abre...

Daí... é assim, tranquilo, que pouso sentimental numa mesa de bar... um cho-pp, uma música, a brisa marinha, mulheres a passearem sobre os calçadões com seus sorrisos e roupas coloridos, um olhar fisgado... um bate-papo falando da vida e ... quem sabe — na supremacia das emoções — braços, corpos suados, ao ritmo das ondas da preamar, eternizam, do jeito humano, a tal homilia do Sol-posto.

Márcia Ximenes

Fortaleza, Fortaleza
Irmã do sol e do mar!
Fortaleza, Fortaleza
Sempre havemos de te amar.

Hoje, domingo, dia de passeio de bike pelo centro histórico de Fortaleza com um grupo de amigos. Logo, me veio à cabeça o refrão do hino da cidade de Fortaleza, aprendíamos no primário e ginasial alguns hinos para cantarmos nos momentos oportunos de celebração. Será que nos dias de hoje ainda ensinam os hinos? Acho que virou modê!

Esse refrão ficava mais forte quando pedalando e passando pelos monumentos que contam a sua história, no caso específico a 10ª Região Militar e a praça dos Mártires, onde nasceu Fortaleza “junto aos muros do forte”, letra do hino.

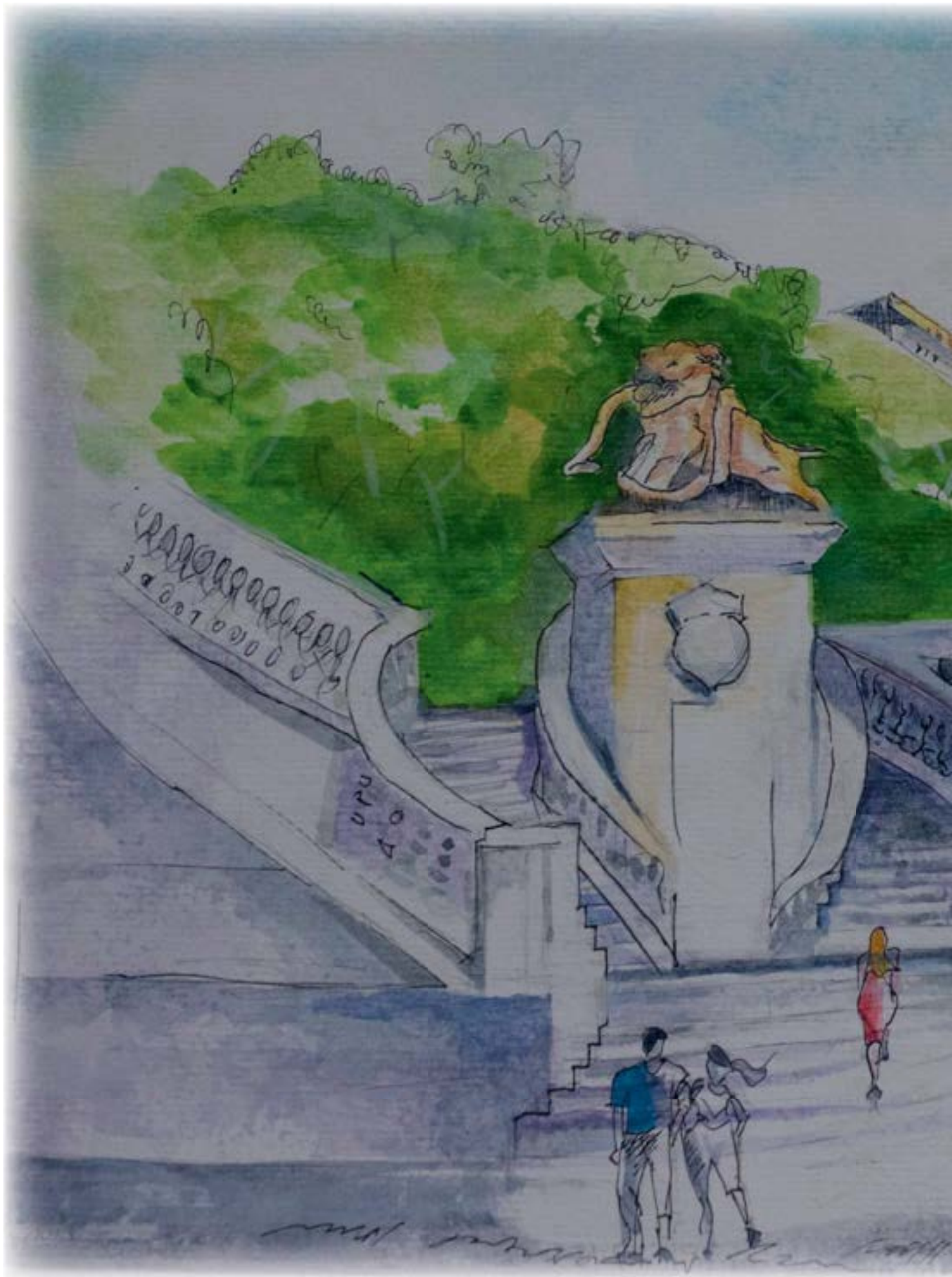
Mais adiante pelas ruas do centro em direção à praça José de Alencar para ver o belo teatro José de Alencar e sua imponência. (116 anos). Voltamos pela famosa praça do Ferreira, quando criança, em época de Natal, era típico dos passeios com a família para ver as vitrines enfeitadas de Natal (a magia do natal) hoje a praça recém – reformada para seus 300 anos e com a preservação da primeira cacimba da cidade. Tomei conhecimento dessa cacimba nesse passeio. O momento histórico da praça foi a VAIA ao sol: há três dias de chuva (1942) e quando sol apareceu os frequentadores vaiaram o sol. Eis o nascedouro do humor cearense.

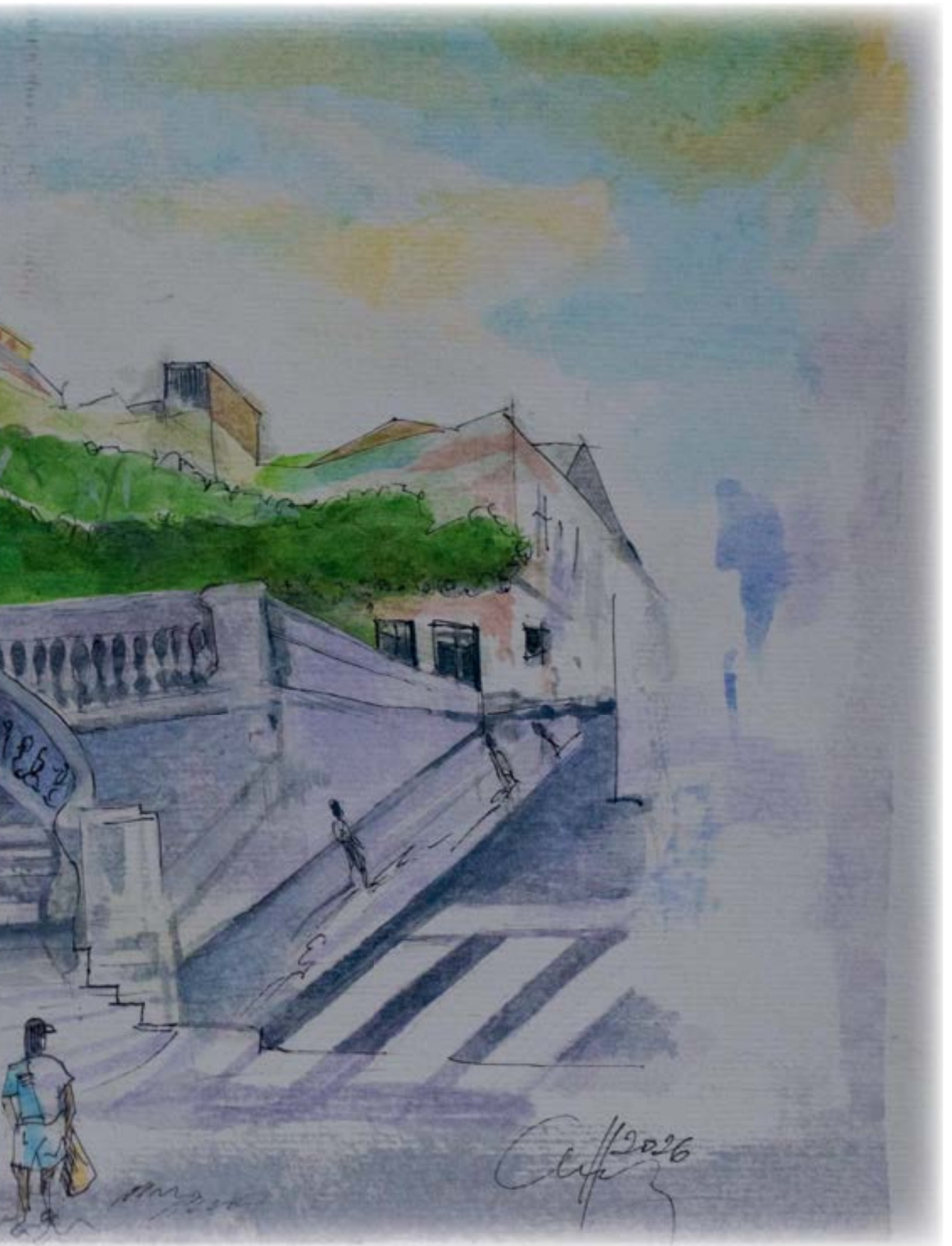
Prosseguimos e chegamos a Praça dos leões, igreja do Rosário, e como não tirar uma foto com a ilustre Raquel de Queiroz(estátua).

Descemos até o Raimundo dos Queijos onde ainda reina nos prés e no carnaval a alegria contagiante dos antigos carnavais. Logo mais avistamos a catedral não sei bem quanto tempo durou a construção, uns afirmam 100 anos outros 40 anos. O importante é que ela está no meio da cidade de Fortaleza.

Deixo para o final, como forma de gratidão à atual gestão da prefeitura, a alegria de ver a cidade da criança restaurada: Frequentávamos aos domingos com meus pais e irmãos desfrutávamos do espaço com as bicicletas, brincadeiras de correr e ao final as comidas preferidas pipoca e algodão doce. Quando as primas vinham do interior à Fortaleza também participavam dessas inesquecíveis “memórias afetivas”.

Parabéns Fortaleza! Aprendi a te amar, viajo e conheço outras cidades, mas não a troco por outras. Desejo muito progresso nesses seus 300 anos e continue preservando a nossa história e os monumentos.





FORTALEZA, PARTE DA MINHA HISTÓRIA

Fortaleza tem uma importância fundamental na minha vida.

Eu não nasci aqui, nasci no Crato, mas cheguei muito cedo a esta cidade que, com o tempo, se tornaria o centro da minha trajetória.

Sempre gostei de estudar, e isso me proporcionou bolsas em escolas particulares de Fortaleza, onde passei a estudar a partir do sexto ano do ensino fundamental. Naquela época, vim morar com familiares, longe dos meus pais, que ficaram no Cariri. A vida era simples, com pouco lazer. Mas aqui tem praia. Eu gostava muito de ir à praia, quase sempre a pé, e ali encontrava minha diversão.

Morei perto do Ginásio Paulo Sarasate. Tenho lembrança dos shows que aconteciam ali. Às vezes, eu ficava na porta só para ouvir a música. Era o tempo em que a Legião Urbana estava no auge e embalava uma geração inteira.

Foi aqui, em Fortaleza, que cursei a faculdade de Engenharia Civil. Também foi aqui que, aos 18 anos, passei no meu primeiro concurso público e tive meu primeiro emprego, como fiscal de limpeza e urbanização da Prefeitura Municipal de Fortaleza, carinhosamente (eu acho) chamado de “fiscal do lixo”. Mais tarde, já na década de 90, fui aprovado para auditor fiscal estadual, cargo que exerço até hoje, embora atualmente esteja licenciado.

Minha relação com a cidade sempre foi intensa. Desde adolescente, mantive uma ligação muito próxima com o mar e com a praia. Aos domingos, era sagrado, quase um ritual. No decorrer dos anos, morei em vários bairros: Bairro de Fátima, São Gerardo, Varjota, Aldeota, e hoje moro no Meireles. Sempre tive uma vida social ativa, principalmente a partir do momento em que comecei a trabalhar. Frequentei a noite de Fortaleza, estádios de futebol, bares, restaurantes... vivi a cidade em sua plenitude.

Na minha vida pública, Fortaleza também sempre teve papel decisivo. Foi aqui que recebi minhas maiores votações, em duas eleições consecutivas, com cerca de 30 mil votos em cada uma. Esse reconhecimento sempre reforçou meu compromisso e carinho com a cidade.

E agora, quando Fortaleza celebra seus 300 anos, estou de volta à Prefeitura como servidor, desta vez como secretário municipal da Educação. Uma responsabilidade imensa: dirigir a quarta maior rede de ensino do Brasil, com mais de 670 unidades escolares.

Eu, que cheguei aqui como estudante do sexto ano, hoje tenho a missão de conduzir a educação desta cidade. É um desafio enorme, mas também um motivo de orgulho pelo caminho que percorri, pelas oportunidades que Fortaleza me ofereceu e pelas conquistas que construí aqui como profissional e como pessoa.

Fortaleza é a cidade que mais faz parte da história da minha vida. É aqui que vivo, que trabalho, que construí minha trajetória. E poder contribuir, ainda que em pequena parte, para a construção da história desses 300 anos é, para mim, uma honra imensa.

FORTALEZA

Ah, minha mãe adotiva!
Que me toma no seu colo doce, ardente e gentil.
Foste minha professora no viver.
Amiga de farra pelos becos, clubes e praças.
Guardaste em segredo meus beijos e paixões juvenis.
Abraços, choros e gargalhadas nas noitadas musicais entre o Cais Bar e Estoril.
As noites de forró das segundas-feiras, roubadas pelo Pirata
com o triângulo a mais de mil.
Me presenteia com tantas alegrias!
Em gratidão, te ofertei com um filho.
Tornei-me parte de ti.
Fracos somos sem terra.
Hoje sou fortaleza porque tenho a ti.
Terra do sol, iluminada que encanta tantos que atravessam tuas calçadas e mares.
És musa dos poetas, escritores, compositores e artistas.
Não quero falar das estranhezas do cotidiano da cidade que cresceu,
hoje é dia de festa.
Me rendo a tua beleza, minha amada mãe Fortaleza.



ACTM.





A FORTALEZA QUE ACOLHE A LUTA DO POVO

A capital cearense tem quase 300 anos de história. Quando, ainda bem jovem, vim do Cedro, para estudar e trabalhar, rapidamente notei que esta é uma cidade que, embora nem sempre preparada para acolhidas ideais, possui um espírito de mãe aguerrida, de braços abertos para quem a enxerga como uma casa a ser constantemente reformada, modernizada, que se mostra sensível às necessidades de seus filhos e filhas.

Não à toa, como muito cedo me engajei nos movimentos popular, estudantil e sindical, percebi que Fortaleza guarda um vínculo com a rebeldia, com a juventude, com quem luta por melhores condições de vida e cidadania. Senti isso quando fui presidente estadual do Sindicato dos Metalúrgicos, depois da Central Única dos Trabalhadores e, posteriormente, do Partido dos Trabalhadores. A capital abrigou em suas ruas e praças centenas de manifestações pela liberdade, pela igualdade, pela justiça social.

Vivi todos estes momentos com bastante intensidade e tenho boas e infinitas recordações de companheiros e companheiras com os quais me orgulho de ter lutado ombro a ombro. Foram momentos marcantes, como a luta contra a ditadura militar e pelas Diretas Já; as passeatas contra a carestia; a eleição de Maria Luiza Fontenele, primeira prefeita de Fortaleza e primeira mulher a governar uma capital brasileira; os atos do Fora Collor; as greves contra as reformas administrativa e previdenciária e por mais conquistas para os menos favorecidos; a eleição de Lula, o 1º presidente brasileiro oriundo da classe trabalhadora; as articulações contra o golpe na presidenta Dilma, primeira mulher a governar o país; e a luta contra o fascismo e o golpismo dos bolsonaristas.

A tradição de luta de Fortaleza está inscrita em diversos logradouros. Quem anda pela cidade já se deparou com nomes de praças, ruas ou avenidas que carregam títulos de personalidades históricas como Jovita Feitosa, Bárbara de Alencar e Tristão Gonçalves. É a face concreta da memória de heróis e heroínas da Guerra do Paraguai,

da Confederação do Equador e de outros movimentos. No caso da mobilização contra a escravização, há muitos nomes em destaque: Dragão do Mar, Bezerra de Menezes, João Cordeiro e Liberato Barroso, entre outros.

Enfim, essa é a terra pela qual fui adotado. Fortaleza é mulher, forte, contestadora, de beleza ímpar, uma trabalhadora que não se curva ao poder dos poderosos, que tem opinião firme e braço forte, mas acostumada a dar a mão a quem mais precisa.



MINHA HISTÓRIA COM FORTALEZA: ONDE ELA CRESCE COM SIMPATIA, ALEGRIA E CERTEZA, EU CRESÇO JUNTO

Minha história com Fortaleza vem de longe. E começa com a desconfiança. Quando eu era menino, lá pelos cinco ou seis anos, não acreditava que existisse outra cidade além de Pereiro. O povo dizia: “Tem sim, tem a capital — Fortaleza, e é muito maior que Pereiro. Dá umas 200 Pereiros.” E eu respondia: “Mas menino! Num tá vendo que não tem lugar maior do que Pereiro 200 vezes? Nem existe outro lugar, muito menos essa tal de capital...”

Comecei a duvidar menos quando Chico Moura, um motorista de lá, vinha toda semana para Fortaleza num caminhão misto. Dois ou três dias depois, ele voltava. Aí comecei a suspeitar que aquela cidade, supostamente 200 vezes maior que Pereiro, realmente existia. Depois, meu avô paterno, Dedé Maia, mudou-se para cá. Aí foi a gota d’água. Se o velho foi, é porque a cidade existe. Se o padim Dedé foi pra Fortaleza, é porque ela é de verdade.

Então chegou o grande dia. Viemos todos: eu, papai, mamãe e, acho, mais algum irmão. Não sei se o meu irmão mais velho, o Mariano. Passaríamos uns dias na casa de vovô.

Rapaz, pense na ansiedade, no desejo de chegar aqui. A estrada parecia não ter fim. Era muito ruim. Pra você ter uma ideia, só havia asfalto na BR-116 até Russas. De Pereiro até Russas era barro puro. Quando finalmente chegamos ao asfalto, foi um choque — eu nunca tinha visto estrada preta na vida. Que diabo de estrada preta era aquela? A viagem durou o dia inteiro. Chegamos a Fortaleza à noite. O impacto foi enorme, mais de um choque.

Primeiro, o tamanho da cidade: realmente dava umas 300 Pereiros. Depois, a luz elétrica. Eu nunca tinha visto uma lâmpada acesa. Quando vi uma, me assustei. Quando vi várias, iluminando ruas inteiras, quase de madrugada, eu disse: “Agora lascou!” Era muita luz...

Chegamos à casa de vovó. O encantamento com a luz elétrica era tanto que eu passava o dia mexendo no interruptor — aquele biloto que fazia “teque-teque” ao subir e descer. Minha avó se irritou e disse: “Esse menino passa o dia ligando e desligando essa luz! Será o Benedito?”

Quando disseram: “Vai chegar hoje a televisão que estava no conserto”, eu fiquei espantado. Televisão? Existe isso? Existe! Daqui a pouco chega. E eu imaginando: que diabo será uma televisão? Me disseram: “É tipo um rádio, mas dá pra ver as pessoas.” Fiquei pensando: será um teatrinho de marionetes? Uns bonequinhos sendo manipulados?

Quando finalmente chegou, foi o maior susto. Era a antiga TV Ceará, em preto e branco. Imagem ruim pra cacete, mas dava pra ver uns cabras se mexendo. Tinha apresentadores locais, um jornal, propagandas ao vivo com o Toinho Mendes. Quem lembra dele? Toinho foi o primeiro garoto-propaganda da TV Ceará. Aí fui me acostumando com a cidade.

Na época, Fortaleza era cheia de ruas de areia. Minha avó morava na Avenida Rui Barbosa, que hoje é uma via importante, cheia de prédios, asfalto e o cacete. Mas, naquele tempo, era só areia. Era quase esquina com a Heráclito Graça. Bom porque era perto da praia. Meu avô tinha um jipe cinquenta e pouco e nos levou à praia. Outro susto: ver o mar. Que açude enorme! Água demais! E eu, doido pra entrar, me decepcionei: a água era salgada demais. Não dava. Era muito sal.

Essas foram minhas primeiras impressões.

Depois, por questões familiares, tivemos que nos mudar de vez para Fortaleza. Foi quando realmente conheci a cidade, quando começou o namoro, a paixão. Antes, só susto. Agora, não: criei amor, e raiva também. Fomos morar perto da Avenida 13 de Maio, perto do estádio Presidente Vargas. Conheci o PV, o futebol, comecei a torcer pelo Ceará. Fiz vários colegas.

Teve também o choque do sotaque. Em Pereiro, a fala tem um quê de pernambucano, de Cariri — do “di”, do “ti”. No colégio, o pessoal tirava onda com a nossa cara. Mas levei na esportiva. A maioria também vinha do interior. Era difícil encontrar uma família da periferia que não tivesse raízes interioranas. E, naquela época, a 13 de Maio era periferia.

Depois, mudamos para a Parquelândia, mais periférica ainda. Quase todo mundo era do interior. Lá, conheci a música, os amigos - Tarcísio Matos, Tarcísio Sardinha, Gladson Carvalho, Clarêncio, meus primeiros parceiros musicais. Teve ainda Adail Colares, Bené Rodrigues... Começamos a aprender violão. Comecei a tocar com o Tarcísio Sardinha. Olha a vergonha: ele virou o maior violonista do Ceará e eu fiquei ali, batendo em três ou quatro cordinhas. Mas tudo bem. Cada um com sua sina.

Fui me entranhando na cidade. Ela crescia e eu também. Me apaixonei pela urbanidade, pela arquitetura, pela história. Li “Geografia Estética de Fortaleza”, de

Raimundo Girão, e aquilo me apresentou à personalidade da cidade e às pessoas que a construíram. Me entrosei com o pessoal da arte, do humor e, principalmente, do Urbanismo e da Arquitetura. Daí veio a vontade louca de cursar Arquitetura. Fui estudar e me entranhei mais ainda. A cidade entrou em mim também. Hoje, me considero cidadão fortalezense. Nem preciso de título da Câmara de Vereadores. Sou fortalezense total. E defendo a cidade. Sei como ela se transformou. Já é outra “pessoa” pra mim.

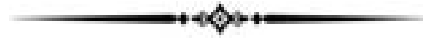
Aquela Fortaleza íntima do começo mal resiste, exceto por alguns núcleos - no Centro, na Praia de Iracema, na própria Parquelândia. O resto virou algo meio estranho pra mim. Tento me adaptar. Sinto o mesmo estranhamento de quando cheguei, vindo de Pereiro. Às vezes, basta um mês sem vir que, ao descer no aeroporto, já noto algo novo. Mas entendo: todo mundo precisa se desenvolver. A cidade é como uma pessoa. Não vai parar por minha causa, e eu corro atrás. Onde ela cresce com simpatia, alegria e certeza, eu cresço junto. Só não cresço nas fuleiragens — mas essas, todo mundo tem.

Fortaleza hoje é uma cidade cosmopolita. Antigamente, São Paulo e Rio de Janeiro eram as referências: tudo se encontrava por lá. Mas Fortaleza chegou lá. Às vezes, nos orgulha ser a cidade mais rica do Nordeste — embora talvez não precisasse tanto. É preciso distribuir melhor essa riqueza. Que o povo cresça com a cidade, não só materialmente, mas espiritualmente também. Porque a cidade é um ente, e nós somos parte dela, dessa Grande Fortaleza.

Tenho orgulho de ter crescido junto com a cidade. Conheci seus trilhos, suas esquinas, revirei-a do avesso. Lembro da juventude, quando saíamos a pé de madrugada pela Avenida Jovita Feitosa, com violão na mão, no meio da rua, que era só calçamento, sem risco algum. Foi assim que nos entranhamos pela cidade. E foi muito bom. Todo tempo é bom.

Hoje, tenho certeza de que as crianças que chegam a Fortaleza, do interior ou de longe, também estão se adaptando, gostando e amando essa cidade.

Grecianny Carvalho Cordeiro



FORTALEZA 300 ANOS

Compreender a si mesmo exige olhar para dentro. Nessa jornada, há momentos em que é preciso olhar para trás, tão longe e tão profundo quanto possível, porque é a partir das diversas camadas que compõem a ancestralidade que nossa identidade é forjada. Somos moldados por alegrias e tristezas, dores e amores, encontros e desencontros. O percurso é semelhante quando buscamos conhecer a fundo a cidade em que vivemos. Em ambos os caminhos, paciência e senso crítico são as vigas que sustentam essa empreitada, por vezes demorada e penosa. De vez em quando, a criticidade poderá ceder espaço para a culpa. À procura da pessoa e da cidade, é quando brota a sensação de pertencimento.

Quando me lancei ao desafio de escrever sobre a cidade onde nasci para prestar-lhe uma homenagem, pensei ser uma tarefa fácil. Alinhar um verso aqui e outro ali, registrar peculiaridades, pincelar com alguns fatos históricos e pronto: a missão estaria cumprida. Mas não foi bem assim. As ideias não surgiam, a imaginação não fluía e os dedos ficaram imóveis diante do teclado do computador.

Fortaleza foi o cenário de toda a minha existência, desde o instante em que saí das entranhas de minha mãe no hospital da Policlínica. Morei na Rua Gonçalves Ledo por vários anos, fui catequizada na igreja da Piedade, assisti ao desfile do Maracatu na Av. Duque de Caxias, passei pelo Parque da Criança, acompanhei o desfile do 7 de setembro na Av. Desembargador Moreira, fiz parte dos meus estudos no colégio Nossa Senhora da Assunção... Meus cinquenta e poucos anos estão entrelaçados aos trezentos anos da cidade, e tudo o que me ocorre é evocar seus verdes mares bravios, o vento fresco que atenua o calor do sol causticante e o riso aberto de um povo hospitaleiro com uma vaia inconfundível. Mas a minha Fortaleza não se resume ao que vejo, e sim ao que sinto. E devo dizer: sinto-me feliz por ser fortalezense.

Enquanto pelejava com as palavras, percebi que, por muito tempo, minha cidade era uma estranha. Pouco sabia de sua história, de suas lendas, dos segredos guardados pelos antigos, das memórias que se perdiam com as novas gerações, tudo isso somado ao desinteresse dos jovens pelo passado e ao silêncio dos adultos.

Essa constatação não se reveste de culpa, é antes de tudo um convite: cabe aos que vieram antes passar adiante as memórias das quais são guardiões, pois disso depende o futuro – de uma cidade, de famílias, de nós mesmos. Olhar o passado é fundamental para compreender o presente e plantar as sementes do futuro. Será que estamos contando as histórias de Fortaleza às novas gerações?

O tempo ensinou-me a ter orgulho de minha tricentenária cidade, ainda que ela seja, para mim, uma senhora bem mais antiga. O tempo era sílaba quando os primeiros aventureiros aqui chegaram: espanhóis, navegadores efêmeros; holandeses, com estadia curta em busca de minas de prata; por fim, portugueses, que fincaram raízes.

Em meu singelo tributo, sou tomada pelo encanto de saber-me filha de uma lenda, descendente distante de um amor marcado pela dor: de uma mãe que foi tragada pelo reino dos encantados, enquanto o pai partiu para lutar em guerras intermináveis. Em meio a batalhas contra invasores e contra a própria natureza, o filho e os filhos de seus filhos desafiaram a fome, a sede e a miséria provocadas por secas constantes.

Fortaleza é a fortaleza do Siará — Ceará: é luta, resistência, pioneirismo, arte, luz, liberdade e religiosidade. Eu, filha desta terra, sou feita da matéria de sua força, perseverança e fé. A cidade, antiga Villa Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção, pulsa em mim no auge de seus trezentos anos de idade.



FORTALEZA: O SOL QUE NOS GUIA E A MEMÓRIA QUE NOS CHAMA

De nome que já inspira grandeza, nossa Fortaleza chega aos seus 300 anos. Parece muito tempo de estrada, mas para a capital cearense, esse triatlo de séculos soa como uma tarde bem curtida à beira-mar, com os pés na areia e o rosto voltado para o vento. Quem a vê hoje, intensa, vertical e cheia de uma energia quase elétrica, mal imagina os ecos de um passado distante em que uma pequena vila teimou em crescer justamente onde o vento faz a curva.

Para quem nos visita, Fortaleza é o brilho das praias e o burburinho das barracas. Mas para o povo do “vixe”, ela é, acima de tudo, a terra da irreverência sagrada. Onde mais se veria um povo, em plena Praça do Ferreira, reunir-se para vaiar a maior estrela do sistema solar? O episódio de 1942, quando o sol brilhou depois de dias sem aparecer, é a nossa verdadeira certidão de batismo espiritual: somos filhos da molecagem. O “ei, macho” continua sendo a vírgula que pontua as conversas de calçada, do Meireles à Barra do Ceará, mantendo vivo um “cearencês” que nenhum dicionário formal consegue traduzir.

As nossas praias têm o diferencial dessa mistura caótica e linda: o chão escaldante que frita ovo dividindo a cena com a brisa suave que acaricia a pele às cinco da tarde. Mas o aniversário da cidade bela comemora muito mais que o cartão-postal de orla. A história viva vibra em cada esquina do Centro. Caminhar da Caixa Cultural, passando pelo belíssimo prédio da Secretaria da Fazenda e subindo até o Mercado Central, ladeado pela imponente Catedral, nos revela um corredor turístico fascinante. Dali, avista-se a 10ª Região Militar, que abriga a tela de Nossa Senhora da Assunção, nossa padroeira, guardando os segredos de uma cidade que nasceu de um forte.

A poucos passos dali, o deslumbre continua no Theatro José de Alencar, nossa joia máxima com sua estrutura metálica e jardins de Burlle Marx. E a cidade mostra que sabe se reinventar na Estação das Artes. Ali, onde o apito do trem deu lugar à Pinacoteca e ao Museu Ferroviário, o passado e o futuro finalmente se dão as mãos. É a prova de que o progresso não precisa destruir a memória para ser moderno.

E quem imaginaria uma cidade que já elegeu um bode para vereador? O famoso Bode Ioiô, celebridade urbana que tinha lá suas preferências por cachaça, foi eleito em 1922 como um grito de protesto. Hoje, ele nos observa do seu lugar no Museu do Ceará, lembrando que o humor é a nossa forma mais sofisticada de política.

Contudo, ao apagar essas trezentas velas, Fortaleza também nos convida à pausa. Nem tudo é brilho. A mesma cidade que entrega equipamentos magníficos, por vezes esquece de olhar para o próprio berço. Dá uma certa pena observar o abandono de parte do nosso patrimônio histórico; casarões que guardam a história de nossos avós hoje lutam contra o tempo e o descaso, escondidos sob camadas de poeira e pichações.

Celebrar o tricentenário é, portanto, assumir o compromisso com os desafios sociais e de valorização urbana. Uma cidade que vaia o sol e elege bodes tem força de sobra para cuidar do que é seu. Que os próximos anos tragam o resgate do zelo pelo que conta a nossa trajetória. Afinal, Fortaleza só continuará sendo a “Loira Desposada pelo Sol” se souber honrar cada tijolo, cada trilho e cada gargalhada que a trouxe até aqui.

BECO TEM SAIDA



PROIBIDA

PROIBIDO COLOCAR

LIXO

FELIZ

ANO NOVO

FELIZ

2025





FORTALEZA TRICENTENÁRIA

Banhada pelos verdes mares,
Do forte veio Fortaleza,
Nas margens do Pajeú,
Cercada pela natureza,
O vento beijando as dunas,
Nas praias, quanta beleza.

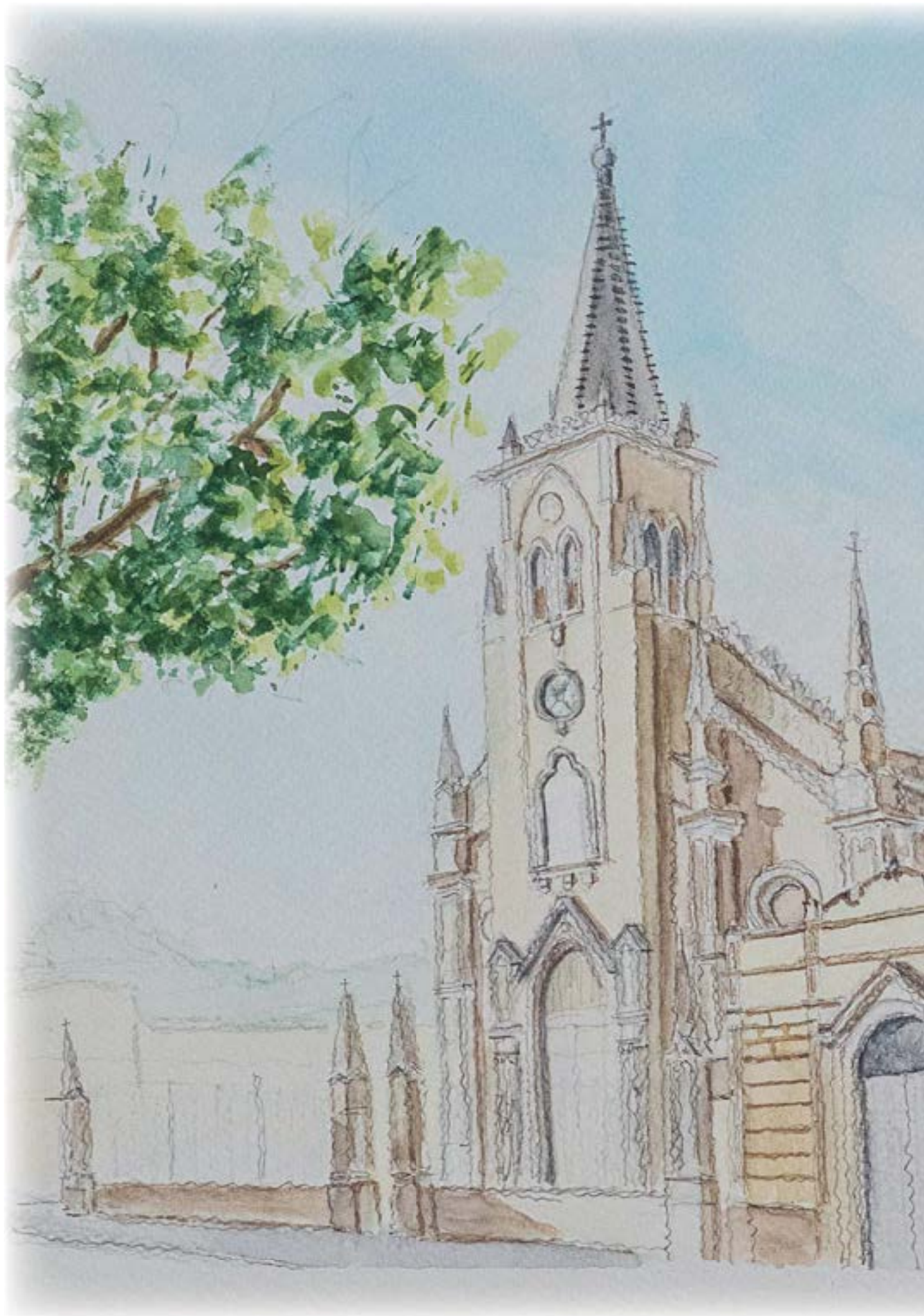
Nas velas dessas jangadas,
Heróis sempre a velejar,
No grito de liberdade,
Ouviram Dragão do Mar,
Tantas cenas, nesse palco
Teatro José de Alencar.

Banhada pelos verdes mares,
Do forte veio Fortaleza,
Nas margens do Pajeú,
Cercada pela natureza,
O vento beijando as dunas,
Nas praias, quanta beleza.

Nos bancos de tuas praças,
Ressurgem suas memórias,
Nos cafés tantos aromas,
No passado de tantas glórias,
A dor se transforma em riso,
Divertir é a nossa história.

Banhada pelos verdes mares,
Do forte veio Fortaleza,
Nas margens do Pajeú,
Cercada pela natureza,
O vento beijando as dunas,
Nas praias, quanta beleza.









MEMÓRIAS AFETIVAS DA FORTALEZA DOS ANOS 70

Era sempre assim: ele saía correndo na frente enquanto eu seguia atrás segurando a mão da irmã mais nova, e gritando: “Nando não corre, olha os carros!”

Hoje essa correria causaria uma grande preocupação mas naquela época, nossa cidade era bem mais pacata, e quase não oferecia perigo algum para um garoto cheio de energia. As ruas sempre povoadas de gente nas portas ou janelas das casas, algumas sentadas nas calçadas e as crianças correndo livres sem receio de nada.

Assim era a nossa Rua Floriano Peixoto na década de 70. Uma rua comprida, com calçadas limpas pois cada um varria a sua calçada, apanhava o lixo e levava para colocar no quintal à espera do dia do caminhão de lixo passar na rua para recolher. Saudades desse tempo!

Eu percorria essa rua todos os dias ao ir para a aula levando os meus irmãos, até chegar na Avenida Duque de Caxias, local onde ficava o nosso colégio, eu caminhava pela rua e minha mente ia sendo povoada com fatos, cores e pessoas, compondo muitas memórias afetivas com histórias, algumas criadas e outras vivenciadas, observando o movimento da rua.

Nosso trajeto se iniciava na esquina da Rua do Sereno com a Rua Floriano Peixoto, nosso endereço que ainda hoje permanece na família e seguia atravessando ruas e avenidas (Rua Domingos Olímpio, Rua Clarindo de Queiroz, Rua Antônio Pompeu, Av. Duque de Caxias, dentre outras).

O caminhar diário indo da casa para o colégio ainda hoje permanece vívido em minha memória. O olhar atento a cada canto, às casas da calçada alta (quase um quarteirão), as conversas das pessoas sentadas nas calçadas, as saudações: bom dia, boa tarde, ou um simples aceno, tudo era captado bem como os olhares dos adultos que já nos conheciam.

Localizada na Rua Domingos Olímpio, via-se a Farmácia do Seu Coelho, o nome do estabelecimento não era esse mas ficou conhecido pelo nome do farmacêutico que estava sempre na farmácia e atendia a todos com o seu jaleco branco, receitando xarope e aplicando injeções, se necessário fosse, nunca errou um diagnóstico.

Seguindo pela Rua Floriano Peixoto passávamos pela antiga padaria, onde haviam balcões de madeira e vidro, onde só se vendia pão d'água (o carioquinha de hoje), pão sovado (massa fina), além de bolacha doce e bolo de farinha de trigo. Bem diferente das padarias dos dias de hoje.

A praça do 5º Batalhão da Polícia Militar, que antes era muito bem cuidada, era ocupada em alguns dias pela corporação do batalhão toda perfilada, ouvindo a ordem do dia. Aos finais de semana havia a feirinha de comidas típicas que era bem frequentada pelos casais de namorados e por grupos de amigos que ficavam bebendo e conversando animadamente.

Seguindo no trajeto, após atravessar a Rua Antônio Pompeu, via-se um quarteirão de casas antigas e bem cuidadas. Destas destaco os portões de ferro bem trabalhados. Estas tinham, quase sempre, grandes janelas abertas para a rua, por onde se via a sala de visitas bem arrumada com poltronas acolchoadas, mesinhas de centro com suas toalhinhas de renda, bibelôs, jarrinhos com flores ou até mesmo imagens de santos. Esse cômodo sempre me chamava atenção pois as salas eram amplas e quase nunca havia alguém usufruindo desses espaços.

Antes de chegarmos na Avenida Duque de Caxias nos deparávamos com o prédio onde funcionava a Associação dos Merceeiros fundada em 1914. Meu pai era associado e por isso tínhamos direito aos atendimentos dos profissionais que ali atendiam: dentistas e médicos. A associação também dava apoio jurídico aos seus associados. Íamos sempre ao pediatra, Dr. Mesquita, que sempre nos atendia com simpatia e competência. Tempos depois revi o famoso médico pediatra numa festa de aniversário de uma colega, mundo pequeno!

Lembro bem desse prédio pois o salão em frente aos consultórios dentários tinha o assoalho com tacos de madeira e como estava quase sempre vazio a garotada fazia a festa correndo e pulando fazendo um barulho bem engraçado agradando as crianças. O prédio hoje encontra-se abandonado pois as atividades foram encerradas em 2018.

Nosso colégio ficava situado na Av. Duque de Caxias, esquina com a Rua Major Facundo, onde está a Igreja do Carmo ladeada por uma pracinha onde existiam várias bancas de revistas, coisa muito rara na atualidade. Foi numa dessas bancas de revista que pedi para ver o jornal e conferir se o meu nome estava na lista dos aprovados no vestibular, que emoção grande, comemorei ali mesmo com o jornaleiro!

Do colégio antigo não restam mais nada, embora ele ainda esteja situado no mesmo local. Na nossa época as salas eram todas sem ar-condicionado pois tinham janelões que viviam abertos para a Rua Major Facundo por onde entrava uma brisa bem agradável. No pátio interno do colégio se encontrava a quadra onde aconteciam as aulas de educação física e onde também nos perfilávamos para entoar os hinos do Brasil, do Ceará e do Colégio. Tínhamos aula de música e lembro com muita

saudade da nossa professora Elza que era apaixonada pela França e por causa disso nos ensinou o Hino da França, aprendemos cantar a Marselhesa.

Em dias específicos eu ia, sozinha, atravessando a Av. Duque de Caxias e seguindo na Rua Floriano Peixoto, fazer algumas compras a pedido de minha mãe que era costureira. Quase sempre as compras eram aviamentos como linhas, botões e agulhas. Passava pela Praça do Ferreira em direção às lojas situadas na praçinha próxima aos Correios onde encontrava as encomendas de minha mãe.

Foi numa dessas idas, passando pela Praça do Ferreira, que descobri no subsolo da Coluna da Hora, uma galeria de arte cujo nome Antônio Bandeira é uma homenagem ao artista plástico cearense que fez grande sucesso em Paris. Tive a oportunidade de conhecer várias obras de Barrica, Estrigas, Chico da Silva e outros pintores que ali ficavam expostos. Em outras ocasiões o salão abrigava lançamentos de livros de autores cearenses. Participei de alguns como visitante.

Outra memória maravilhosa são as sessões de cinema no Cine São Luiz. Um salão belíssimo onde eu ficava embevecida olhando para a arquitetura e para as pinturas no teto do cinema, assisti vários filmes naquela sala desfrutando das imagens na telona com um som maravilhoso. O cinema pertencia ao Sr. Luiz Severiano Ribeiro mas hoje, tendo sido passado da iniciativa privada para os cuidados do Estado, tornou-se um equipamento cultural a disposição da cidade, por conta disso temos o privilégio de participar enquanto grupo coral e nos apresentar no salão de entrada do cinema, quase sempre na época natalina.

Riqueza também poder contar, ainda, com um estabelecimento que vem sobrevivendo ao longo dos anos, a famosa Pastelaria Leão do Sul, localizada na Praça do Ferreira, ainda hoje é um point para todos que por ali passam. O famoso pastel com caldo de cana é um dos patrimônios fortalezenses, o recinto é pequeno, sem grandes aparatos mas nunca está sem clientes, seja em qualquer hora se você passar por lá sempre encontrará alguém degustando o famoso pastel.

Nossa cidade está beirando seus 300 anos, é verdade! Com certeza muito fortalezenses guardam memórias de lugares lindos e que já não existem, outros ainda persistem como a famosa Praça dos Leões, o Theatro José de Alencar, a Praça do Passeio Público, o Forte Schoonenborch que hoje abriga a 10ª Região Militar, todos esses estão localizados no centro da cidade. Recentemente foi recriado o Café Java que se encontra no calçadão entre a Rua do Rosário e a Rua Guilherme Rocha, próximo ao Palácio da Luz sede da Academia Cearense de Letras, fundada em 1894 é a mais antiga de todas as academias de letras do Brasil, portanto é um órgão dos mais importantes e que abriga vasta história da literatura cearense.

E por falar em literatura, tenho memórias maravilhosas vivenciadas na Casa de Juvenal Galeno, situada na Rua General Sampaio, circunvizinha ao Theatro José de Alencar. Sendo filha de escritor e trovador, frequentei bastante os saraus realizados

nos jardins daquela casa onde escritores e trovadores declamavam suas trovas e escritos, embalados algumas vezes por alguns musicistas e cantores.

Acredito que outros espaços, bem mais atuais guardem consonância com os sentimentos de pertencimento com o povo cearense. Para mim, que sou servidora pública, o prédio que abriga a Sede I da nossa Secretaria da Fazenda é muito significativo pois compõem o patrimônio histórico do nosso estado e guarda parte da memória do Fisco Cearense. O Centro de Memória da Fazenda é um importante equipamento a disposição da sociedade que contempla belos artefatos da nossa história, sendo um ótimo aliado à Educação Fiscal do nosso estado.

Espero que ainda tenhamos muitas memórias a serem preservadas, e desejo que neste tricentenário de Fortaleza a comunidade possa abraçar seus feitos e sua história com o intuito de cuidar do que tivemos e ainda manter a história viva de um povo aguerrido, brincalhão e que sabe fazer acontecer em todos os setores.

Feliz aniversário minha Fortaleza querida.

“POETA DOS CACHORROS” — ALMA A SERVIÇO DA FORTALEZA 300

Já vai no terceiro casamento, mas jura, de pé junto, nunca ter levado um chifre. É músico autodidata, andarilho, artista de meio de rua, poeta popular (autor de uma ruma de cordéis), rezador, parteiro de animal de pequeno porte, “fabricante de gambiarras musicais e desgotorador de fossa”. Ultimamente, tem vendido caça-palavras e palavras cruzadas durante seus espetáculos, para fazer frente à liseira contumaz, ao tempo em que arrasta consigo, para a alegria do povo, uma banda inteira, da qual é maestro e tocador simultâneo da dezena de instrumentos: zabumba, saxofone de PVC por ele manufaturado, “flauta de frente e pife lateral (ancestrais da flauta transversa)”, cavaquinho, triângulo, pandeiro, “harpa de quintal”, caxixi, violino, contrabaixo...

Compositor dos clássicos “Sapato cor de barro”, “Amor no terminal”, “Rapariga poliglota”, “Taca o dedo, meu bem”, “Todo castigo pra corno é pouco” (em parceria com Falcão), “Celular comunitário” e “Lagoa quadrada”, o *band leader* da Marmota é atração musical diária, há anos, no Terminal Rodoviário João Tomé e, nos finais de semana, no Centro das Tapioqueiras, em Messejana. O povo aplaude o concerto e as tiradas bem-humoradas do multi-instrumentista, que lamenta: “Só não rola um piano de cauda no meu palco ósseo porque o chapéu não tem adaptador à altura.” De quem falamos? Desse um da turma de espíritos moleques que vieram descalços animar um mundo tão sem graça. Ele, que é leve, coração alinhado ao Bem, encantador solidário e terapêutico de crianças no Hospital Infantil Albert Sabin.

Jair de Moura Moraes, prova viva de que a cidade não perdeu sua alma, mesmo tendo perdido parte do juízo. Nascido em Bragança, no estado do Pará – em 8 de setembro de 1960 –, chegou a Fortaleza com dois anos de idade, indo direto “se esconder” na Vila União, antigo Barro Preto, no “beijo da Lagoa do Opaia”, fazendo-se expoente potente do Ceará Moleque dos tempos modernos. Nos 66 anos completados no bairro, em 2026, conviveu com personagens afamados do cotidiano local, divulgando-lhes os feitos – a exemplo de “Zé do Buzo” (Búzio), informador de ruas sem ajuda de catálogos da Coelce, “só de memória”; “Cobôco do Ôi Cego”, fofoqueiro que falava de Deus e do mundo; “Dona Dudu”, espécie de “Mãe Diná depois da gripe”, afora outros menos votados.

“Minha desgraça foi trocar a zambumbeira Adeli Tijubina pelo Michael Jackson, que depois de botar dentadura ficou besta e largou a banda, logo na Semana Santa.”

Filho de Paulo Gomes de Moura e Maria Anunciada Moura, Jair jura que é pai dos cinco rebentos que criou: Jean, Jeilson, Jêison e Joyce. “E bota aí que eu tenho três netos, tá?” É do tempo da bruguelada ainda de menor que o “Poeta dos Cachorros” – “artista popular mais interessante da capital”, na avaliação do professor Gilmar de Carvalho – protagonizou história marcante. Ganhou dinheiro com o sucesso “Todo Castigo pra Corno é Pouco”, do disco “A Besteira é a Base da Sabedoria”, lançado por Falcão em 1995. Jair resolveu fazer um segundo andar em casa, morava na Rua Almirante Rufino. Sem que até hoje se saiba como o fez, desafiou a lógica estrutural da Engenharia Civil ao começar a obra de ampliação de cima para baixo. O serviço progrediu até alcançar o item escada, aquilo que se presta à circulação vertical, conectando diferentes níveis ou pavimentos de uma edificação.

Com apenas sete dos dez degraus prontos – ligação óbvia do segundo para o primeiro andar, faltando um metro e pouquinho pra chegar ao chão, a grana acabou. Que fez? Improvisou, como sói acontecer na sua Banda Marmota. Gritou pra mulher, lá de cima:

— Creusa, afasta o fogão e o botijão de gás aqui pra baixo desse pedacinho de escada! D’agora por diante, serão os degraus que faltaram; pra subir ao segundo andar, mesmo esquema: pé no botijão, pé no fogão, pé no pedaço de escada. Tudo resolvido.

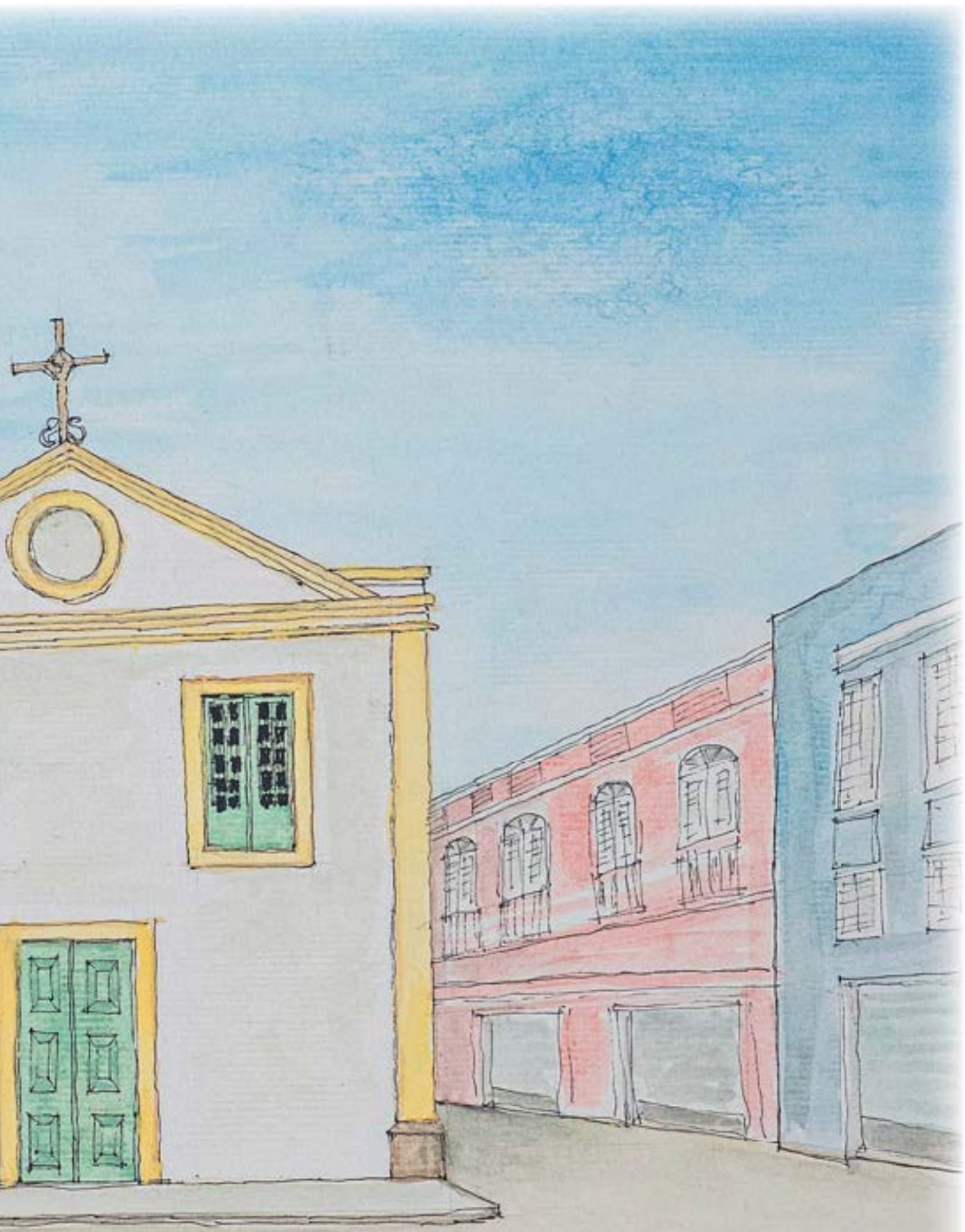
Até hoje está assim.

“Às vezes eu fico na dúvida, mas acho que minha primeira banda foi a Bosta de Vaca, cujo triangulista entrou pra lei dos crentes e tchau e bença! Hoje, é só no oboé!”

Por essa e outras, há quem o chame de doido. Prefiro tê-lo por gênio da raça – raça boa. Gentil, aquele chapéu de couro à Gonzagão, impregna qualquer ambiente de muita graça, tocando e falando, versejando e bulindo com as plateias. Aí eu lembro do Ariano Suassuna: “Eu gosto muito de história de doido, não sei se é identificação... Tenho interesse por doido, pois eles veem as coisas de um ponto de vista original...” Particularmente, aprecio esses tipos, pois tenho deles traços em comum. Corroborando, o filósofo francês Gilles Deleuze expressa-se igualmente nesse por menor: “O verdadeiro charme das pessoas reside nos seus traços de loucura.”

Excêntrico à moda Quintino Cunha, o “poeta de lúcida inspiração”, nosso Jair de Moura Moraes, “dos Cachorros”, é às vezes visto com zombaria por uma sociedade que ri das dores alheias. Porém, sem ele, eu talvez não soubesse rir de mim mesmo. Na Fortaleza tricentenária, ele faz a gente “se abrir” não como passatempo, mas simplesmente por ter em si a linguagem da alma que serve.





ALBIO SALES 2026

MINHA FORTALEZA

O avião toca o solo naquele novembro.
O sol brilhava no céu e 31 anos de Bahia ficavam para trás.
O coração apertado e animado com novos caminhos a trilhar.
Saudade da família deixada e expectativa para quem comigo viria.

Saindo do saguão de encontro à rua.
O vento refrescante naquele clima quente de verão.
Seguindo em direção ao mar, começo a me encantar.
Nesta cidade, que se chama Fortaleza, não imaginava tamanha beleza.

A cada nova descoberta o coração disparava.
A saudade ia se amenizando.
E o futuro trilhando novos desafios.
De um novo mundo a conquistar.

Conhecendo a história, a vida das pessoas.
Conhecendo novos amigos, criando minha história.
O tempo vai passando e duas filhas a cidade me dá.

E vou criando minha fortaleza.
Nesta terra encantada, onde o vento e o sol formam uma dupla constante.
De sincronia perfeita, iluminando e refrescando os corações fortalezenses.

Fortaleza que me dá força, que me dá alegria de poder te honrar.
Cidade adotada, que de tão amada ciúmes a Salvador dá.
Cidade de coração, que me acolheu, onde ganho o pão.

Fortaleza bela, que tens seus encantos e cantos.
Que acompanha meus prantos e alegrias me dá.
Fortaleza da pequena Iracema, do Palácio da Abolição.
Das praias quentes, de noites ardentes.

Fortaleza tão nova e tão tenra.
Da praia do futuro ao mercado central, da Catedral à Igreja de Fátima.
Do Mucuripe à Messejana, percorrendo toda a cena.
São 300 anos de muita história.

Histórias de amor e de dor, de conquistas e paixões.
De músicos e acordeonista, da gastronomia aos humoristas.
Aqui fica a pista, por muitos mais anos irei te amar.

Paulo Fraga-Queiroz



SEMPRE SERÁ BÁRBARA A TERRA QUE A BARBÁRIE NÃO CONSEGUE CONQUISTAR

arde na tarde azul
de Fortaleza
um artefato no mar
de onde
a brisa leve traz
uma antiga tristeza
(será Bárbara?)
será a bela voz
daquela a quem
nem a morte cala
luz do farol velho
que no meu olho
não se apaga
gritos de granito
que ouço pela cidadela
desde o calabouço
as janelas se abrem
pro infinito
essa terra é nossa, Bárbara,
essa é a terra que a barbárie
não consegue conquistar

PRAIEIRA É A CIDADE QUE ME LAVA O CORAÇÃO

I

aberta em gomos
a manhã se desnuda
e cega desesperadamente
todas as coisas e seres
ao longe, as cores barulham
e paralelepípedos soam
como vozes despedaçadas

II

o mar estende longos braços
até onde voejam cristais
lá no azul é que moram
aqueles olhos tristes e distantes
lá onde o horizonte se deita
e adormecem os barcos

III

lá onde a saudade seca
o coração verde das marés
mas é aqui onde os pés
habitam que a vida resvala
na pele da terra áspera
e a espera da chuva se arrasta

IV

onde a aridez reina e chama
de serva a paisagem
aqui onde o sentimento
é somente um deserto
aqui bem de perto
é que essa cidade se revela





IOIÔ – UMA ENTREVISTA COM O BODE MAIS QUERIDO DO CEARÁ



No ano dois mil e trinta
Um famoso cientista
Criou a máquina do tempo
E eu lhe propus uma lista
De grandes vultos da história
Pra se fazer entrevista.

O Professor Piracuca
Chamou-me ao seu escritório,
Falou de forma efusiva
De seu invento notório
Depois de um breve café
Levou-me ao laboratório.

Apresentou-me uma máquina
Que de cara, o seu desenho,
Lembrava uma lamparina
E disse-me: — Seu empenho
Na missão comprovará
A eficácia deste engenho.

— Levei mais de duas décadas
Estudando anotações
Do grande Nikola Tesla
Que traziam essas questões
Sobre viagem no tempo
Onde fiz inovações.

— De dobrar o espaço-tempo
Creio que chegou o dia
Sei que é um sonho antigo
Que a humanidade queria
Finalmente descobrimos
Toda a tecnologia.

— Estudei na astrofísica
O poço gravitacional,
Velocidade da luz,
O domínio espacial,
Das engrenagens do tempo
No espaço sideral.

— De forma simplificada
Produzi esta engenhoca,
Que perfura o espaço-tempo
Como se fosse uma broca,
Usando um buraco negro
Ou buracos de minhoca.

— Como tudo é energia
Preste atenção nesta esfera
Que gira em sentido oposto
Rompendo a eletrosfera
Permitindo transportar
Tudo para outra era.

Mas disse ele: — Inventei,
Algo incrível, ainda mais...
Pense numa descoberta
Que ficará nos anais!
Você vai poder falar
Até mesmo com animais!

Chamei de *vox communis*
Este meu dispositivo,
Promove a conversação
Com tudo que está vivo.
Poderemos estudar,
E ampliar nosso arquivo.

O *vox communis* é
Muito prático, bem maneiro,
Testamos com um galinho
Que tinha ali num poleiro,
Sem saber que o usaria
Com um velho pai-de-chiqueiro.

Fui pra casa pensativo,
Cheguei, abri o portão,
Quando me sentei na sala
Encontrei uma edição
Do livro 'Vaiando o Sol'
Que fiz a ilustração.

Tarcísio Matos foi quem
Fez o volume citado
Compositor, humorista
Jornalista consagrado
Falou sobre a molecagem
Do Ceará, nosso estado.

De posse do dito livro
Bem leve passei a mão,
Parei para admirar
Sua capa, a edição...
Logo vi bode Ioiô
Compondo a ilustração.

Nessa hora disse: — Eureka!!!
Encontrei o que queria!
Eu vou viajar no tempo
Pra Fortaleza que um dia
Teve Ioiô por mascote
E descrever em poesia.

Vou fazer ainda mais,
Viajando a esse destino,
No tempo da *Belle Époque*,
Usarei meu faro fino
De poeta e cartunista
Pra entrevistar o caprino!

Dormi com esse pensamento,
Não consegui relaxar...
As ideias fervilhavam
Todo instante, sem cessar,
Mal o dia amanheceu
Fui as malas preparar.

Comprei um traje de época
Num brechó que encontrei
E já trajado a rigor
Chamei um táxi e cheguei
Na casa do cientista
E a campanha toquei.

Tomou um susto ao me ver
Vestido àquela maneira
De terno e chapéu de feltro
E bengala de primeira,
Mas logo se refazendo
Disse de forma certa:

— Vejo que está disposto
A enfrentar a missão.
Se prepare que agora,
Vai viajar com precisão
Pra Fortaleza de outrora
Em busca de informação.

Ligamos para Nirez
Com 96 de idade,
Com lucidez nos falou
(Sempre com boa vontade)
Nos explicou muita coisa
Da nossa velha cidade.

Nirez, bastante empolgado,
Disse: — Bem que eu gostaria
Poder ir na expedição,
Pois sonhei com isso um dia
Dediquei minha existência
À memória e à nostalgia.

Falei assim: — Meu amigo,
Escute a minha mensagem:
Vou batizar a missão
Agora em sua homenagem,
Por nome “Missão Nirez”
Me dará força e coragem.

Me despedi de Nirez,
Logo entrei no maquinário,
O Professor Piracuca
Preparou o necessário
E ajustou numa tela
A data no calendário.

Digitou o ano mil
Novecentos e dezoito,
Acionou o maquinismo,
Quando parti muito afoito
Senti, meu crânio ficou
Achatado igual biscoito.

Desfaleci na viagem
Devido à pressão extrema,
Mas despertei num galpão
Já refeito, sem problema
Tava na Praia do Peixe
Hoje, Praia de Iracema.

O dito galpão estava
Sem nenhuma atividade,
Escondi o maquinário
Atrás de uma imensa grade
Com o tradutor de vozes
Fui passear na cidade.

Antes de tudo parei
Ali na beira do mar,
Respirei fundo e senti
O clima bom do lugar,
Muito ansioso pensava
No que iria encontrar.

Então, caminhei tranquilo
Com grande admiração,
Passei no Passeio Público,
Segui prestando atenção,
Logo depois avistei
Pequena aglomeração.

De repente um bonde elétrico
Passou em branda carreira,
Parei para observar,
Quando tomei dianteira,
Tinha chegado na Praça
Do Boticário Ferreira.

Percorri o logradouro
Buscando me ambientar,
Vi que era arborizada
Bem cuidada, singular,
E contei quatro quiosques
Ali naquele lugar.

Ali no centro da praça
Grande coreto existia,
Onde poetas vadios
Declamavam todo dia
E políticos proferiam
Imensa verborragia.

Adiante um cajueiro
De tamanho que admira,
Onde a lorota e a potoca
Quase sempre está na mira,
Chamam Botador ou mesmo
Cajueiro da Mentira.

Com ares afrancesados,
A Fortaleza de outrora
É bem pequena, acanhada
De lentidão, de demora...
Sem correria e não tem
Nossa Coluna da Hora.

E cada quiosque é posto
Em um dos cantos da praça,
São cafês, mas também rola
Muita bebida e fumaça
De charutos e cigarros
Com palestra, riso e graça.

Parei e fiquei olhando
Para o Café Elegante,
Esquina com a Pedro Borges,
Lugar muito aconchegante.
E aqui na Major Facundo,
Funciona um restaurante.

O Restaurante Iracema
Na esquina sudoeste,
Sendo o Café do Comércio
Na esquina noroeste,
Já o famoso Café Java
Bem na esquina nordeste.

O Java fica na esquina
Da rua Guilherme Rocha
Com Floriano Peixoto,
Rutilando como tocha,
Em suas mesas, os boêmios
Falam de amor e cabrocha.

Conversam sobre política,
De eventos culturais,
Livros que serão lançados,
De concertos musicais...
Falam de tudo e comentam
As notícias dos jornais.

Fui falar com Mané Coco,
Proprietário do local,
Ele me disse: — No Java,
Numa data especial,
Surgiu a famigerada
Padaria Espiritual!.

No lado esquerdo, uma mesa,
Dei de cara com o humorista
José Quintino da Cunha,
Poeta e criminalista,
Junto a Leonardo Mota,
Conhecido folclorista.

Um homem de barba branca
Com um paletó listrado,
Junto as ilustres figuras
Também falava animado,
Era Rodolfo Teófilo
Farmacêutico respeitado.

Vi também Antônio Sales,
Tava tomando um café
E palestrava com o
Governador João Tomé,
Esse tragava um charuto,
Lembrava uma chaminé.

Percebendo o clima bom,
Todos estavam contentes,
Me aproximei da mesa,
Cumprimentei os presentes,
Olhando para Quintino,
Improvisei uns repentes.

Disse: — Bom-dia, Quintino,
Advogado e poeta!
Ouvi falar que sua verve
De humorista é completa!
Vim do futuro encontrá-los
Para cumprir minha meta.

— Nobre Rodolfo Teófilo,
No meu tempo, um escritor,
Por nome de Lira Neto
Escreverá que o senhor
Foi notável cientista,
E grande pesquisador.

— O senhor Antônio Sales
Com seu romance realista:
Aves de Arribação
De estilo naturalista,
Será sempre mencionado
Por notável romancista.

— Mestre Leonardo Mota
(Folclorista renomado)
Será uma referência
Na cultura deste estado,
Por suas obras terá
Seu nome imortalizado.

Eles acharam engraçado
Do jeito que me expressei,
Porém pouco deram crédito
Às coisas que eu falei,
Não acreditaram em mim,
Mesmo depois que expliquei.

Eu perguntei: — Onde está
O célebre pai-de-chiqueiro,
Que atende por Ioiô?
Disse Quintino, ligeiro:
— Fique atento que já, já
Dá as caras, o presepeiro!

Minutos depois ouvimos
Vaia bastante estrondosa,
O povo se divertia
Quando o bode todo prosa
Corria atrás de uma moça
Com ares de melindrosa.

Chegou o bode banzeiro
Naquele canto da praça,
Achegou-se aos escritores
E logo ganhou de graça
Tira-gosto de caju
E uma dose de cachaça.

Diz Quintino: — Este é o bode
Mais famoso da cidade!
Tem prestígio com o povão,
Também com a sociedade!
Em toda parte que chega
É uma celebridade!

Logo depois Bode Ioiô
Começou a me encarar
E se fosse humano iria
Depressinha perguntar:
“Quem era aquele sujeito
Novato neste lugar?”.

Logo travei amizade
Com o nobre ruminante,
Lhe mostrei um livro meu
E o bicho no mesmo instante,
Comeu uma página e soltou
Um arrotto fulminante.

Todos sorriram bastante
Da bendita presepada,
E o caprino todo ancho
Degustou outra lapada
De uma cachaça serrana,
A famosa Imaculada.

Nisso tirei da sacola
O engenhoso equipamento
De nome *vox communis*
E falei pra o grupo atento:
— Vou mostrar algo fantástico
Pra vocês, neste momento!

Liguei a máquina que fez
Ruído suave e fino,
E o controle digital
Sintonizei no caprino,
Ficando tão curioso
Que parecia um menino.

Eu falei: — Bode Ioiô,
Meu nome é Klévisson Viana.
Vim do futuro e lhe digo
Meu desejo, minha gana,
É entrevistar o bode
Boêmio que bebe cana.

Todos ficaram espantados
Porque o bode falou
Prontamente, e todo o grupo
Com aquilo se espantou,
Mas o bode calmamente
Desta forma se expressou:

— Eu cheguei em Fortaleza
Somente com chifre e cauda
Magro, faminto da Seca
De 15 que ainda escalda,
Porém fiquei mais famoso
Que o Rabicho da Geralda.

Por aqui fiz amizade
Com muita gente bacana,
Sou tratado com carinho
Todo dia da semana
E agora posso falar
Graças a você, Viana.

— Todos aqui nesta mesa
São amigos estimados,
O doutor Quintino Cunha,
Um dos bons advogados
Leota, doutor Rodolfo...
Escritores renomados.

— Tenho pouco a reclamar,
Muito mais a agradecer.
Eu faço essas presepadas,
Pois é prazeroso ver
Nosso povo sorridente
Com algo pra se entreter.

Deixei o bode falar,
Fazer sua apresentação.
Lhe perguntei como era
Sua vida no sertão,
Antes de fugir da seca
Em triste situação.

Disse ele: — Era uma vida
Como a de qualquer cabrito.
Nasci no Sertão Central
Em Quixadá, acredito,
Vivi meus primeiros anos
Nesse cenário bonito!

— Nos veio a Seca do 15,
Sofri tanto que nem sei
Descrever tudo a miúdo,
Só por milagre escapei
Porque naquela estiagem
Morreu toda a minha grei.

— Me tornei um retirante
Da tal seca, um flagelado...
Vivemos dias cruéis
Vagando por todo lado,
Por ser um caprino esperto
Eu não fui sacrificado!

— Junto com uns retirantes
Vim parar em Fortaleza,
Me venderam pra uma firma
Para remir a pobreza:
Rosbach Brazil Company,
Eis o nome da empresa!

— Negociava com peles
Para Delmiro Golveia.
José de Magalhães Porto
Não me pôs numa cadeia,
Me comprou só para ver
Como um caprino vadeia.

E falou Quintino Cunha,
Divertido, sorridente:
— Bode Ioiô, explique ao moço,
De maneira inteligente,
Seu nome e por que aprecia
Uma dose de aguardente?

E continuou Ioiô:
— Quando ganhei liberdade
Ficava indo e voltando,
Perambulando à vontade,
Vindo da Praia do Peixe
Para o centro da cidade.

— Eu ia do centro à praia,
Depois tornava a voltar
Para sede da empresa
Que fica próxima do mar
E então me compararam
Ao brinquedinho exemplar.

— Fiquei assim por Ioiô
E o pintor Raimundo Cela,
Que gosta muito de mim,
Quando pintava uma tela
Me deu uma dose de cana,
Me tornando, assim, fã dela.

Eu perguntei a Ioiô:
— Que acha da afirmação
Que você foi pianista
Na passada encarnação,
Cito: Paulo Laranjeira,
Que morreu de uma paixão???

Disse Ioiô: — Eu não sei
Se humano encarna em bode.
Só sei que a sua música
A minha alma sacode,
Se escuto “O Teu Desprezo”
Mexe até com meu bigode.

— Isso foi num mês de julho,
Aniversário do artista,
Compositor, seresteiro,
Engenheiro e pianista.
Quando ouvi a sua música,
Escureceu minha vista!

— Passei mal e os amigos
Daquela alma sofrida,
Ao me virem, assim, em transe,
Logo afirmaram em seguida:
“Esse é Paulo Laranjeira
Que já retornou à vida!” .

Então, Leonardo Mota,
Ajeitando o chapéu coco,
Disse assim: — Meu caro Ioiô,
Que entrevista do papoco!!!
Fale de sua amizade
Com o grande Ramos Cotoco!

É Raimundim??? — Disse Ioiô:
— Que figura!!! Que leveza!!!
Relembrar Ramos Cotoco
Para mim é uma tristeza...
Morreu pouco mais de um ano,
Que cheguei em Fortaleza.

(Rodolfo Teófilo vendo
O Ioiô emocionado,
Não lhe ofereceu cachaça
Pra não vê-lo embriagado,
Deu a ele a cajuína
Que havia fabricado.)

— O Cotoco sempre usava
Um girassol na lapela.
Músico, poeta e pintor
Deixou seu nome na tela.
O seu *Cantares Bohemios*
É uma obra muito bela!!!

— Suas músicas tinham graça,
Era, também, humorista!
Compôs lundus, chulas, valsas...
E foi caricaturista.
Esse grande cearense
Foi o mais completo artista!

— Coto do braço direito,
Mesmo assim pintava o sete,
Usando seu braço esquerdo,
Outro igual não se repete,
Além de ser meu amigo
Virei seu fã, seu tiete.

Disse Ioiô: — Um poeta
Que ainda hoje é lembrado:
Francisco de Paula Ney,
Tem o nome sempre citado.
Porém morreu muito jovem
Inda no século passado.

Perguntei, então: — Ioiô,
Entre as moças e donzelas
Que passam aqui pela praça,
Você só escolhe as belas
Para correr atrás e
Levantar as saias delas?

Diz Ioiô: — Isso é intriga
Da maldita oposição!!!
Às vezes pego uma feia,
Somente por diversão.
Mas as belas apresentam
Interessante visão.

— Eu vou correndo e com jeito
Igual ao vento eu levanto...
Dizem que o vento é fresco,
Mas levanta o mesmo tanto!
Faço muita molecagem,
Pois não nasci pra ser santo!

Todos estavam em êxtase,
Sem poder acreditar,
Que através de um aparelho
Tão pequeno e singular
Um caprino espevitado
Fosse capaz de falar.

Já uma grande assistência
Acompanhava a entrevista,
Ergui a cabeça e em volta
Ligeiro passei a vista,
Avistei Demócrito Rocha,
Excelente jornalista!

Identifiquei João Brígido,
Cronista, historiador...
Usando uma caderneta,
Anotava com fervor.
E perto dele avistei
Muita gente de valor.

Prosseguindo na entrevista,
O bode estava contente.
O grande Quintino Cunha,
Engraçado, inteligente,
Perguntou ao bode Ioiô
Seus planos daqui pra frente.

Bode Ioiô deu um pigarro,
Depois trouxe num charuto...
Ergueu a cabeça ao céu
E dentro de um minuto
Ele comentou com modos
De cidadão resoluto.

Disse assim: — Me considero
Cidadão de Fortaleza,
Nasci no Sertão Central,
Mas aqui é uma beleza!
Me acolheram com carinho
E esqueci toda tristeza.

— Cheguei aqui foragido
Daquela seca cruel,
Que fez todo o Ceará
Sorver um amargo fel,
Mas a vida em Fortaleza
Ficou doce como mel.

— Fiz amigos importantes
Mesmo sendo da ralé,
Entro e saio em toda parte
Da igreja ao cabaré,
E mesmo sendo um caprino
Eu mantenho a minha fé.

— Tenho fé que a humanidade
Mudará de atitude:
Cuidará da educação,
Da cultura e da saúde,
Que o amor e a confiança
Sejam em total plenitude.

— Em praia, serra e sertão
Corra um rio de fartura
E que ninguém comprometa
Do planeta a estrutura
De assegurar a vida
Para geração futura.

— Eu desejo que a arte
Erudita ou popular
Toque fundo os corações
De maneira singular.
Que brote um pé de poesia
Em todo e qualquer lugar.

— O teatro, a música, a dança
Sejam plenas de encanto...
Que a arte verdadeira
Seja vista em todo canto,
Que a cultura sempre seja
Para alma um acalanto!

— E que não nos cause espanto
Quando a dor em nossa porta
Bater, chegar de surpresa
Fazendo a esperança morta;
Nunca nos falte de um amigo
A palavra que conforta.

— Sou um louco de amor
Por essa chama divina,
O sagrado dom da vida
É a riqueza genuína!
Todos devemos amá-la,
Sendo turva ou cristalina!

— Que essa tal pandemia
Chamada Gripe Espanhola,
Nos seja branda e meu povo,
Que a brilhar se evola,
Siga em paz o seu caminho
Sem precisar padiola.

— Espero que a humanidade
Diga sempre não à guerra,
Mas se precisar lutar
Uma verdade se encerra:
Bode bom é o bode que
Vendo a injustiça berra!!!

Ao concluir seu discurso
Ioiô foi ovacionado,
Recebeu muitos aplausos
Vindo ali de todo lado,
Uma moça que passava
Veio lhe fazer agrado.

Ioiô ficou todo ancho,
Empavonado e pomposo,
A moça deu-lhe um beijinho
E o bode todo orgulhoso
Falou assim: — Ora sebo,
Coisa boa é ser cheiroso!!!

Eu disse a Ioiô: — Valeu,
Por seu discurso inflamado!
Você falou muito bem,
Foi pelo povo aclamado!
Mas quero que nos responda
O que lhe foi perguntado.

Me olhou boquiaberto
Com uma interrogação,
Todos riram do caprino
Fazendo aquela expressão,
Eu atenciosamente
Lhe dei a explicação.

E relembrei a pergunta
Que o grande advogado
José Quintino da Cunha
Havia, então, formulado
O bode pensou um pouco
E não se fez de rogado.

Nisso disse o bode Ioiô,
De forma bem analítica:
— Convivendo com notáveis,
Minha consciência crítica
Aponta que meu caminho
É entrar para política!

Como cidadão que sou
Atento à vida do povo,
Penso que nossa política
Precisa de sangue novo,
E hoje em nossa cidade
Tenho respeito e aprovo.

Todos ficaram surpresos
Com o ousado caprino,
Rodolfo Teófilo disse:
— Que se cumpra o seu destino!
Você também representa
Este torrão nordestino!

Ioiô foi levado a sério
(Ninguém dele fez chacota)
Pois todos queriam bem
Ao bode acima da cota.
E nisso, então, perguntou
Nosso Leonardo Mota:

— A confiança do povo,
É seu melhor aparato!
Você é inteligente,
É coerente, sensato...
Então nos diga a qual cargo
Pretende ser candidato?

Disse Ioiô: — Eu nasci
Para ser o presidente,
Posso ser governador
Ou prefeito dessa gente.
Mas na política inda sou
Um pouco inexperiente.

— Depois de pensar bastante
Em um gesto de humildade
Começo a minha carreira
Com muita simplicidade
E serei vereador
Da nossa linda cidade!

Todos aplaudiram o bode
Pelo seu plano acertado,
Disseram: — Caprino sábio!!!
Que bode mais preparado!!!
Parece o “Águia de Haia”,
O Rui Barbosa afamado!

Me despedi muito grato,
Prometendo que voltava,
Retornei rápido ao galpão
Onde a minha máquina estava,
Cheguei fui surpreendido
Por alguém que me esperava.

O Professor Piracuca,
Que estava impaciente
Com minha longa demora.
Ao me ver, ficou contente
E eu falei: — Meu professor,
Foi demais surpreendente!!!

Contei-lhe, então, com detalhes,
Lhe mostrei a gravação,
Ele escutou alguns trechos
Com grande admiração,
Mas me disse: — Meu querido,
Acabou sua missão!

Eu tentei argumentar
Para estender a estadia,
Mas ele disse: — Poeta,
Entendo sua euforia,
Mas o reator da máquina
Tem duração para um dia.

— Se você ficar aqui
Pode não mais retornar,
Sua família na justiça
Pode até me processar,
E mesmo falando a verdade
Ninguém vai me acreditar.

Mesmo um pouco a contragosto
Com o professor concordei,
Entramos no maquinismo
E um botão acionei,
E junto com o cientista
Ao presente retornei.

Agora escrevo tudinho
Neste livro de cordel
Busquei narrar direitinho
Sendo à história fiel
Como vate e folclorista
Vou cumprindo o meu papel.

Que viajei pra dezoito
O leitor está lembrado?
Pois poucos anos depois
Ioiô agindo acertado,
Deu-se o pleito eleitoral
E ele foi o mais votado.

Em mil novecentos e
Vinte e dois, foi esse o ano,
Que o nosso candidato,
Muito pouco puritano,
Deu de lavada no pleito
Em político veterano.

— fim —





Cristina de Castro
2026

Baticum Proletário



SOU PERIFERIA – SOU FORTALEZA

Eu sou periferia
Sou Fortaleza
Em cada bairro
Carrego uma certeza
Que sou!

Fortaleza, feita por gente
É o povo
Que tudo produz
Fortaleza, declaro novamente
A periferia tudo pertence
Cidade da luz

Não apague a esperança
Alumia tua mudança
Mas conserve a tua história
Agora faço uma convocatória
Da Aldeota até o Genibaú
Da Barra até o Jangurussu
Da Sabiaguaba ao Mondubim
Do Poço da Draga até o Conjunto Palmeiras
Adentrando pelo Carlito
Passando pela Itaoca
Chegando ao Padre Andrade
Beirando o Planalto Pici...

Fortaleza, estou aqui!
Fortaleza, estamos aqui!

Me olha
Me cheira
Me sente

Sou periferia, sou Fortaleza
Habitante, presente!
Morador, cidadão!

Me ouça!
Me escute!

Nunca soltarei a tua mão
Tudo o que eu quero é um abraço!



liacmameche
2026





DE FORTALEZA A AZELATROF, UTOPIA DO PAJEÚ

Fortaleza completa eras, tricentenárias, em 13 de abril de 2026. Em sua origem, sob incursão de um proclamado processo civilizatório, sujeita-se aos interesses europeus. Soberanos nas armas, supremacistas nas científicas razões: comportamentos de natureza colonialista. Pajeú, riacho urbano, coração da capital cearense, flanava livremente. Com suas cãs milenares, no plano da Natureza, deu origem e bosquejou o primeiro traçado da cidade. Primícias líquidas, argumentos fluidos para instalação de um forte. Defesa militar de holandeses e portugueses invasores, a serviço da civilização mercantilista.

Ambos europeus, colonizadores, assentaram-se do lado de cá do Pajeú, berço histórico de uma ensolarada cidade. Rebentos, já miscigenados, pularam para o lado de lá, atravessando o riacho, expandindo a vila. Que restou de suas margens arenosas e seu leito de água doce a caminho do mar? A ocupação humana entulhou-os de concreto armado, esgrimindo ferros corrosivos e corroídos que vazam os olhos da memória histórica. O enlevo estético das curvas de um curto riacho perdeu-se no tracejado da régua e do esquadro civilizatórios.

Que loucura se deu, ao atravessar o “rubicão” para as aldeias Aldeota e Outeiro, em sufocar o Pajeú ao peso das armaduras de tantas ambições insaciáveis? Não bastava atravessá-lo?! Redimida, Fortaleza guardaria, para vindouras gerações de videntes, o berço de nascimento de um lugar, com seu líquido seminal, da nascente à foz. Cultura engraçando a Natureza seria mote identitário do ser fortalezense, em exercício de cidadania ecológica. Organismo vivo, de tamanha força simbiótica, corpo e alma da cidade, o Pajeú milenar da Fortaleza tricentenária, de águas sonoras, hoje só balbucia em fios d’água abortados entre sua fonte e sua foz. Entre Aldeota e Praia de Iracema, menos de cinco quilômetros, cabeças desterradas, mãos e pernas apressadas, ocupadas na reprodução das coisas, ignoram seus segredos, seus mistérios irrenunciáveis, por cima de sua sepultura que não se fecha.

Humanos com seus planos e parafernalias pesam em demasia sobre seu leito originário, desmemoriando a infância da Fortaleza descalça. Criança livre a correr

por entre areias soltas de uma margem e outra do Riacho Pajeú, nele se banhando à toda hora, desenvolvia corpo e alma de uma encantadora Fortaleza feminina, a ponto de o astro rei, torná-la, no altar da catedral pajeuana, a loura desposada do sol, como sonhara um vate cearense. O Sol esquentou em demasia, derreteu sonhos. O Pajeú, no entanto, continua vivo, mesmo sofrendo viva vilania, no passo tranquilo de séculos e milênios. Ao incauto invasor de suas carnes telúricas, anuncia, em paradoxo, o momento do regresso reverso. Saída para uma margem de luz, ao futuro utópico, indígena, a alumiar um caminho alternativo às mundividências antropocêntricas que já arrebutaram distópicas, num passado não tão distante.

Talvez reencontrando Fortaleza descalça a correr por entre dunas andarilhas, o idílico Pajeú de água doce, renasça Azelatrof, de trás pra frente, assim meio de revestrés. Bode Ioiô, em sarcasmo aprendido com padeiros das letras e filósofos irreverentes do populacho d'antanho, postara-se como legítimo cidadão azelatrofense. Aquecida nos algodões de outra rede mental, embalada por outra linguagem, Azelatrof inspira a sonhada cosmovisão de verdade ecológica, que os humanos ainda teimam em não compreender, negando-a na prática o que exaltam na verbosa teoria.

Fortaleza, a palo seco, tornar-se-ia Azelatrof, assim mesmo, olhando pra frente, para horizontes longínquos, engatando uma marcha à ré, permutando letra por letra, para uma nova arrancada. Caminho caminhante, em deserto fértil, do naipe da louca utopia. Voltar ao passado, limpar da memória o terreno percorrido, a partir de um novo marco zero, seria o primeiro passo da relação epifânica, de amor inabdicável, do ser humano com sua cidade. Personalidades ativas no teatro da Natureza.

Reverter, quiçá?, metástase de uma cidadania ecocida. O Astro-rei, fiel à sua amada, pai providente e permanente no cuidar de seus filhos e filhas, destila cotidianamente, pelos dourados dutos de seus raios pingentes, energia esperançosa de luz esperançada. Perante a desmilinguida cidadania, acorda todo dia com a força da vontade para enterrar a velha cidadania fortalezense desesperançada, já desesperada, que não deixa nascer a esperançada, esperada, cidadania azelatrofense. Gentílico novo para nova era. Cumprindo o oráculo dos Pajés em reversão, refazendo o caminho da Fortaleza para Azelatrof, inaugura Pasárgada, bandeira desbragada por um utópico poeta, a envolver Fortaleza criança, rebatizando-a nas águas do sempiterno Pajeú. Ventre que concebeu e aparou Fortaleza, hoje em cova rasa, sob o augúrio de um recomeço Azelatrof, cumpriria o destino, que não se cumpriu, de Terra da Luz.

RIACHO PAJEÚ: CRÔNICA DE UM RIO SOTERRADO

O nascimento de Fortaleza está inscrito num gesto simples e essencial: seguir um curso de água. Antes do traçado urbano, dos nomes e dos poderes, houve um riacho que anunciou a possibilidade de permanência humana naquele trecho do litoral cearense. A cidade brotou ao som de suas águas, e por muito tempo caminhou guiada por ele. O Riacho Pajeú, hoje oculto sob camadas de concreto e esquecimento, foi o fio vital que orientou a ocupação, a defesa e o cotidiano da cidade.

Quando o holandês Matias Beck percorreu o nosso litoral, no século XVII, não foi a vastidão do mar que lhe prendeu o olhar, mas a promessa contida num “belo rio de água doce” que lhe fixaram a atenção. Em seu diário ele registrou essa predileção: “ao sopé do outeiro das palmeiras corria um belo rio”. À sombra das palmeiras que margeavam seu curso, o *Marajaig*, como o chamavam os indígenas, ou “Riacho das Palmeiras”. Água potável, terreno defensável e abrigo natural formavam rara combinação em meio à paisagem costeira. Ali se ergueu o Forte de Schoonenborch, ali se lançou a semente da cidade de Fortaleza.

O Pajeú inscreveu-se nos primeiros mapas, ecoou nas primeiras crônicas e viu nascer as primeiras casas e ruas do povoado que seguiam obedientes ao seu traçado. A Rua dos Mercadores, hoje Sena Madureira, cresceu acompanhando suas curvas, como se a cidade ainda precisasse caminhar ao lado da água para não se perder.

Durante décadas, o Pajeú foi norte, limite e espelho da cidade. Suas águas serviram a invasores e colonizadores, a flamengos e portugueses; saciaram sedes, lavaram roupas, alimentaram chafarizes e Maceió. Por mais de um século, o Pajeú foi divisor de margens e de destinos: de um lado, o outeiro da Prainha; do outro, a colina da Misericórdia, onde se firmou a fortaleza portuguesa: O Forte de Nossa Senhora da Assunção. Entre ambos, o riacho corria como linha viva, costurando a paisagem urbana nascente.

O tempo não foi generoso com o velho rio. À medida que Fortaleza crescia, o Pajeú passou a ser visto como obstáculo. No início do século XIX seu destino passou a ser decidido mais pelos engenheiros do que pelo curso natural de suas águas. A partir de então o Riacho virou alvo de obras, cálculos e contenções.

Durante o governo de Padre José Martiniano de Alencar¹ construiu-se pequeno açude de alvenaria em seu leito, destinado tanto ao abastecimento quanto ao lazer da população. Localizado na área que hoje corresponde ao Parque Pajeú², o reservatório era também espaço de convivência e utilidade pública. O vetusto riacho permanecia integrado à vida cotidiana da cidade.

Até as primeiras décadas do século XX, apesar das intervenções, o Pajeú conservava sua função orientadora: Fortaleza crescia, avançando a oeste de sua margem esquerda, numa expansão que ainda reconhecia o antigo limite natural da cidade. Esse equilíbrio começou a se desfazer em 1918, quando teve início a canalização do riacho pela então Diretoria de Obras Públicas. Bueiros e galerias passaram a substituir o leito visível, inaugurando uma nova relação entre a cidade e o rio, marcada pelo ocultamento.

Na década de 1960, a instalação da Indústria Naval do Ceará em sua foz aprofundou o processo de descaracterização. O Pajeú, já fragmentado, passou a coexistir com grandes estruturas industriais, perdendo definitivamente sua antiga feição natural.

Numa tentativa tardia de conciliar urbanização e memória, na década de 1980 o Projeto Pajeú³ canalizou cerca de 3,36 quilômetros do seu curso, desviando suas águas por galerias secundárias. A inauguração do Novo Mercado Central, em 1990, às margens do riacho, consolidou sua condição de rio subterrâneo, degradado e quase invisível. Aterros, canalizações e desvios, gradualmente lhe roubaram o corpo e a voz.

Da nascente⁴ hoje soterrada sob o traçado urbano da Aldeota, até a foz, ao final da Avenida Alberto Nepomuceno, desaguando nas proximidades do Poço da Draga. O Pajeú percorria pouco mais de quatro quilômetros. Um curso breve, mas decisivo.

Hoje, o Riacho “fundador da Cidade” sobrevive em fragmentos. Um filete de água que se deixa ver no Parque Pajeú, insinua-se nos jardins do Paço Municipal, e reaparece comprimido atrás do Mercado Central, onde corre entre pedras; turvo, tímido e sem horizonte. Em muitos trajetos, o fortalezense contemporâneo passa apressado sobre o seu leito invisível, sem saber que caminha sobre o curso d’água que inaugurou a cidade.

O Pajeú foi apagado do espaço físico e simbólico da cidade que nasceu às suas margens. E, ainda assim, ele persiste. Silencioso, oculto, humilhado talvez, mas presente. Continua a correr anônimo. A memória do seu curso continua inscrita na cidade. E, quando chove, ele retorna em silêncio, alagando os lugares por onde um dia passou, como quem recorda à Fortaleza sua própria origem.

[1.] Governou o Ceará entre 1830 e 1837.

[2.] Rua Vinte e Cinco de Março, 73 - Centro, Fortaleza.

[3.] O Parque Pajeú se constitui na maior extensão contínua do Riacho Pajeú a céu aberto em área pública, visível à população local e à população flutuante.

[4.] Conforme levantamentos mais recentes, a nascente do Pajeú situa-se no quadrilátero formado pelas ruas General Tertuliano Potiguara, Joaquim Nabuco, Tibúrcio Cavalcante e Avenida Padre Valdevino — um ponto hoje indistinguível no tecido urbano, onde nada denuncia a presença inaugural do Riacho. A informação diverge do que registrou a Prefeitura Municipal de Fortaleza, em 1981, ao afirmar que a nascente se localizaria no quadrilátero delimitado pelas ruas Silva Paulet, José Vilar, Bárbara de Alencar e Dona Alexandrina.





Handwritten signature
03/2026



CARTOGRAFIA AFETIVA

A cidade que habita em mim
Dorme dourada de sol
Como as jangadas
Que se aquietam do suor dos dias.

A cidade que habita em mim
Ilumina o Passeio Público
Abraça o baobá e as árvores centenárias
Que guardam memórias.

A cidade que habita em mim
É terra da luz, mãe de todos
Os que sonharam com liberdade
Como o Chico da Matilde.

A cidade que habita em mim
Está na prosa e no verso
Legados de Alencar, Juvenal Galeno
Rachel de Queiroz e Natércia Campos.

A cidade que habita em mim
Acompanha os passos do poeta Mário Gomes
Perambulando no Dragão do Mar
Sob a luz das estrelas e os olhos do luar.

A cidade que habita em mim
Observa as conversas
Nos bancos da Praça do Ferreira
Enquanto os pombos enfeitam a tarde.
A cidade que habita em mim
É forte
É Fortaleza
De Nossa Senhora da Assunção.



FORTALEZA É ENCANTO

Fortaleza é encanto
Fortaleza sol e mar
Um encanto uma beleza
No caminho mais lindo do nosso Ceará

Água boa, sol e mar
Praia e flores rimam lá...
Com a natureza e o luar
O encanto do lugar...

Gente boa, felicidade no ar
Amor e canção deixam as emoções falar...
Praças e histórias de amores e encantos

Uma luta em cada dia para
o progresso se firmar

Terra de gente boa
Em cada canto a arte expressa a beleza do lugar

Amores e canção praias e vida, bosques enfeitando as praças de lá...

E assim é Fortaleza
Fortaleza do meu Ceará



Arminda Serpa



PRAÇA DO FERREIRA (UMA PAISAGEM DE SOL)

A luz da câmara capta
Uma paisagem de sol
No transitar das horas.
Captura um corpo no abrigo
Desabrigo da praça.
Um corpo atento, corpo que flana
Um Mário Gomes
Um talvez outro flaneur.
O sol dança entre as nuvens
E descortina o semblante
Do vendedor de algodão doce
Do engraxate, da vendedora de café.
Minha mão direita é meu poema
Minha mão esquerda é meu cinema
Nos jogos, nas apostas, no logro
Tenho a carta na mão
E a grafia do sol
Nessa cartografia sentimental
A lâmina do tempo corta
Os fotogramas do cinema
enquadrando no vasto areal do olho
o boticário e a alquimia da transformação.
Do coração da cidade de Assunção
Saltam cinema por toda parte
São Luiz, Jangada, Moderno, Majestic, Polytheama
A praça é a fala literária da cidade

Uma metáfora dos “mares bravios”.
O sol cai em todos os recantos da praça
E ilumina
O pregador da fé e a travesti.
As mulheres de saias compridas e os
anjos azuis com decotes.
Os cafés Java, Iracema, Elegante,
do comércio e os meninos nus do cacimbão.
O sol ilumina o carrilhão da coluna das horas e os
Canteiros de rosas
Os bancos de madeira
(signos da prosa) e o cajueiro
botador.
Várias praças no mesmo lugar
A praça é do cão sem plumas
do gato sem botas
A praça é do povo
Como o céu é do condor
e também do avião.
A câmera potencializa o
olhar da praça a arder
nos olhos de uma menina
A praça é do sonho.
Da vaia do sol.







FORTALEZA DOS SONHOS

Amar e mudar as coisas me interessam mais!

BELCHIOR

Fortaleza inclusiva, diversa, cultural, ecológica, com mobilidade, segurança e memória! Porque tudo principia na composição de sonho.

FORTITUDINE: Força, Fortaleza!

Capital da Terra da Luz, do 1º Estado brasileiro a abolir a escravidão, pior mácula das terras brasilis. Terra das Marias: Maria da 1ª prefeita de capital - Mª Luíza Fontenele (PT); Mª da Penha; Maria da sua Padroeira, N. S. Assunção; Terra dos Josés: seu marido e Padroeiro do Ceará; de Franciscos, Franciscas e do Frei Tito; de Santos e Orixás; de Axé e Saravá!

Sonhamos com uma Fortaleza onde a diversidade religiosa conviva pacificamente em sinal de amor aos seres humanos que a habitam, com direito de ser ateu ou de ter fé.

“Resistir ao invés de existir!” Francisca Clotilde

Capital onde, mais que celulares nas mãos, as crianças e juventude tenham, em suas mentes, a história de uma professora, a escritora Francisca Clotilde, 1ª mulher a escrever sobre o divórcio. Dona Chiquinha, como era tratada por seus alunos, foi pioneira ao falar do tema na Literatura Brasileira, em *A Divorciada*.

Que conheçam a fundadora da Ala Feminina da Casa de Juvenal Galeno, Henriqueta Galeno e do pai Juvenal Galeno, autor de “CANÇÕES DA ESCOLA”, distribuídas para serem cantadas, que o consagrou como “Poeta da Juventude” e do “Cajuero Pequenino” gravado no **CD Areia do Mar** (1996) pelos 30 anos do Grupo de Tradições Cearenses, fundado pela professora **Euzenir Colares**. Ela, a própria marca das Tradições locais e internacionais.

“...a vida sem sonhos é muitíssimo mais ‘fácil’. Sonhar custa caro. E não digo só em moeda corrente do País, mas daquilo que forma a própria substância dos sonhos”. Mesmo discordando da cearense Rachel de Queiroz, 1ª mulher da Academia Brasileira de Letras, pois não creio a vida sem sonhos, repiso: **tudo principia na composição de sonho.**

Sonhamos uma metrópole com referencial ético e plural, voltada à justiça social e ao respeito ao próximo. Antifascista e antirracista, pacífica e democrática. Sonhamos uma metrópole em ascensão com qualidade de vida, livre do moralismo frio e caduco. Sonhamos com emancipação e dignidade humana. Isso é vida, e mais do que sonho, pode ser realidade.

Sonhamos com melhores condições de acessibilidade e mobilidade. Porém, parabenizando-a por ser a 3ª cidade da América Latina mais apta para ciclistas!

No tempo dos “caras pintadas”, eu já era jovem mãe. Mas nunca faltamos uma manifestação. Só que quem ia de “cara pintada” era meu pequeno Tonny Ítalo.

Percorriamos os principais pontos de Fortaleza: Beira-mar, Barra do Ceará à Praça do Ferreira ou do Liceu. Protestar era nossa escola. Assim, seguimos defendendo a Educação pública de qualidade e onde a estudantada e profissionais se vejam refletidos.

O que nos domina e impõe um poder desrespeitoso é violento.

Fortaleza nos dá a “força” de seguir profissão. Tantos migram do interior para a Capital. Comigo não foi diferente. Apesar de radicada desde a infância, jamais neguei que sou “sertaneja nata”, do sertão central cearense: Mombaça. Sou professora municipal de Fortaleza, no meu ponto de vista, a mais importante profissão; e a mais “relevante” para o tesouro do Estado: fiscal fazendária.

Na capital pari dois filhos e uma filha. Aqui também fui cravada pela dor mais lancinante: perdi um filho para a violência urbana. Por isso só compreendo segurança com educação, distribuição de renda e solidariedade. Sem estas três coisas, difícil alcançar a vida ideal de convívio numa grande cidade.

Um dia, ao entrar na sede dos bombeiros, li: **“Quando a força bruta ofusca a razão, a prepotência suplanta a lei.** [...] *Que este lugar, onde a dor e o medo fez escala (onde encarceraram Rachel de Queiroz), se transforme numa prova definitiva da inutilidade dos governantes que oprimem adversários políticos e expresse uma incessante exaltação aos que lutam em defesa da liberdade.*”

Também por isso, celebro estes 300 anos de Fortaleza com a alegria e o “alívio” de ver no Executivo o fazendário Evandro Leitão (PT), quando a capital quase flertou com o obscurantismo.

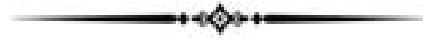
Costumo dizer: “quando brilha uma estrela”, referindo-me às possibilidades que queremos construir. E não é “sonho”. É a realidade pela qual nossa cidadania nos impele a lutar, porque **a luta continua!**

Seguimos sonhando uma Sociedade com um olhar mais solidário e responsável com a pessoa preta, pobre, periférica. Sociedade da partilha, da distribuição de renda e da denúncia do acúmulo de riquezas.

Sociedade sem machismo e inclusiva, onde a arte sobressaia o lucro e seja libertadora de direito e de fato. Sociedade essa que acredito só poder ser construída com educação acessível e de qualidade. A Sociedade dos sonhos cuida da Mãe Terra, do Equilíbrio Ambiental, opta por energias limpas e renováveis.

Vamos “esperançar” para construir e ver surgir a sociedade de não violência, de alegria, saudável, ecológica, sociável e de muita paz!

Vamos sonhar, minha gente, sonhar e lutar. Senão, nada acontece. “**FORTITUDE**”!



FORTALEZA: A CAPITAL QUE ABRAÇOU OS CEARENSES

A cidade que me abraçou foi Fortaleza. Parte significativa da minha geração tem origem em um dos 183 municípios do Ceará. O acolhimento de tantos cearenses a tornou o maior centro demográfico e econômico do Estado, concentrando administração e serviços. Esse processo fez de Fortaleza a quarta maior cidade do Brasil em população.

Fortaleza se consolida, assim, como a “capital de todos os encontros”, transformando visitantes em moradores e valorizando a força de seu povo. Comigo não foi diferente. Sou natural de Sobral e cheguei à cidade para viver no bairro mais bucólico: a Praia de Iracema.

Fui morar na Rua dos Tabajaras, 356, olhando para o Estoril e para um bar que existia muito antes do Pirata, com um nome que nos elevava à espiritualidade: Ponte para o Céu.

A Praia de Iracema era e continua sendo um bairro extraordinário, formado por ruas que valorizam a identidade cultural e prestam homenagem aos povos originários. Muitas delas foram nomeadas em honra a etnias indígenas cearenses, como Tabajaras, Potiguaras, Tremembés, Guanacés, Pacajus, Arariús, Groaíras, Cariris e Tigipió.

Na Rua Tigipió, ficava o Colégio São Pedro, a primeira escola em que estudei ao chegar em Fortaleza. Aliás, o pescador Pedro apadrinhou muito o bairro de Iracema. Minha primeira comunhão foi realizada na Igreja de São Pedro, localizada na bifurcação da Rua dos Tabajaras com a Avenida Almirante Barroso. Crianças, jovens e adultos participavam ali das celebrações católicas e das festas juninas e natalinas. Eram momentos que aproximavam e integravam a população do bairro.

Minha trajetória na Praia de Iracema atravessou toda a infância e adolescência. A “piscininha”, em frente ao Estoril, era espaço de pescarias, de namoros e dos meus primeiros ensaios de “carretilha”, inicialmente com uma tábua de madeira e, depois, com uma prancha de surf de fibra de vidro, usada na Ponte Metálica.

A bucólica Praia de Iracema, mais precisamente o Estoril, era ponto de encontro de escritores, poetas e músicos de vários locais do Brasil. Foi lá que tive a oportunidade

de ser apresentado por meu pai a dois “monstros sagrados” da música brasileira e mundial: Egberto Gismonti e Hermeto Pascoal. Conta-se que a música Lôro, homenagem de Gismonti a Pascoal, começou a ser composta no Estoril, em 1975.

De leste para oeste, fui morar no Monte Castelo. Meu pai comprou uma casa financiada pelo Sistema Financeiro de Habitação. Ele trabalhava no Banco Nacional da Habitação (BNH), que funcionava na Rua Castro e Silva, em frente ao Hotel San Pedro, um dos três hotéis mais famosos da época.

Nesse período, com apenas oito ou nove anos, eu já transitava sozinho de ônibus pela cidade. Na memória, permanecem vivas as linhas Praia de Iracema, Circular, Monte Castelo e Santa Maria, que faziam parte de meu deslocamento cotidiano e, posteriormente, a linha Antônio Bezerra–Unifor.

As coincidências desta cidade também são extraordinárias. Se o leitor gostar de numerologia ou apostar na sorte, pode usar o número 356. Morei em duas casas com esse número, em bairros diferentes: na Rua dos Tabajaras, como já mencionei, e na Rua Gérson Farias, no Monte Castelo.

No período escolar, transferi-me para o Colégio 7 de Setembro, na Avenida do Imperador. No “7”, como o chamávamos, estudei até o vestibular. Devo minhas aprovações de primeira ao acompanhamento de minha mãe, à minha dedicação e à qualidade do ensino da escola.

Nessa fase de mudanças, fui morar quase no epicentro da cidade, na Rua Costa Barros com a Rua João Cordeiro, após uma breve passagem pela Rua José Lourenço.

Minha estada na Costa Barros foi um período de continuidade, convergência e avanços, marcado por muito estudo e muito trabalho. O relevo plano da cidade facilita explorá-la a pé. Muitas vezes caminhei da Praia de Iracema ao BNH, do Monte Castelo à Leste-Oeste e da Costa Barros até a Sefaz ou a “Praia do Ideal”.

O Cine São Luiz, na Praça do Ferreira, marcou muito minha juventude, assim como o caldo de cana da Leão do Sul, onde fui muitas vezes com meu avô. Nascido em Fortaleza e torcedor do “Vozão”, ele me levou ao Estádio Alcides Santos. Vovô era um homem que admirava livros e cinema. Lembro também de acompanhá-lo em sessões no Cine Gazeta, cinema que surgiu junto com o primeiro shopping da cidade, o Center Um.

Após esse período de infância, adolescência e início da vida adulta, deixei o eixo leste-centro-oeste e tive uma breve passagem pelo Meireles e pela Praia do Futuro.

Atualmente, moro no Cambeba, uma região que também desperta lembranças da minha infância. Nas proximidades, costumava passar momentos de lazer em um sítio em Messejana, área que hoje abriga diversos condomínios.

Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção merece ser celebrada como a cidade dos encontros de todos os cearenses. Para mim, é motivo de grande alegria e gratidão ter sido abraçado por essa irmã do sol e do mar.

Dulce Ane Lucena



MILK-SHAKE, BANANA-SPLIT OU SUNDAY? EIS A QUESTÃO!

Dentre as doces lembranças da infância, Andrea guardava no bolso da memória, uma que era muito especial e, que sempre conseguia fazer um sorriso maroto despertar em seu rosto de mulher madura.

— Mamãe, a senhora está rindo de quê? Perguntava o filho Galvão ao ver a mãe sorrindo à toa.

— De nada e de tudo! Respondia a mulher, deixando claro para o filho que aquele momento era só dela e que não cabia explicações.

O rapaz conhecia muito bem esses momentos da mãe e respeitava. Ele já sabia:

“Mamãe deve estar pensando naquelas aventuras que ela fazia com as amigas, quando ia passear pelo Centro da Cidade”, pensava ele.

E ele estava certo. Enquanto o filho pensava no que a mãe deveria estar lembrando, Andrea já se via em um tempo pretérito, descendo do ônibus na Praça José de Alencar, no Centro da Cidade, acompanhada das amigas Adriana e Raquel.

Eram três amigas inseparáveis, que se divertiam juntas em um tempo em que o simples era extraordinariamente interessante e o fato de estarem juntas, olhando as vitrines e conversando sobre nada de tão importante era por demais prazeroso.

Era começo do mês e a mesada ainda estava inteira, permitindo ao orçamento individual das amigas alguns “privilégios” do tipo: ir bater perna no Centro, tomar sorvete e comprar batom ou brilho labial, para na segunda-feira fazer sucesso com os paqueras. Se tivessem sorte, ainda podiam assistir um filme no Cine São Luís.

Esse era um ritual que elas faziam com muita alegria, eram mimos para suas almas inocentes e cheias de sonhos. “*Era a nossa Disney*”, pensava Andrea.

Do que mais gostavam? Ah, claro que era da hora do sorvete, porque sempre acontecia uma discussão sobre o que deveriam comer. Andrea defendia que deveriam ir lanchar o Milk Shake da loja Romcy, Adriana preferia a *Banana-Split* das Lojas Brasileiras e Raquel insistia no Sunday das Lojas Americanas.

Lembrando desses momentos em que os conflitos eram tão fáceis de enfrentar e que a disputa do “*Zerinho ou Um*” era capaz de resolver as dúvidas em segundos, Andrea chegava a sentir o contentamento de estar em frente ao São Luís, com suas amigas, pulando de satisfação por ter ganhado a aposta e poder escolher onde seria o lanche gelado e doce. A escolha era na emoção!

Cada uma tinha a sua preferência, mas sabiam recuar, “abrir mão” de ter razão sempre, compreendiam que o sorriso da vencedora, era também motivo de sorriso das outras. Ganhar sempre não tinha graça, às vezes até erravam de propósito nas apostas, para que a outra amiga pudesse ter sua vez de escolher. “Será que ainda fazem amigos como antigamente?” Ela se perguntava.

E foi assim que as três amigas viveram anos e anos defendendo cada uma o seu gelado preferido, sem conseguirem decidir qual deles era realmente o mais saboroso. “*Milk Shake, Banana-Split ou Sunday?* Qual vai ser? Qual é o melhor?” E quanto mais cresciam, passando da juventude para a fase adulta, mais distante parecia ficar a resposta.

Até que um dia, este dilema tradicional do passeio ao Centro da Cidade nas sextas-feiras à tarde, foi sendo substituído por outros questionamentos: Adriana deveria namorar ou não com o Olavo? Andrea iria fazer vestibular de agronomia ou veterinária? Raquel ficaria mais bonita no vestido rosa ou amarelo para ir à festa?

E as sextas-feiras no Centro da Cidade? Seguiam pelo mesmo trajeto: Praça José de Alencar, Praça do Ferreira, Cine São Luís e um lanche em algum lugar...

Mas é claro que tinha que ser um *Milk Shake, Banana-Split ou um Sunday*, já previamente agendados. É que Adriana, cursando Administração, resolvera colocar um pouco de ordem naquela sociedade da alegria. Elas passaram a seguir uma espécie de rodízio, onde cada vez que se encontravam, iam comer o sorvete da vez. O disputado “*Zerinho ou Um*” foi substituído por uma agendinha organizada, mas muito sem emoção.

“É, nós crescemos...” lembrava Andrea enquanto deixava o pensamento vasculhar suas memórias preciosas de um tempo em que estar com as amigas passeando no Centro da Cidade de Fortaleza, rindo, conversando, sem medo de ser assaltada ou de ter suas bolsinhas invadidas, era tão bom.

Elas até podiam contar as cédulas de dinheiro na Praça do Ferreira para ter a certeza de que tinham recebido o troco correto e se ainda tinham sobra para pegar um cineminha. Às vezes dava, outras não, mas a diversão de estarem juntas, esta, nunca faltava.

— Mamãe, a senhora vai passar ainda quanto tempo com a cabeça no mundo da lua? Não quer ir passear comigo no Shopping Iguatemi? Perguntou Galvão.

Andrea respondeu animada:

— Só vou se você comprar um *Sunday no Mac Donald* ou um *Milk Shake no Burger King* ou uma *banana-Split no Habibs*.

O filho sem entender nada, ainda falou:

— Tá certo, Dona Andrea. E desde quando a senhora gosta dessas coisas?

A mãe Andrea nada falou. A mulher Andrea apenas sorriu, mas a criança Andrea, que ainda existia nela, gritou por dentro, só para si: “*Ah, desde sempre!*”



SABIAGUABA – A NATUREZA DO SABIÁ RESISTENTE, FAROL DE FORTALEZA

Por uma questão familiar, há mais de 40 anos temos uma pequena casa de paredes brancas e janelas azuis, encravada no início do Parque Natural Municipal das Dunas da Sabiaguaba - unidade de conservação de Fortaleza, mantida pela Prefeitura, com cerca de 468 hectares. Ali, onde o mangue conversa com a praia e os tabuleiros costeiros sustentam o horizonte, eu vejo a vida chegando aos domingos: famílias, crianças, toalhas estendidas, o mar chamando pra perto. Vejo também o tempo fazendo seu trabalho silencioso: a chuva abrindo lagoas entre as dunas claras, a brisa redesenhando o relevo a cada estação.

Mas vejo, com a mesma nitidez, o que ameaça esse encanto. As dunas, por vezes, são cortadas por dezenas de veículos; o santuário, deixado à própria sorte, convive com uma segurança precária - municipal e estadual - que, em vez de proteger, acaba permitindo o acesso indiscriminado. E os poucos, moradores que insistem em preservar, além de viver o lugar, precisam defendê-lo.

Quando uma cidade completa 300 anos, não deve apenas reverenciar seus marcos antigos; precisa encarar o presente para que o futuro não lhe roube as referências. Se “Terral”, de Ednardo, nos marca com sua poética factual, cantando e encantando Fortaleza e o Ceará, não podemos permitir que esse mesmo encantamento, ainda vivo, chamado Sabiaguaba (terra do sabiá, onde ainda cantarolam sabiás brancas e graúnas), seja riscado do mapa em nome de uma construção civil predatória, como tantas vezes acontece por aqui.

A Sabiaguaba guarda uma delicadeza que a cidade, apressada, anda esquecendo: os ventos frescos, o sossego, o silêncio interrompido apenas pelo canto dos pássaros. Guarda também o que é essencial e menos visível: suas dunas, extensão do Parque do Cocó, não são apenas paisagem; são estrutura de vida. Alimentam o rio, absorvem água nas grandes chuvas, ajudam a cidade a respirar. Por isso, celebrar Fortaleza exige dizer, sem rodeios: viva a Sabiaguaba, viva a sua preservação!

Houve um tempo em que chegar ali era quase um ritual. Antes da ponte que liga a Praia do Futuro e o Caça e Pesca à Sabiaguaba, era preciso fazer um caminho longo pelo Edson Queiroz, passar pela Lagoa Redonda e seguir por uma estrada

estreita. No percurso, havia bares simples e inesquecíveis, onde se comia ostra, caranguejo e outros frutos do mar, a exemplo do “La Ostra” e tantos outros. Muita gente ia à Sabiaguaba por isso também: ali o mar se servia à mesa, quando a Praia do Futuro ainda não era esse corredor de barracas e cardápios. E, como todo lugar verdadeiro, havia personagens, alguns engraçados, outros míticos, que davam rosto à paisagem.

A Sabiaguaba foi morada de gente que parecia feita da mesma matéria do vento e da luz. O fotógrafo Zé Albano, no seu sítio cheio de memórias e imagens, buscava no reflexo das dunas ao pôr do sol a beleza que a cidade nem sempre vê, e dela fez fotografias memoráveis. O advogado e comunista Tarcísio Leitão também viveu ali. São nomes que o tempo levou, mas que permanecem como parte do lugar, porque certos habitantes viram paisagem.

Ainda hoje restam moradores à beira do rio, pescadores, guardiões discretos. Entre eles, o cabo Rust. Sim, o nome que lembra o personagem de “Rin-Tin-Tin”, que, com teimosia admirável, mantém o Museu do Mangue e ensina às crianças que visitam a região algo que vale por uma lição de mundo: é possível “plantar o mangue”. Em tempos de destruição fácil, esse gesto tem o tamanho de uma esperança.

A Sabiaguaba recebe alguns dos primeiros raios de sol que tocam Fortaleza. Espremida entre a Abreulândia e o rio Cocó, ela resiste. Brilha. E ali, o sol parece brilhar com outra solenidade, sustentando a esperança de que a cidade ainda guarde dunas brancas. É disso que falava Ednardo quando cantou que vinha “das dunas brancas”, de onde queria ficar: daquele encantamento de quem via a areia se deitar sobre o mar verde da cidade.

E é impossível não comparar. Quando cheguei a Fortaleza, vindo do Rio Grande do Norte, uma das extremidades da cidade era marcada pelas dunas da Barra do Ceará. A grande duna, aos poucos, foi se desmanchando e sendo ocupada, até deixar de ser referência para quem chega pelo lado oeste. O Mucuripe perdeu as suas dunas, tomadas por casas e empresas, desfeitas e transformadas em areia misturada ao barro, matéria-prima da própria edificação. A Praia do Futuro conserva o farol velho e o novo, mas já não conserva as dunas brancas. Hoje, o último reduto desse branco essencial, em Fortaleza, é a Sabiaguaba.

Mesmo ali a ameaça é constante. A área de proteção ambiental, pequena faixa, grande patrimônio, é recorrentemente pressionada. As dunas persistem, mas foram rasgadas pelo traçado de uma rodovia, por intervenções que retiram areia, por cortes que alteram a paisagem e enfraquecem a natureza ao redor. Se não cuidarmos, a grande duna, com seu pôr do sol largo e inesquecível, também acabará. O aviso não é somente dramático, é real.

Enquanto Fortaleza vai se vestindo do branco frio dos espelhos dos prédios, que ocupam, dominam e bloqueiam o vento na beira-mar, precisamos proteger o branco vivo das dunas. Neste registro dos 300 anos da cidade, é urgente reforçar: a Sabiaguaba não é sobra de mapa, é farol. E o encantamento que ainda mora nela precisa permanecer.

TREZENTAS JANGADAS DE VELAS

Penso que toda cidade deve ter berço. E quando se tem o mar como berço, e um riacho de quebra, pode-se dizer que esse é um lugar abençoado, batizado em duas águas e com um sugestivo nome: Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção. E com uma madrinha que tem acesso direto ao céu, abrem-se as nuvens que o Sol pede passagem para banhar de luz a cidade o ano inteiro. Com uma chuvinha aqui e acolá, pois os jardins precisam florescer.

Penso que toda cidade deve ter uma ponte. Que pode ser velha, mas charmosa, com gradis e quiosques brancos de onde uma moça dourada avista surfistas, golfinhos e um velho navio encalhado. E mais além, vislumbra uma “jangada de vela pintada de verde e encarnado” trazendo antigas e novas canções. E a moça vai ouvir, vai sorrir, vai cantar. Essa ponte deve avançar mar adentro como se quisesse nos levar para a linha. Só impressão. Que não nos leve a nenhum reino ou freguesia, mas apenas para a rota do pôr do sol, que descamba logo ali.

Penso que toda cidade deve ter um mercado que guarda a memória de uma antiga feira, um caldeirão de cores e sabores e cheiros e sons. Um mítico espaço onde homens e mulheres acordam antes do sol enquanto peixes dormem em camas de gelo. Uma grande tenda onde um mágico proletário tira do chapéu uma penca de bananas, uma peneira de palha, um prato de sarrabulho, uma lamparina, uma baladeira. E deve ter nome de santo esse mercado — São Sebastião está de bom tamanho — para abençoar os quitandeiros, os carregadores, os pechincheiros, os pedintes, os meninos que dormem e acordam e perambulam nas calçadas da Clarindo de Queiroz.

É urgente que essa cidade tenha uma praça, seu pulsante coração. Com coluna da hora, cinema, uma botica e um centenário bistrozinho. Que a praça tenha bancos longos para todo mundo se esparramar, inclusive os velhinhos que cheiram a Garção, os moradores de rua, a rapariga disfarçada de vendedora de café, o pipoqueiro que deu um tempo pra contar o apurado, a mulher e sua menina enquanto chupam picolé. É necessário que na praça viva um poeta — ou pelo menos a alma dele — de

gestos imprevisíveis, declamando estranhos versos. E alguns que por ali passarem se perguntarão se é um bêbado, um mendigo, um louco. E eu lhes direi que é um anjo marginal que almoça e janta espantos todos os dias.

Que Fortaleza de Nossa Senhora da Assunção seja sempre abençoada, bela e alegre e se apresente num mapa multicolor onde se desenhem poemas e canções e mercados e bodegas e pontes e pinguelas e viadutos e calçadas e calçadinhas e rampas e lagoas e riachos que desemboquem no verde oceano onde deslizem trezentas jangadas de velas. Que se dispense o berço e se arme uma grande rede branca, de varandas — um punho no Mucuripe e outro no Bom Jardim — pra todo mundo se balançar.

AZEDUME

Antes da esquina, o Mercado São Sebastião já me invade: peixe, gelo, gordura velha — a cidade sem maquiagem. Eu ainda estou na Duque de Caxias e ele já me alcança, me pega pelo nariz e me puxa pela garganta. Um azedume. Eu sigo em direção ao Mercado com o peito trabalhando curto, como se eu estivesse devendo ar. Fim de tarde. A luz bate no vidro dos carros e volta branca, dura, direto no meu rosto, como um tapa. O asfalto devolve o mormaço; ele sobe pela canela e encosta na nuca como um recado. Minha mão fecha na alça da bolsa. Sem pensar

O Mercado vem antes de aparecer. Vem pelo nariz.

Peixe recém-aberto, gelo derretendo, gordura antiga, panela de alumínio que já ferveu a mesma coisa tempo demais. Um azedo que não é podre — é vida repetida, vida encostada em vida, sem espaço pra delicadeza. Esse cheiro não tenta ser gentil. Ele ocupa. E, por um instante, eu sinto um alívio estranho: aqui nada precisa parecer melhor do que é. Aqui o real não pede desculpa. Eu reclamo, eu aperto a bolsa, eu me ajeito no susto - e ainda assim é daqui que meu corpo aprende a existir.

A faixa de pedestres está gasta. A tinta falha como falha promessa. Eu piso e a rua decide se me tolera. Um carro adianta o bico antes do sinal abrir direito; não encosta em mim, mas encosta na ideia de que eu devia ser mais rápida. O motorista olha pra frente, pra urgência dele. Eu viro atraso de carne.

Um ônibus passa pesado e me joga um vento quente de diesel. Uma moto costura o vazio e some. A buzina vem curta, seca, sem mistério. Atrás de mim alguém solta:

— Vai, mulher.

A frase é pequena, mas tem braço. Ela pega no meu ombro por dentro. Eu acelero meio segundo e odeio esse meio segundo. Odeio porque o corpo obedece antes da escolha. Existe um treinamento invisível na rua: não demora, não estorva, não faz cena.

O cheiro do Mercado cresce no meio do caminho e se mistura com escapamento. Peixe e gasolina. Gelo e fumaça. Minha garganta fecha um pouco, como se o ar tivesse dono. Meu joelho reclama num toque rápido, interno, e eu penso - sem poesia — que o corpo não foi feito para ser eficiente o tempo todo.

Sem aviso, meu corpo lembra: eu menina, na calçada, e meu pai segurando meu pulso. Não era a mão. Era o pulso, onde se decide o movimento. “Fica aqui”, ele dizia. Eu gostava porque era seguro. Eu odiava porque era seguro demais - desse tipo de segurança que também é ordem. Um comando embutido, como se eu precisasse ser conduzida para não me perder. Eu aprendi cedo que cuidado às vezes vem com peso.

Hoje não tem pulso segurando o meu. Tem só a rua e a minha vida tentando se manter inteira.

A correia da sandália morde a lateral do pé direito, bem onde a pele é fina. Arde. Não é dor forte; é insistência, ocupação. Eu ajusto o passo sem parar, porque parar aqui parece culpa.

No meio da faixa, a correia cede.

Um milímetro basta. O pé escapa, o tornozelo vacila, e o mundo se inclina por dentro. Quase cair dá gosto de metal na boca. Quase cair acende aquela vergonha pronta: a de virar assunto, a de atrapalhar, a de existir grande demais no meio do tráfego. Eu me agarro ao ar como dá; coxa, quadril, a mão buscando equilíbrio. A rua não diminui. Um carro passa. Outra moto passa. A buzina repete.

Um homem esbarra no meu ombro e segue, sem olhar. Eu quase falo. A rua cobra silêncio.

Do outro lado, uma mulher levanta a mão sem encostar.

— Ôxe... tá bem?

Eu balanço a cabeça. Agradecer bonito exige tempo, e tempo aqui custa. Eu puxo ar curto, enfio o pé de volta na sandália como quem recoloca um osso no lugar e termino a travessia com cuidado. O cuidado parece lento demais pra todo mundo. Mas é o meu corpo que está pagando.

Na calçada, eu paro só um segundo. Levanto o calcanhar: a marca vermelha abriu a pele. Um fio de sangue aparece, pequeno, discreto. Pronto. A cidade carimbou.

Eu tiro a sandália. Seguro o salto na mão - elegante e inútil - e piso no chão quente, descalça, sentindo cada pedrinha como confirmação. Dou dois passos assim, sem beleza, sem performance, só presença, e sigo pelo cheiro.

Lá dentro, o gelo estala. Uma faca encontra a tábua com um som limpo. Eu encosto o polegar no corte do meu pé e não invento nada: ainda estou aqui.





[Handwritten signature]
26

SOB A BRUTEZA DE TEU NOME

Quando o sol alvorou
sobre teu corpo imenso
a minha primeira manhã
junto a ti,
eu não sabia quanto tempo
teria de existir
sob a bruteza de teu nome.

Quando aqui cheguei de longe,
não te sabia mais que a miragem
da ficção que te anunciam
todas as luzes
desse mar de promessas
— e (des)valias.

Quando aqui vim e me vi
como sou e me sei,
quando aqui me fiz ficar
sem abril de voltar,
foi quando compreendi
a bruteza sob teu velho nome;

foi quando te escrevi
tendo-te aberta ao mar dos olhos:
— *És uma medusa.*
(Uma medusa, eu disse,
vendo-te imensa, do alto.)

— *O mar se deita com um monstro,*
depois tudo é pedra.
(Eu disse, vendo-te do alto, sem medida.)

Hoje,
tantos sóis depois,
não me cegaram as pedras
de tua força.
Por entre elas,
aprendi a ver
a matéria viva-sonhante
que te sustenta.

Tantos sóis depois,
compreendi que és
porque ela te inventa
(sonho a sonho)
por entre as pedras
aos pés desse mar —
de promessas
e (des)valias.

Hoje,
tantos sóis depois,
compreendi que a fortaleza das coisas
 (a força
 do que se inventa),
é esse árduo e difícil possível
 sonhado
entre a bruteza e a quimera.

Compreendi
que a fortaleza de teu nome
não é minéria propriedade
de tua fortificada nascença,
mas a força dessa matéria viva-sonhante
que te sustentou
 e te trouxe até aqui
 tanta conta de tempo depois.

Autoras & Autores



ACRÍSIO SENA – Deputado estadual, formado em História pela Universidade Estadual do Ceará (UECE) e mestre em educação pela Universidade Federal do Ceará (UFC).

ALAN MENDONÇA – É escritor, compositor e dramaturgo. Autor de 21 livros, 4 discos, 4 documentários, 13 espetáculos teatrais. Em 2022, venceu o Prêmio Ideal Clube de Literatura. Autor de *Boi Mansinho e a Santa Cruz do Deserto*, com o grupo Clariô, Prêmio Shell de Teatro (Música) e o Prêmio APCA de Dramaturgia, um dos maiores prêmios das artes no país.

ALEXANDRE CIALDINI – Secretário de Planejamento e Gestão do Ceará, com ampla experiência em gestão pública. Pós-doutor e doutor em Administração Pública pelo ISCSP-ULisboa, é mestre em Economia pela UFC e em Planificação Territorial e Desenvolvimento Regional pela Universidade de Barcelona, além de graduado em Ciências Econômicas pela Universidade de Fortaleza. Auditor fiscal da Sefaz-CE, possui especialização em Políticas Fiscais (ILPES/CEPAL) e em Gerência Avançada de Finanças Públicas (FGV/Ebape).

ANA MÁRCIA DIÓGENES – É jornalista e escritora, autora de nove publicações, entre elas o romance *Buraco de dentro*, semifinalista no Prêmio Oceanos 2025. Colabora com revistas e sites literários. É Mestra em Políticas Públicas e especialista em Responsabilidade Social; Psicologia Positiva e Literatura, Artes e Filosofia. Atualmente é consultora em comunicação e colunista de comportamento no *O Povo Mais*. Publica contos, poemas e crônicas no seu perfil @namarcia, no Instagram.

ANTONIO MIRANDA – Nasceu em Manaus/AM, desde 1979 vive em Fortaleza/CE. Auditor Adj. da Sefaz CE, Pós-graduado em Política e Administração Tributária (FGV). Obra: *Ponto Cego* (conto) 2015, *Exuberância* (poesia) 2016, *Infinitas Pontes* (conto) 2017, *O Derradeiro Fôlego do Tempo* (romance) 2019, *Uma Longa Caminhada* (conto) 2022, *O Impacto da Pluma* (romance) 2025.

ARGENTINA CASTRO – É escritora de poesias, contos e crônicas; idealizadora e gestora da biblioteca comunitária Papoco de Ideias; também curadora do selo editorial Mirada (PE/CE); mediadora de leitura, narradora, artcolagista, produtora e antropóloga. Possui experiências em coordenação pedagógica, coordenação social e educação social.

ARMINDA SERPA – Professora da Universidade Estadual do Ceará. Com experiência na área de Letras, com ênfase em Literatura Brasileira e Teoria Literária. Autora, dentre outras publicações, de: *Lições sobre asas e abismos: uma leitura da poesia de Ana Cristina Cesar* (2009) e *O Mar e a Palavra* (2011).

ARTUR BRUNO – Pedagogo, professor, político. Sócio do Instituto Histórico, Geográfico e Antropológico do Ceará, membro da Academia Fortalezaense de Letras e autor de 12 livros, dentre eles: *Educar é preciso: 100 passos em direção à cidadania* (2001), *Normas básicas da atividade cultural* (2004), *Ideologias e partidos políticos 0 vol. I* (2005), *Leis da educação* (2008), *Educar sempre* (2010).

AURELINA FARIAS – Mestre em Administração de Empresas (UNIFOR), Especialista em Gestão de Pessoas (UNICHRISTUS), Graduada em Administração de Empresas (UNIFOR). Com Formação em Educação Emocional & Qualidade Humana; em Terapia Comunitária e Coaching de Executivos. Auditora Fiscal Adjunta da Receita Estadual (SEFAZ CE); Escritora com participações em diversas Coletâneas Nacionais e Internacionais tendo participado com contos, fábulas, poesia e crônicas. É autora do livro *O Jovem mancebo e outras histórias* (Expressão Gráfica Editora, 2022).

BATICUM PROLETÁRIO — Pai da Tainá, poeta e compositor. Nasceu em Caucaia-CE e é cria das periferias de Fortal, festivais de rock, saraus e maracatus. Militou no movimento estudantil, fomentou produções culturais, atuou como professor de artes (2013 a 2019). Formou-se em Direito. Idealizou o Encontro de Saraus do Ceará, a Bienal Itinerante de Poesia e o Encontro de Bibliotecas Comunitárias e Populares. Em 2021 começou a produzir o seu EP de estreia (um apanhado de 20 anos nos rolês culturais). Em 2023 se tornou nacionalmente reconhecido ao ter um poema seu como tema de uma questão no ENEM. Se apresenta periodicamente em saraus, festivais, podcasts, programas de tv, rádio, associações e praças. Lançou o ep *Salve* com 6 músicas no ano de 2024, presente em todas as plataformas digitais e atualmente está no lançamento do seu livro de poesias *Estado de Poeta*.

BRENNAND BANDEIRA – Arquiteto, urbanista e designer; mestre em psicologia ambiental; professor universitário.

BRUNO PAULINO – Educador, pesquisador e escritor quixeramobinense. É graduado em Letras pela Universidade Estadual do Ceará (UECE), professor de Língua Portuguesa da rede estadual de ensino. É também narrador dos casos cotidianos, utilizando o sertão central como base e substância para suas histórias. Além dos diversos cordéis que publicou, é também autor dos livros *A Menina da Chuva* (2016), *Lá nas Marinheiras* (2013) e *Pequenos Assombros* (2018), livro no qual se dedicou ao fantástico de cunho regionalista. Organizou ainda antologias e eventos literários e vem realizando pesquisas sobre Antônio Conselheiro.

CARLINHOS CRISÓSTOMO – Fortaleza-CE. Graduado em Música, 1986 – UECE; Mestre em Artes, 2019 – IFCE. Professor de Música na rede de ensino privada e pública de 1987 a 2017, em Fortaleza-CE. Desde 1993 é docente no curso Técnico em Instrumento no IFCE. É instrumentista, percussionista, cantor, compositor,

arranjador, diretor musical, participou também como músico de Grupos Parafolclóricos cearenses. Compôs músicas para festivais, trilhas sonoras para peças teatrais e abertura de programas de TVs. Gravou CDs individuais e em parcerias. Produziu mais de 50 CDs de artistas cearenses, tendo atuado na direção musical de mais de 30 peças teatrais em Fortaleza. Recebeu diversas premiações na área da música em Festivais e trilhas sonoras para peças teatrais. [Contato: (85) 99925-9030 (Whatsapp)].

CHICO ARAÚJO – Poeta fortalezense autor dos livros de poemas *Versos de setembro e outras insurreições* e *Entre versos, sombras e assombros*. Ficcionista, tem de sua lavra os livros de literatura infantil *O menino e o outro menino* e *Aziul, uma história de sombras e de luz*, além dos livros de contos *O relógio de parede* e *Em compasso de espera*. Tem participação em coletâneas poéticas, além de ser letrista, compositor, intérprete. Tem nas plataformas digitais musicais os EPs *Caminhos* (com canções da parceria com Matheus Viana), *Pérolas* (em que interpreta canções de compositores cearenses) e o álbum *Sonho é pra sonhar* (com canções em parceria com Luciano Franco).

CÍCERO CAVALCANTE – Graduado em Filosofia e pós-graduado em Economia Política e Filosofia Contemporânea pela UECE e especialista em Psicanálise pela UNIFOR.

CICINATO FERREIRA – Nasceu em 6 de janeiro de 1969 em Tabuleiro do Norte, Vale do Jaguaribe. Formou-se em História pela Uece em 1990, ano em que também ingressou na Secretaria da Fazenda do Ceará através de concurso. Foi professor antes de ingressar na Sefaz-CE. É escritor com 8 livros publicados com destaque para a história regional. Atualmente é administrador de uma das turmas do Posto Fiscal de Monte Alegre.

DE ASSIS DINIZ – Deputado estadual e 1º secretário da Alece.

DÉRCIO BRAÚNA – Bancário e historiador (doutor em história social/UFC), com estudos sobre as relações entre história e literatura. É autor de quinze livros individuais (poesia, conto, estudos e ensaios), entre os quais: *Metal sem húmus* (2008), *Aridez lavrada pela carne disto* (2015), *Auto de incineração* (2021), *Eu talvez desejasse matar poetas [exercícios barrocos]* (2023), *Tentações de sapateiro: o cerco da história na operação ficcional de José Saramago* (2023), além de obras em parcerias e coletivas. Em 2020, foi semifinalista no Prêmio Oceanos de literatura com o volume poético *Esta solidão aberta que trago no punho* (2019). Sua obra mais recente é o volume poético *Conteúdo-carcaça [livro das consumações]* (2025).

DULCE ANE LUCENA – Mestre em Administração de Empresas pela Universidade de Coimbra em parceria com a UECE; pós-graduada (Especialização) em Administração

de Recursos Humanos pela UECE; graduada em Administração de Empresas pela UECE; Comunicação Social pela UFC e Psicologia pela FBUNI. Servidora Pública da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, com experiência de mais de 25 anos em Liderança de Equipes, especialmente em Gestão de Pessoas. Publicação de diversos artigos técnicos em livros e jornais. Autora dos livros de poesia *Janelas da Vida* e de *Contos para a Vida*. Coautora da Coletânea *Ser Humano é Ser Feliz*, e de outras obras literárias.

ELIAS DE FRANÇA – É auditor fiscal adjunto da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará. Escritor, compositor, dramaturgo e artista plástico.

EMANUELA RIBEIRO – É cearense e jornalista com formação pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e Máster em Gestão de Comunicação pela Universidad de Deusto (Espanha). Publicou seu primeiro romance, em 2023, *O romper das conchas* pela Editora Caos & Letras. Escreve contos e crônicas. Já colaborou com textos em diversas revistas literárias. É co-autora da coletânea de contos *De corpo inteiras* e um de seus contos foi finalista do 2º Concurso Pintura das Palavras o que lhe rendeu participar da coletânea *Fraturas*.

EVANDRO LEITÃO – Servidor público, gestor, político. Foi deputado estadual e presidente da Assembleia Legislativa do Ceará. Atualmente, é prefeito de Fortaleza.

FABRÍZIO GOMES – Secretário da Fazenda do Estado do Ceará, doutor e mestre em economia (UFC).

FALCÃO – Cantor, compositor, ator, arquiteto.

GLÁUCIA LIMA – Escritora, fazendária e professora aposentada, coordenadora do FMFi (leia-se: “femefi”) - Fórum de Mulheres no Fisco, presidenta da Casa da Amizade Brasil-Cuba/CE e do Instituto Tonny Ítalo – InsTI 10 anos.

GRECIANNY CARVALHO CORDEIRO – Promotora de Justiça e Escritora, Membro da Academia Cearense de Letras e do Instituto do Ceará.

IARA PALÁCIO – Servidora Pública da Secretaria da Fazenda Ceara; graduada em Administração de Empresa com Habilitação em Administração Hospitalar (UECE), Letras – Português e Literatura (UECE), especialista em Psicologia Organizacional (UFC), mestrado em Economia do Setor Público (CAEN-UFC); professora convidada no ensino superior nas áreas de Gestão, Linguagem e Comunicação; instrutora convidada para treinamentos em instituições públicas do Ceara (EGPCE e Controladoria Geral do Estado), nas áreas de Comunicação, Redação Oficial, Inteligência Emocional (Disciplina e Treinamento).

IDILVAN ALENCAR – Servidor público, engenheiro civil, político. Atualmente, é secretário de educação de Fortaleza.

ISABEL PIRES – É servidora fazendária desde 1994.

JOELINA AMÉLIA – Servidora Pública, especialista em Terapia Familiar Sistêmica, amante da escrita, do aprendizado e do autoconhecimento. Um Ser em evolução.

KELSEN BRAVOS – Professor, escritor, editor, produtor e consultor para leitura, escrita, literatura, livro, bibliotecas e cultura digital.

KLEBER SILVEIRA – Servidor fazendário, presidente da CAFAZ - Caixa de Assistência dos Servidores Fazendários Estaduais [contato: kleber.silveira@cafaz.org.br]

KLÉVISSON VIANA – É poeta cordelista, ilustrador, quadrinhista, declamador, Mestre da Cultura do Estado do Ceará e editor da Tupynanquim Editora.

LISIANE FORTE – É psicóloga clínica, escritora, ilustradora, fotógrafa, colaboradora da Mirada Janela, membro efetivo da Academia Brasileira de Psicólogos Escritores, arteterapeuta, atua com expressões corporais em sua clínica artística. É autora dos livros *Liames*, *Zonas Abissais*, *Psicologias em Reflexão I e II* e no prelo *Aqui e Agora: viver a vida de perto*.

LUIZ CARLOS DIÓGENES – Nasceu em Antônio Diogo/Redenção-CE, em 1964. Em 1970 veio para Fortaleza. Graduou-se em Letras e posteriormente em Direito. Servidor público do Ceará. Diretor de Cultura, Cidadania e Inclusão Social da Fundação Sintaf.

MAILSON FURTADO – Cearense. É autor, dentre outras obras, de *à cidade* [vencedora do Prêmio Jabuti 2018 – categorias Poesia e livro do Ano]. Em Varjota | CE, cidade onde sempre viveu, fundou o Grupo CriAr de teatro, em 2006, onde realiza atividades de ator, diretor e dramaturgo, e é produtor cultural da Casa de Arte CriAr.

MÁRCIA XIMENES – Aposentada da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará, atualmente Presidente da Associação dos Aposentados Estaduais do Ceará.

MIRELLE COSTA – É jornalista, mestre em gestão de negócios e escritora. Atualmente é estrategista na área de comunicação e marketing. Apresenta o podcast *Ca-fezim literário*.

NAZÁRIO VIANA – Natural de Belém-PA, é graduado em Filosofia pela Faculdade de Filosofia de Fortaleza – FAFIFOR e tem especialização em Administração Fazendária; exerceu o cargo de Chefe do Setor Administrativo da Delegacia da Fazenda do Estado do Ceará – SEFAZ-CE, em Tianguá; ex-presidente do Conselho

Estadual da Assistência Social do Ceará – CEAS-CE; exerceu a função de Consultor em Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas na SEFAZ-CE e na Escola de Administração Fazendária da Receita Federal – ESAF-CE; atuou como professor na SEFAZ-CE e na Universidade Estadual do Ceará - UECE; fundou a Escola de Educação à Distância da SEFAZ-CE. Atualmente, encontra-se aposentado do cargo de Auditor Fiscal Adjunto da Receita Estadual da SEFAZ-CE.

NILSON FERNANDES – Nascido em Mossoró (RN). Foi adotado por Fortaleza no início da década de 80, é servidor da Secretaria da Fazenda e Diretor de Comunicação do Sindicato dos Fazendários do Ceará (Sintaf) [jnilsonfe@gmail.com].

PATRÍCIA CACAU – Poeta, reside em Fortaleza-CE. Autora do livro *Quintais* (2019) e *A hora da onça* (2025), do cordel *Poesia Nordestina* (2019), e da zine independente *Antes que a palavra morra, eu te peço 10 conto* (2024). É editora no selo editorial Flor de Cacao. Também produtora cultural em “Quintais d’Cacau”. Participou com poemas em antologias no Brasil e na Europa. Ativista Social, feminista, incentivadora fervorosa da escrita feita por mulheres. É fundadora e articuladora do Movimento Mulherio das Letras Ceará, desde 2019. E coorganizadora do Projeto Enluaradas (2021), difundido no Brasil e na Espanha. Atualmente coordena o clube de leitura de poesia cearense *Aí dentu*.

PAULO FRAGA-QUEIROZ – Nasceu em Fortaleza, em 1968. Sua família vem direto do coração do sertão cearense: Quixadá. cursou Letras. É publicitário com prêmios nacionais e internacionais. Atualmente, divide seu tempo entre paixões que se complementam: comunicação, arte, design e cinema. É pai de dois meninos e duas meninas. É avô da Liz. *Pássaros de Giz* é seu livro de estreia. [contato: @sempreenunca]

RAYMUNDO NETTO – Jornalista, escritor, editor e produtor cultural. Autor de *Um Conto no Passado: cadeiras na calçada*, *Os Acangapebas* (Prêmio Osmundo Pontes da Academia Cearense de Letras), *Crônicas Absurdas de Segunda* (finalista do Prêmio Jabuti), *Quando o Amor é de Graça!*, *Coisas Engraçadas de Não se Rir* (finalista do Prêmio Jabuti), entre outros livros. É cronista convidado do Vida & Arte do jornal O POVO desde 2007. Coeditor das revistas CAOS Portátil, Para Mamífero” e curador da Maracajá. Foi coordenador de políticas do livro e de acervos da Secult-CE (2008-2011), curador da IX Bienal Internacional do Livro do Ceará, redator do Prêmio Literário para Autor Cearense e coordenador da I Feira do Livro do Ceará em Cabo Verde. Recebeu a Medalha Boticário Ferreira em 2012. É gerente de projetos da Fundação Demócrito Rocha.

RENATO PESSOA – É escritor, crítico literário, professor. Estudou filosofia na Faculdade Católica de Fortaleza e na Universidade Estadual do Ceará – UECE. Publicou, em 2011, *O Corpo Arcaico*. Em 2012, publicou *Solidão Singular*. Em 2014 organizou o

livro *Retratos de Abismo e Outros Voos – Antologia de Poetas Cearenses Contemporâneos*. Em 2016 publicou *A Paisagem da Febre*. Em 2017, publicou *O Homem do Último dia do Mundo*. Participa dos livros coletivos: *Cinco Inscrições da Mortalidade* (2018), *Resistências Escritas* (2019), *Eu desvalorizei as paredes* (2025). É um dos criadores do Sarau O Corpo-Sem-Órgãos, e um dos idealizadores da Escola Popular de Filosofia.

ROSA MORENA – Nasceu em Itapipoca-CE. cursou Pedagogia. Em 2014, foi premiada com o livro *Jaci, a filha da Lua* no Edital Paic, Prosa e Poesia. Em 2015, lançou *Movimentos Intransitivo*. Recebeu menção honrosa em dois certames: no XVIII Prêmio Estadual Ideal Clube (2015) e no Prêmio Carlos Drummond de Andrade, Brasília (2017). Em 2018, lançou o livro *Micropoemas* e teve o livro *Pedro, o menino do mar*, selecionado no edital Mais Paic. Em 2016 e 2018, foi selecionada no Concurso de Poemas no Ônibus e no Trem da cidade de Porto Alegre-RS. Em 2019 recebeu o 1º lugar no XXI Prêmio Ideal Clube de Literatura - Prêmio José Telles, gênero conto. Ainda em 2019, foi selecionada no Prêmio de Literatura da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), com o conto “A terceira morte”, e lançou *A menina e a garça*.

SEBASTIÃO DE PAULA – Morada Nova-CE (1961). Graduado em Música, 1988 –(UECE). Doutor em Artes, 2014 – UFMG. Estudou xilogravura e gravura em metal com Eduardo Eloy no MAUC-UFC em 1990/91. Professor de arte desde 2023 no IFCE. Poeta, compositor, desenhista, gravador, pintor. Expôs coletivamente em várias cidades brasileiras; no exterior: Argentina, Portugal, Espanha, França, Alemanha, Romênia, Bulgária, Eslovênia, República da Macedônia, República da Moldávia, Estados Unidos, Japão e Itália. Individualmente, oito vezes no Brasil e uma na França, contemplado com uma sala especial na 5ª Triennale Mondiale de Chamalières. Obteve várias premiações no Brasil e uma na França. [Contato: (85) 99976-1161 (Whatsapp)].

TARCÍSIO MATOS – Jornalista, escritor, compositor, roteirista e pesquisador da cultura popular cearense, voluntário. Formado em Comunicação Social pela UFC. Cronista do jornal O POVO, parceiro do bregastar Falcão e produtor do programa Leruaite (TVC). Voluntário da Associação Peter Pan, palestrante espírita. Autor de *Vaiando o Sol* e da *Grande Enciclopédia da Fala Cearense*.

WILDYS OLIVEIRA – É funcionário de carreira da Secretaria da Fazenda do Estado do Ceará (Sefaz-Ce). Economista pela Universidade Regional do Cariri (Urca), bacharel em Direito pela Universidade Federal do Ceará (UFC), especialista em Direito Tributário pela Universidade de Fortaleza (Unifor), mestre em Economia do Setor Público pelo CAEN/UFC, ex-Supervisor do Plantão Tributário da Secretaria da Fazenda, ex-conselheiro do Conselho de Recursos Tributários do Contencioso Administrativo-Tributário. Também é autor dos livros: *Temas da Reforma Tributária do Consumo, ISS & Processo Fiscal, Reforma Tributária e seus Impactos nas Empresas*,

Reforma Tributária (Emenda Constitucional 132/2023 analisada sob o enfoque das Leis Complementares 214/2025 e 227/2026, ICMS & Processo Fiscal, 17ª edição). É ainda ex-Editor da *Revista Inforfisco* - Informativo Fiscal do Ceará e autor de vários trabalhos publicados, jornais e periódicos; ex-Diretor da diretoria de Assuntos Econômico-Tributários e da diretoria de Assuntos Jurídicos do Sindicato dos Servidores da Secretaria da Fazenda; ex-presidente do Conselho Curador da Fundação Sintaf-CE. É atualmente doutorando em Administração Pública pela Universidade de Lisboa (ISCSP-ULisboa).

ZÉLIA SALES – É graduada em Letras (UECE) e especialista em Investigação Literária (UFC). É professora de Língua Portuguesa/Literatura e atua na Secretaria de Educação do Estado do Ceará. Tem trabalhos em diversas antologias, entre elas as do Prêmio Ideal Clube de Literatura e Prêmio Sesc de Contos. Publicou três livros no gênero conto: *A cadeira de barbeiro* (2015), *O desespero do sangue* (2018) e *Quando morrem as bonecas* (2025). Em 2019 participou da antologia *Relicário*, do projeto *Letras & Livros*, organizado pelo jornal *O Povo*; em 2021 escreveu para várias coletâneas, entre elas o *Álbum Fortaleza Ilustrada*, da Fundação Demócrito Rocha, e foi destaque no Prêmio de Literatura Unifor. Em 2022 participou do projeto *Ao Pé da Letra* (Cetros/Uece). Menção Honrosa no 2º. Concurso Literário *Pintura das Palavras* (2022) e no 33º. Concurso de Contos *Paulo Leminski* (2024). É colaboradora efetiva da revista *Gente de Ação*.

Pintoras & Pintores



AGRIPINO COSTA NETO – Arquiteto e urbanista, graduou-se na Universidade Federal do Ceará (UFC, 1990) e tornou-se mestre em Arquitetura e Urbanismo em Dinâmica do Espaço Habitado na Universidade Federal de Alagoas (DEHA/UFAL, 2013). Atualmente é doutorando no Programa de Pós-graduação em Arquitetura e Urbanismo – Cidades (PPGAU/UFAL, 2025). Tem o desenho e as técnicas de pintura como importantes ferramentas de expressão gráfica e artística, recursos de apreensão do espaço e ofício de projetar. Participou com ilustrações de edificações arquitetônicas “Retraços de São Cristóvão” no Festival de Artes de São Cristóvão – SE (FASC, 2019); “Muitos desenhos por vez” (Ouro Preto – MG, 2019). Integrante, com outros ilustradores, do e-book da série “*Sketchers do Brasil*” – *Urban Sketchers* Fortaleza, 2020; Exposição individual “Sergipe em 75 ilustrações” (Campus de Laranjeiras - CampusLar, 2024). Lançou o e-book “Traços e Texturas – 30 ilustrações comentadas de Aracaju”, Editora UFS (São Cristóvão -SE, 2024). Professor efetivo do curso de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Sergipe (UFS), ministrante das disciplinas de Geometria Descritiva e Projeto Arquitetônico.

ALBIO SALES – É artista visual, arquiteto e urbanista (UFC), licenciado em Arte e Educação (FGF); mestre em Urbanismo (UFPE), com doutorado em História/História da Arte (UFPE) e estágio de Pós-doutorado (UP-Pt). É pesquisador das áreas de Educação e Arte de Programas de Pós-graduação da UECE e do IFCE e docente do curso de graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Christus. Dentre as exposições e mostras que participou destacam-se: Prêmio Pirelli – MASP – São Paulo (1983), UNIFOR Plástica – Fortaleza (1983 e 1984), Salão de Abril – Fortaleza (1986), Prêmio El Caliu (2006 e 2007) na Espanha, The International Small Engraving Salon (2006) na Romênia e Exposição Bicentenário da Confederação do Equador (2024) no hall da ALECE em Fortaleza. É membro da Academia Cearense de Artes. Autor e coautor de 42 artigos de periódicos, 36 capítulos de livros e organizador de 08 livros com temáticas de arte e educação, arte visuais, história da arte e da arquitetura.

ALÊ MATOS – É arquiteto e urbanista especialista em gerenciamento de projetos, artista plástico e escritor. Em seu escritório, Alesson Matos Arquitetos (AMA) incorpora suas linguagens artísticas como parte fundamental no desenvolvimento de seus projetos autorais. Nas artes visuais, é coordenador do coletivo de desenho *Urban Sketchers* Fortaleza, desenvolvendo registros e ilustrações da cidade a partir do desenho de observação. A trajetória nas artes começou ainda na infância, influenciado diretamente por seu pai, com quem aprendeu os primeiros traços de desenho. A afinidade com o desenho se aprofundou ao longo dos anos e foi reforçada durante sua formação, quando passou a enxergar o desenho não apenas como expressão artística, mas também como uma poderosa ferramenta de concepção e comunicação de ideias. Atua também como professor universitário na Universidade Christus, dedicando-se ao ensino nas áreas de projeto arquitetônico e apresentação de projetos no curso de Arquitetura e Urbanismo, e na representação gráfica de projetos no curso de Engenharia Civil.

CRISTINA CASTRO – Nasceu em Fortaleza em 1967, é graduada em História pela Universidade Vale do Acaraú (UVA) e pós-graduada em História do Brasil e Artes Visuais. Cursando Pedagogia, no 3º semestre. Trabalhou como coordenadora pedagógica do 3º Ciclo “História e Estética do Maracatu Cearense” (Solar). Coordenadora Pedagógica Adjunta “Ponto de Cultura Fortaleza dos Maracatus” (Solar). Coordenadora do restauro do Painel “Abolição da Escravatura no porto do Ceará” Raimundo Cela, pesquisa histórica e registro fotográfico.

FELIPE LANDIM – É arquiteto e *urban sketcher*. No campo das artes visuais, integra o coletivo Urban Sketchers Fortaleza desde 2017, desenvolvendo ilustrações e registros da cidade a partir do desenho de observação. Graduado pela Universidade Federal do Ceará (UFC) e especialista em Tecnologia do Ambiente Construído pelo Instituto Centro de Ensino Tecnológico (Centec), é arquiteto do Governo do Estado do Ceará desde 2014, atualmente na Superintendência de Obras Públicas (SOP). Atua também como professor universitário desde 2015, dedicando-se ao ensino nas áreas de sistemas estruturais, conforto ambiental e representação gráfica no curso de Arquitetura e Urbanismo.

FELIPE LIMA – É arquiteto e mestre em Educação. Interessa-se pelas relações entre cidade, formação e desenvolvimento humano, articulando sua trajetória entre arquitetura, educação e tecnologia. Com perfil comunicativo, criativo e intenso, transita por diferentes linguagens e experiências, do yoga ao jiu-jitsu, da pintura à escultura, mantendo a busca pelo aperfeiçoamento pessoal, profissional e intelectual.

FRANCISCO CHAGAS – Jornalista, escritor e artista visual formado pela Universidade Federal do Ceará (UFC), com pós-graduação em Comunicação e Mídia Contemporânea (FIC), trabalhando no Banco do Nordeste do Brasil, na área de Comunicação. Trabalhou com arte publicitária no SENAC/Casas Pernambucanas e Diário do Nordeste. Eventualmente, participa de atividades artístico-culturais, como exposições de arte e concursos literários. Além de artista visual, escreve crônicas, poesias e é autor da obra *O Duelo de Lampião e Dom Quixote* (1ª. edição, 2010/BNB Cultura da Geste/2ª. edição, 2024 – Editora Astrolábio).

FRANCISCO WAGNER – Artista visual consagrado, pedagogo e especialista em Metodologia do Ensino da Arte–UECE. Tem participação em várias exposições individuais e coletivas: MASP- São Paulo, Petrobrás - Rio de Janeiro, Desenbanco – Bahia, Galeria Itaú – Brasília, IBEU Galeria – Ceará, MAUC – Ceará, Espaço Cultural dos Correios – Ceará. Participação em livros: *Uma Visão da Arte no Ceará* - Galeria Inêz Fiuza, 1987; *Paisagem Cearense - Século XX* - Banco do Nordeste; *Cores de Linhas e Formas* - ZAP Arte no Maciço de Baturité - Governo do Estado do Ceará e *O Risco das Decisões* - Alcides Matos.

HAONIY R. BERNARDO – Artista plástico, aquarelista e arte-educador. Atua desde 2021 com arte educação, voltada tanto para crianças como para adultos, onde busca trabalhar o desenho de observação. Além disso, desde o início de 2025, faz parte da coordenação do movimento dos *Urban Sketchers* Fortaleza, promovendo o desenho de observação como uma prática coletiva e engajada. Acredita profundamente no poder do desenho como ferramenta de preservação do patrimônio material e imaterial, reconhecendo nele um gesto político e transformador. Sua atuação combina arte, educação e ativismo urbano, valorizando os modos de vida, as paisagens e as memórias que definem os lugares e suas comunidades.

HENRIQUE SARAIVA – Formado em Educação Física pela Universidade Federal do Ceará, atua como personal trainer desde 2012. Praticante de esportes como Kitesurf, Surf, Vôlei de Praia, trilhas em florestas e cachoeiras, inspira-o a registrar momentos de alegria desses lugares em nankim. O gosto por transformar a realidade ao seu redor, ver na arte uma forma de expressar as vontades intrusivas de superar as limitações do ego. Começando com esculturas de bonecos de fios na infância à construção móveis de marcenaria, ver seu trabalho artístico amador como uma verdadeira multiplicidade de temas para estimular o cérebro a estar sempre ativo e desenvolvendo novas habilidades, sejam elas no campo físico, mental e espiritual.

JOÃO LUSTOSA – É artista visual, arquiteto e urbanista (UNIFOR) e pesquisador. Trabalha com desenho, aquarela e performance como formas de escuta da cidade e de seus habitantes. Sua prática investiga o retrato contemporâneo como campo de encontro, sobreposição e memória, onde o gesto, o tempo e a presença constroem imagens instáveis e compartilhadas. João também é *urban sketcher*, buscando, por meio de técnicas mistas com aquarela e nanquim, contar as histórias da arquitetura das cidades e mostrar a interação dessas obras com a vida urbana ao seu redor. Participou de algumas exposições coletivas, integrando também exposição fixa no Museu dos Bombeiros, em Fortaleza.

LIA COSTA MAMEDE – Artista visual. Graduada em arquitetura e urbanismo pela Universidade de Fortaleza (2005). Mestrado em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte (2011). Atualmente é professora do curso de arquitetura e urbanismo e do curso de design de interiores da Universidade de Fortaleza. Membro da Academia Cearense de Artes.

MARCOS BANDEIRA – É arquiteto e urbanista (UFC, 1997), mestre em Arquitetura e Urbanismo (Mackenzie SP, 2014), professor da Universidade de Fortaleza (UNIFOR), ilustrador e artista visual. No cenário artístico fundou, em 2011, o grupo de desenho de observação *Urban Sketchers* Fortaleza com o qual já organizou 91 encontros locais e o 2º Encontro Regional do USk Brasil em 2023. Também já participou de 11 exposições coletivas destacando-se entre elas: Cenas do Cotidiano (UNIFOR/2011), Mestres e Aprendizes (UNIFOR/2012), 3º Encontro USk Brasil (Escola

de Artes da UFBA/2018), Interseção Arte/Arquitetura (MAUC-UFC/2020), Pedra e Luz: a arte criando centelhas (Espaço Cultural de Memória do MGI-CE/2024), BENFICA 2890 (MAUC-UFC/2025) e Coletânea Academia de Artes do Ceará (Shopping Benfica/2025). No mercado editorial teve seus desenhos e ilustrações publicados nos livros: *Sketchers do Brasil* (Curitiba/2016), *1º encontro USK Norte-Nordeste: patrimônio cultural e ambiental* (Natal/2019), *Fortaleza Ilustrada* (SECULT - Fortaleza/2021) e *Acessibilidade Arquitetônica: método eficiente para aplicar a acessibilidade em seus projetos e obras* (São Paulo/2023).

PASCELLI – O artista plástico **Pascelli Araújo**, conhecido por suas pinturas realistas e cheias de cores, é daltônico. Apesar da condição, ele encontrou na arte um caminho de expressão e superação, transformando sua forma única de ver o mundo em obras vibrantes que encantam o público. Começou a pintar profissionalmente em 2012, em Sobral, após se inspirar em uma parede colorida. Pascelli aprendeu a memorizar e nomear cada tom, criando um método próprio para harmonizar as cores em suas telas. Nas redes sociais, seu trabalho já viralizou diversas vezes e atrai admiradores de todo o Brasil. Entre os que sonham em ter um quadro de Pascelli em casa estão personalidades conhecidas, encantadas pelo talento e pela história inspiradora do artista.

SANDRA AMORIM – Nasceu em Fortaleza-CE; graduou-se em Artes Plásticas pela FGF (Faculdade Gama Filho); desde a infância, o desenho e a pintura lhe causavam verdadeiro fascínio. Estudou pintura no MAUC com Anchises, cursou História da Arte (Instituto Dragão do Mar) com Jane Lane Sandes e cursou escultura em silicone e resina ministrado pelo francês Gilles Weyne Robert. Participou de várias exposições coletivas e obteve algumas premiações. Em 1999, inaugurou a SandrArt Atelier Galeria, atelier e espaço cultural para mostra de artes. Atualmente dedica-se exclusivamente à pintura, fazendo exposições e ministrando aulas para a educação especial na APAE (Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais) de Fortaleza-CE desde 2008 e na própria galeria de artes desde 2010.

VALBER BENEVIDES – Natural de Itapipoca-CE, iniciou sua paixão pelo desenho ainda na infância, em Fortaleza. O renomado artista visual, pintor, escultor, chargista e caricaturista, é reconhecido pela versatilidade técnica (aquarela, óleo, acrílica) e caricaturas esculturais. Pioneiro na charge animada na TV Jangadeiro, possui prêmios nacionais e internacionais. Vencedor de prêmios importantes, como no Salão dos Novos de Fortaleza, Salão de Abril, Salão de Humor do Piauí, Carioca de Humor e Bienal de Quadrinho, foi chargista do jornal O POVO, fez o famoso mural do antigo Cais Bar (Praia de Iracema), é caricaturista no programa “Leruaite” da TVC.

VLAMIR DE SOUSA SILVA – Natural de Fortaleza, nascido em 28/09/1966, filho de Margarida de Souza. Participou dos primeiros movimentos artísticos no Ceará pela SCAP, ao lado de Aldemir Martins, Antônio Bandeira, Carmélio Cruz; neto de

Jacinto de Souza, exímio artista popular da década de 30. Faz parte da terceira geração de artistas da família. Retrata, muralista, ilustrador, escultor e restaurador, reporte das cenas do cotidiano, memorialista. Durante vinte anos fez uma pesquisa sobre o cangaço, na qual desenvolveu um trabalho que resultou em mais de cem telas. Quis contar a história desse movimento sob uma ótica diferente, uma perspectiva mais humana. Teve participação em diversas exposições coletivas no Ceará e em outros estados. Possui obras ilustrando revistas, livros, jornais e cinema. Ao longo de sua carreira artística conseguiu várias premiações, com obras em vários países. Declara-se apaixonado pelos temas regionais, os quais elevam a cultural do Ceará pelo Brasil e pelo mundo.

ZEZÉ DE SALES – Artista visual com licenciatura plena em Desenho e Plástica (UFGO). cursou especialização em Metodologia do Ensino de Artes na UECE. Participou de mostras, destacando-se dentre elas: Salão de Arte do IAG-UFGO, Goiânia-GO(1974); Salão da Primavera, promovido pela SFC, Cartaxo Portugal (1980); Salão “08 de Maio – Dia do Artista Plástico” no ECA Abolição, Fortaleza (2006); International Small Engraving Salon na Romênia (2006); Salão de Gravura El Caliu em Girona - Espanha (2006) e Exposição Bicentenário da Confederação do Equador no hall da ALECE em Fortaleza (2024). Possui experiência no ensino de artes tendo lecionado aulas de desenho, pintura e escultura no Ateliê Cores Vivas (1991); ministrou disciplinas de arte em cursos de formação de professores Magister na UECE e UFC. Participou de organização de exposições, dentre elas a 08 de março dia da mulher. Realizou curso de aquarela com a professora Érika Lang em seu ateliê particular na cidade Mülacker- Alemanha (1985); performace na Faculdade de Educação da UFC em co-autoria com Albio Sales (1993); performace na VI Semana Universitária da UECE, em Fortaleza-CE (2003); participou do Festival Vida e Arte, com a instalação “Você tem fome de ver? Um olhar sobre elementos do patrimônio cultural cearense”, em co-autoria com Albio Sales (2005); passou a integrar o Grupo de Gravura do Galpão de Arte, coordenado por Júlio Silveira, em Fortaleza-CE (2005-2006). Publicações on-line: http://www.cmc.ro/floean_museum/salons/index.php.





ILUSTRAÇÕES DA OBRA

[por ordem de aparição no livro]

[p. 16-17] Pascelli, *300 anos Fortaleza*

[p. 18] Marcos Bandeira, *Theatro José de Alencar*

[p. 20-21] João Lustosa, *Farol do Mucuripe*

[p. 36-37] Alê Matos, *Praça do Ferreira*

[p. 54-55] Sandra Amorim, *Igreja de Nossa Senhora da Prainha*

[p. 62-63] Felipe Landim, *Mercado São Sebastião*

[p. 72-73] Henrique Saraiva, *Faculdade de Direito*

[p. 84-85] Francisco Chagas, *Praça dos Leões*

[p. 102-103] Felipe Lima, *Igreja Pequeno Grande*

[p. 110-111] Albio Sales, *Igreja do Rosário*

[p. 116-117] Haoniy R. Bernardo, *Centro Dragão do Mar*

[p. 130-131] Cristina Castro, *Ponte do Rio da Barra do Ceará*

[p. 134-135] Lia Costa Mamede, *Estádio Castelão*

[p. 140-141] Zezé de Sales, *Justiniano de Serpa (Escola Normal)*

[p. 146-147] Agripino Costa Neto, *Estoril*

[p. 162-163] Francisco Wagner, *Caixa D'água da Faculdade de Direito*

[p. 184-185] Vlamir de Sousa Silva, *Catedral*

[p. 192-193] Valber Benevides, *Fortaleza 300 anos*

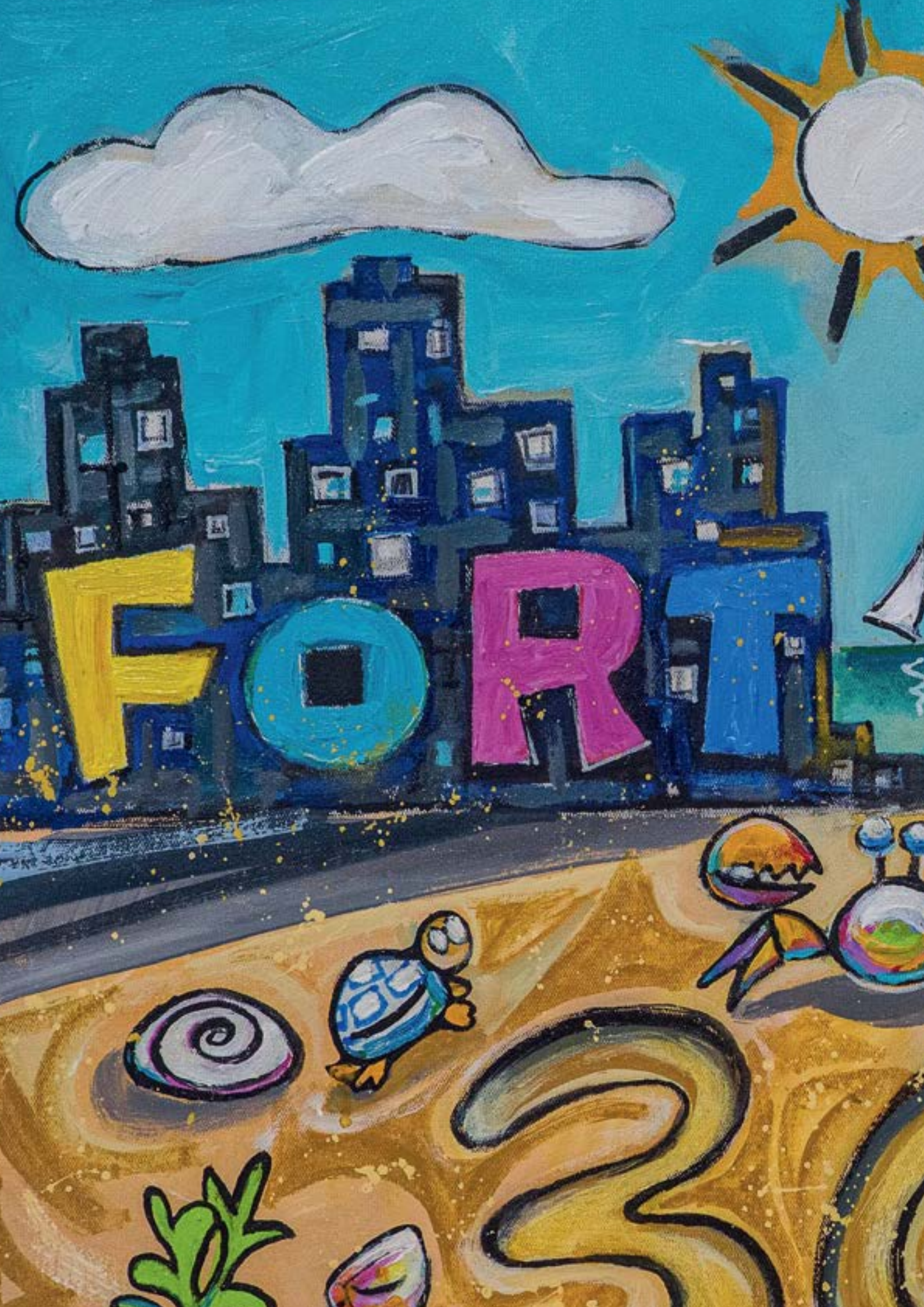
(CRÔNICAS, POEMAS E MÚSICAS)

[em ordem alfabética]

1. Acrísio Sena [p. 32]
2. Alan Mendonça [p. 56]
3. Alexandre Cialdini [p. 151]
4. Ana Márcia Diogénes [p. 19]
5. Antônio Miranda [p. 46]
6. Argentina Castro [p. 70]
7. Arminda Serpa [p. 144]
8. Artur Bruno [p. 27]
9. Aurelina Farias [p. 104]
10. Baticum Proletário [p. 132]
11. Brennand Bandeira [p. 68]
12. Bruno Paulino [p. 74]
13. Carlinhos Crisóstomo & Sebastião de Paula [p. 100]
14. Chico Araújo [p. 30]
15. Cícero Cavalcante [p. 51]
16. Cicinato Ferreira [p. 77]
17. De Assis Diniz [p. 90]
18. Dércio Braúna [p. 164]
19. Dulce Ane Lucena [p. 153]
20. Elias de França [p. 33]
21. Emanuela Ribeiro [p. 79]

22. Evandro Leitão [p. 22]
23. Fabrício Gomes [p. 112]
24. Falcão [p. 92]
25. Gláucia Lima [p. 148]
26. Grecianny Carvalho Cordeiro [p. 95]
27. Iara Palácio [p. 143]
28. Idilvan Alencar [p. 86]
29. Isabel Pires [p. 138]
30. Joelina Amélia [p. 97]
31. Kelsen Bravos [p. 81]
32. Kleber Silveira [p. 43]
33. Klévisson Viana [p. 118]
34. Lisiane Forte [p. 160]
35. Luiz Carlos Diogénes [p. 136]
36. Mailson Furtado [p. 61]
37. Márcia Ximenes [p. 83]
38. Mirelle Costa [p. 48]
39. Nazário Viana [p. 64]
40. Nilson Fernandes [p. 156]
41. Patricia Cacau [p. 88]
42. Paulo Fraga-Queiroz [p. 114]
43. Raymundo Netto [p. 66]
44. Renato Pessoa [p. 25]
45. Rosa Morena [p. 142]
46. Tarcísio Matos [p. 108]
47. Wildys Oliveira [p. 38]
48. Zélia Sales [p. 158]

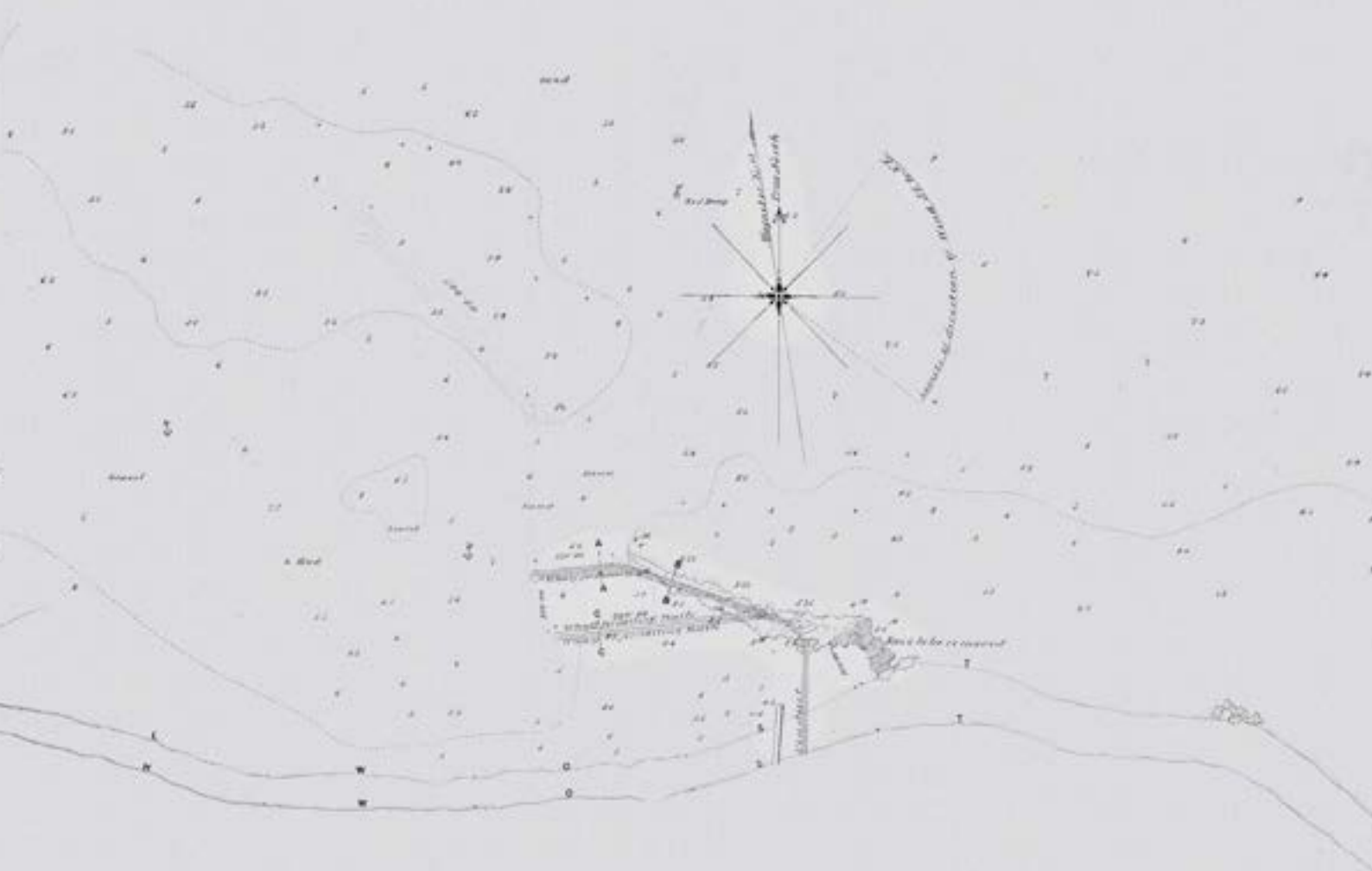






À NOSSA FORTALEZA foi composto utilizando-se fontes Dante MT Std (corpo do texto), Noto Sans Bold (títulos) e Hoefler Text (detalhes) e impresso pela Gráfica LCR para as Edições Fundação Sintaf em março de 2026.

300





Aniversário de 300 anos só ocorre uma vez, e isto pede uma revisitação emotiva e conscienciosa. A História não se conserva só na lembrança do frio fato congelado, mas também pela chama acesa das reinterpretações.

O Sindicato dos Fazendários do Ceará e a Fundação Sintaf pensaram em prestigiar esta efeméride com uma obra de arte para a história. Além da arte literária que aí se apresenta, com mais volume, segue também imagens de gravuras e quadros feitos por artistas fortalezenses e ainda duas músicas que podem ser ouvidas a partir da captura de um QR Code que a elas remetem. Desta forma, poemas, crônicas, cordel, gravuras, pinturas e músicas formam a miscelânea de trabalhos artísticos inéditos. O conjunto da obra orientou-se pelo apelo exclusivo de homenagear nossa Fortaleza tricentenária em 13 de abril de 2026, com o olhar subjetivo e sentimento singular de cada autoria.

Não é somente um livro, o que se quer é um presente à nossa Fortaleza - cidade que amamos, resolutamente, a despeito de certos ódios que nos acomete no curso de um modelo civilizatório segregacionista. O desenvolvimento será sempre social e ecológico. Atalha e retifica a rota falaciosa do estrito crescimento econômico. Fortaleza é bela, contudo! Se um dia foi destino final dos sertões adustos, o sonho do mar sem fim permanece sem dar as costas para o interior, sempre acolhendo-o. Por origem ou adoção, somos fortalezenses, de coração, autoras e autores desta obra.

ISBN: 978-85-66674-11-8



Realização:



Patrocínio:

